



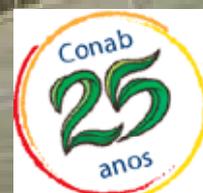
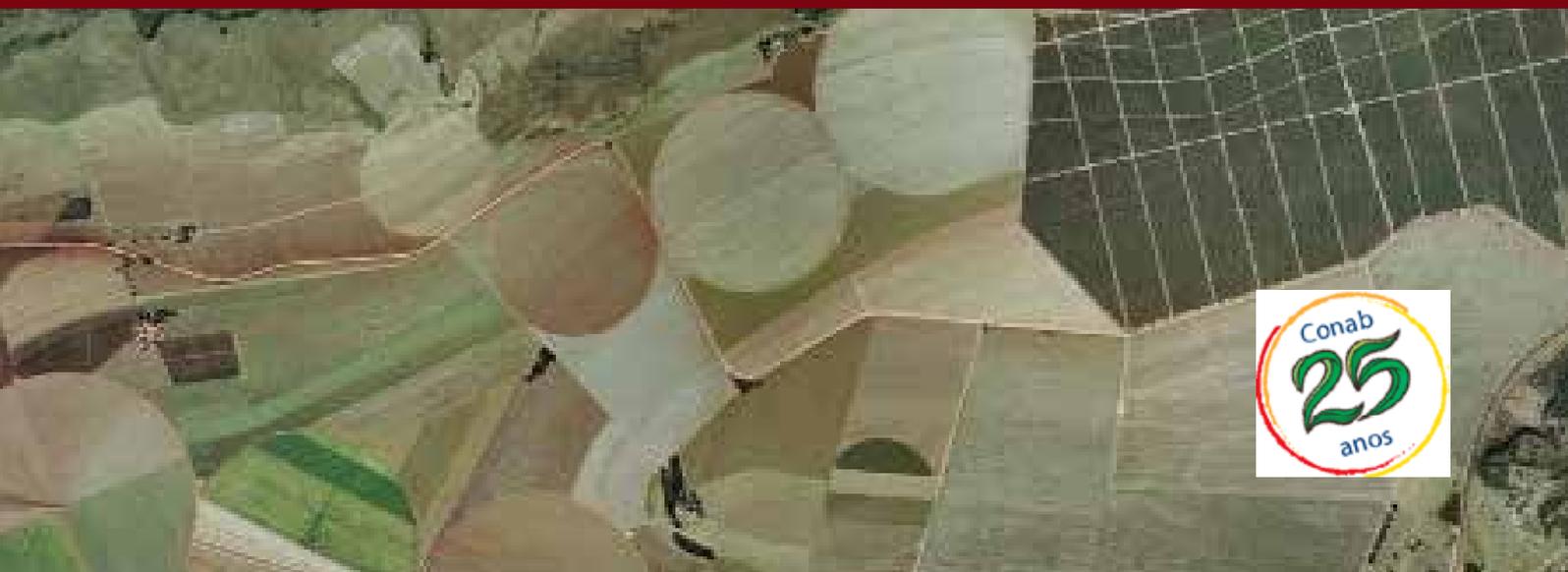
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 4 - SAFRA 2017 - N. 1 - Primeiro levantamento | **JANEIRO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**Diretoria de Gestão de Pessoas (Dígep)**

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dípai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Elza Mary de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (Menor Aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (Estagiária)

Guilherme Aílson de Sousa Nogueira (Estagiário)

Gilson Panagiotis Heusi (Estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Kelvin Andres Reis (Estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V.4 - SAFRA 2017 - N.1 - Primeiro levantamento | **JANEIRO 2017**

Monitoramento agrícola – Café – Safra 2017

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 4 – Safra 2017, n.1 - Primeiro Levantamento, Brasília, p. 1-98, jan.2017

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-7913

Tiragem: 1.000

Impresso no Brasil

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint) Andrea Malheiros Ramos (Inmet) Rogério Dias Coimbra (Geint)
Antônio Sérgio Ribeiro Camelo (Geint)

Colaboradores das Superintendências

AM - Pedro Jorge Benício Barros.

BA - Marcelo Ribeiro, Ednabel Lima, Aurendir de Melo, Gerson dos Santos, Jair Ilson Ferreira, Jair Lucas Junior, Israel Santos e Joctã Lima.

ES – Maicow Paulo de Almeida, Ismael Cavalcante Maciel Júnior e Paulo Roberto de Luna.

GO – Espedito Leite Ferreira, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Roberto Alves de Andrade, Rogério César Barbosa e Sírio José da Silva Júnior.

MG – José Henrique Rocha Viana de Oliveira, João Eduardo Lopes, Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Márcio Carlos Magno, Patrícia de Oliveira Sales, Pedro Pinheiro Soares, Sérgio Starling de Lima e Telma Ferreira e Silva .

MT - Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Jacir Lopes da Silveira.

PR - Rosimeire Laretto, Daniela Furtado de Freitas Yanaga, José Segundo Bosqui.

RJ - Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F Carvalho.

RO – João Adolfo Káspér, Niécio Campanati Ribeiro e Thales Augusto Duarte Daniel.

SP - Antonio Carlos Costa Farias, Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Belloli Breviglieri.

Instituições Parceiras

AM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (Idam);

BA - Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiaater);

ES - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper);

MG - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

MT - Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer);

PR - Departamento de Economia Rural (Deral);

RJ - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

RO - Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão (Emater);

SP - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) - IEA (Instituto de Economia Agrícola).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Yamashita/Guilherme dos Reis Rodrigues

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 4, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-

v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área cultivada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 16



5. Estimativa de produção ----- 19



6. Crédito rural -----25



7. Prognóstico climático - Inmet -----27



7. Monitoramento agrícola -----32



9. Avaliação por estado -----	42
9.1. Minas Gerais -----	42
9.2. Espírito Santo -----	48
9.3. São Paulo -----	51
9.4. Bahia -----	55
9.5. Rondônia -----	63
9.6. Paraná-----	66
9.7. Rio de Janeiro -----	68
9.8. Goiás -----	69
9.9. Mato Grosso-----	72
9.10. Amazonas-----	74



10. Receita Bruta -----	77
--------------------------------	-----------



11. Preços do café beneficiado -----	82
---	-----------



12. Exportação e importação -----	86
--	-----------



13. Parque Cafeeiro -----	89
----------------------------------	-----------



14. Calendário de colheita -----	92
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção da safra de 2017 está estimada entre 43.650,1 e 47.509,8 mil sacas beneficiadas de café. A área total utilizada com a cultura deve ser de 2.228,2 mil hectares (331,8 mil hectares em formação e 1.896,4 mil hectares em produção).

A produção de arábica deve se situar entre 35.013,1 e 37.881,7 mil sacas. Este ano é de bienalidade negativa na maior parte dos estados produtores o que, consequentemente, resulta numa produtividade média menor do que o ano anterior e maior área a ser manejada.

A produção do conilon estimada entre 8,64 e 9,63 milhões de sacas. A estimativa é de que as produtividades comecem a se recuperar, frente a forte escassez de chuvas dos últimos anos.

Minas Gerais (25,4 a 26,81 milhões de sacas)

Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste): a redução da área e produtividade refletem numa produção inferior à safra anterior entre 21,4 e 17%, tendo em vista o ano de bienalidade negativa.

Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): em ano de bienalidade negativa, a redução de área e produtividade refletem numa produção inferior à safra anterior entre 40,1 e 36,7%.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): Apesar do leve aumento na área em produção, a produção deve ser de 19,4 a 26% maior do que a safra

anterior, tendo em vista a bienalidade positiva para a cultura nesta safra.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): área menor e produção 2,5 a 8,3% superior à obtida em 2016, que foi penalizada pelas condições climáticas desfavoráveis.

Espírito Santo (7,34 a 8,43 milhões de sacas)

As condições climáticas desfavoráveis atravessadas pelas lavouras de conilon em 2016 e a falta de mudas para plantio levaram a uma forte redução de área, além do ciclo de bienalidade negativa no arábica. Produção estimada entre 2,5 a 8,3% superior à safra 2016.

São Paulo (4,05 a 5 milhões de sacas)

Redução na produção, devido ao ciclo bienalidade negativa e alto índice de podas, nas áreas em produção da safra 2017.

Bahia (2,98 a 3,14 milhões de sacas)

Cerrado: Redução de área em produção. Área irrigada, com perspectivas de produtividade superior à da safra 2016.

Planalto: Estimativa de recuperação da produtividade nesta safra, tendo em vista o impacto da estiagem na formação de grãos na safra passada.

Atlântico: Incremento de área e produtividade refletem numa produção bem superior à anterior. Produtividade prevista entre 31 e 34 sacas por hectare, ante 18 sacas em 2016.

Rondônia (1,87 a 1,99 milhão de sacas)

Crescimento entre 14,9 e 22,1%. Aumento produtividade, devido à renovação do parque cafeeiro com a implantação de lavouras clonais.

Paraná (1,2 a 1,3 milhão de sacas)

Crescimento de 14,6 a 24,2%. Com a forte geada em 2013, houve inversão na bienalidade da cultura, sendo positiva para este ano.

Rio de Janeiro (340,3 a 357,7 mil sacas)

Área e produtividade semelhante a safra anterior.

Goiás (199 a 207,2 mil sacas)

Redução na produção entre 12,3 e 8,6%, devido à redução de área e ao ciclo de bienalidade negativa. Área irrigada

Mato Grosso (165,6 a 174,1 mil sacas)

A forte redução de área é compensada pelo aumento na produtividade média.

Amazonas (6,7 mil sacas)

Apesar da manutenção de área, a produção deve ser 11,7% superior a safra passada em função do ganho de produtividade.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza o acompanhamento da safra brasileira de café desde a safra 2001, sendo que quatro estimativas são divulgadas anualmente. Os levantamentos de informações são realizados com visitas a produtores, cooperativas, e agentes envolvidos na cadeia produtiva da cultura.

O primeiro levantamento ocorreu em dezembro, com divulgação em janeiro, acontecendo no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a boa uniformidade e qualidade dos grãos. Neste levantamento as informações serão de um ano de bialidade negativa, o que, naturalmente, possui produtividades inferiores a safra anterior. Essa é uma característica de culturas permanente, sobretudo no café arábica, que é a maior produção do país.

O segundo levantamento ocorrerá em abril, com divulgação em maio, no período pré-colheita, onde menos de 20% do café do país foram colhidos.

O terceiro levantamento, a ser realizado em agosto e divulgado em setembro, ocorre no período de plena colheita no país, que ocorre de março a outubro, todavia é concentrada entre maio e agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já terá ultrapassado 90% do total.

O quarto levantamento será realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês. É o último da safra e com-

preende o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada e as estimativas são corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando permitir a elaboração de planejamentos estratégicos por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes, ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

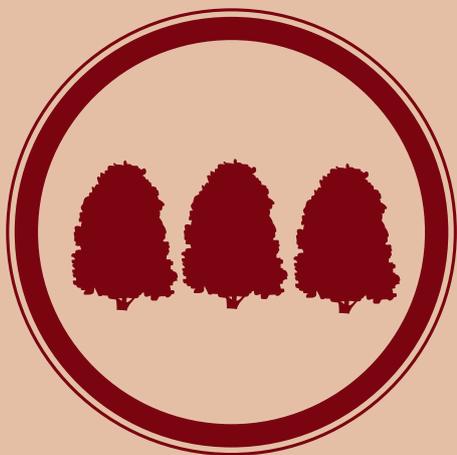
A realização desses levantamentos de dados pela Co-

nab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores citados na contracapa deste boletim. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira, com muita dedicação. Na oportunidade a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, e Amazonas), que correspondem a cerca de 99,6% da produção nacional.



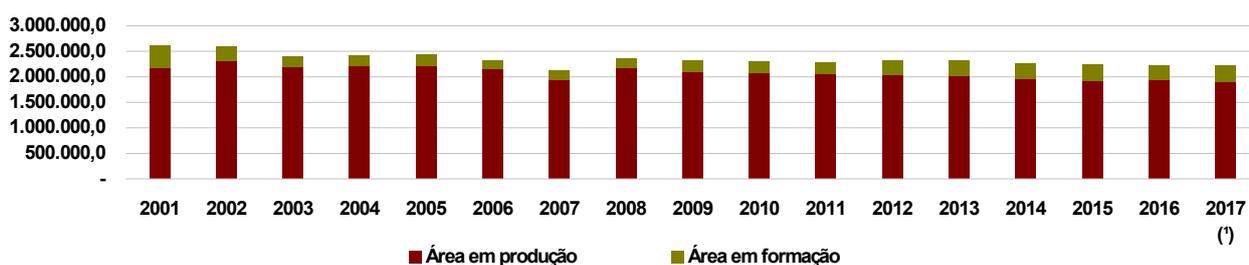


3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

3.1. ÁREA TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2,23 milhões hectares, 0,2% superior à cultivada em 2016. Desse total, 331,82 mil hectares (15%) estão em formação e 1,9 milhões de hectares (85%) em produção.

Gráfico 1 – Área total de café (arábica e conilon) no Brasil



Legenda: (t) Estimativa em janeiro/2017.
Fonte: Conab.

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	7.044,0	0,8	88.699,4	88.486,4	(0,2)	95.690,4	95.530,4	(0,2)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
AM	66,0	66,0	-	429,4	429,4	-	495,4	495,4	-
PA	21,0	74,0	252,4	613,0	400,0	(34,7)	634,0	474,0	(25,2)
NORDESTE	12.408,0	15.659,0	26,2	149.753,0	155.466,0	3,8	162.161,0	171.125,0	5,5
BA	12.408,0	15.659,0	26,2	149.753,0	155.466,0	3,8	162.161,0	171.125,0	5,5
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	6.802,0	(0,8)	92.533,0	92.558,0	-	99.390,0	99.360,0	-
Atlântico	2.722,0	5.507,0	102,3	45.892,0	53.238,0	16,0	48.614,0	58.745,0	20,8
CENTRO-OESTE	3.333,5	3.276,5	(1,7)	19.819,6	18.786,8	(5,2)	23.153,1	22.063,3	(4,7)
MT	1.577,0	1.401,0	(11,2)	14.193,0	13.318,0	(6,2)	15.770,0	14.719,0	(6,7)
GO	1.756,5	1.875,5	6,8	5.626,6	5.468,8	(2,8)	7.383,1	7.344,3	(0,5)
SUDESTE	245.553,0	302.631,0	23,2	1.633.795,0	1.578.347,0	48,2	1.879.348,0	1.880.978,0	0,1
MG	188.782,0	241.086,0	27,7	1.009.481,0	977.444,0	(3,2)	1.198.263,0	1.218.530,0	1,7
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	147.491,0	37,2	524.220,0	493.981,0	(5,8)	631.746,0	641.472,0	1,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	44.579,0	74,9	183.076,0	169.215,0	(7,6)	208.562,0	213.794,0	2,5
Zona da Mata, Rio Doce e Central	52.691,0	45.783,0	(13,1)	269.593,0	281.914,0	4,6	322.284,0	327.697,0	1,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	3.079,0	3.233,0	5,0	32.592,0	32.334,0	(0,8)	35.671,0	35.567,0	(0,3)
ES	42.059,0	46.970,0	11,7	410.057,0	385.538,0	(6,0)	452.116,0	432.508,0	(4,3)
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.062,0	0,3	13.879,0	13.919,0	0,3
SP	13.855,0	13.718,0	(1,0)	201.235,0	202.303,0	0,5	215.090,0	216.021,0	0,4
SUL	3.860,0	2.790,0	(27,7)	46.160,0	46.240,0	0,2	50.020,0	49.030,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.790,0	(27,7)	46.160,0	46.240,0	0,2	50.020,0	49.030,0	(2,0)
OUTROS (*)	641,0	419,0	(34,6)	12.450,6	9.049,0	(27,3)	13.091,6	9.468,0	(27,7)
NORTE/NORDESTE	19.399,0	22.703,0	17,0	238.452,4	243.952,4	2,3	257.851,4	266.655,4	3,4
CENTRO-SUL	252.746,5	308.697,5	22,1	1.699.774,6	1.643.373,8	(3,3)	1.952.521,1	1.952.071,3	-
BRASIL	272.786,5	331.819,5	21,6	1.950.677,6	1.896.375,2	(2,8)	2.223.464,1	2.228.194,7	0,2

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em janeiro/2017.



3.2. ÁREA TOTAL DE ARÁBICA

A área plantada do café arábica no país soma 1,78 milhões hectares, o que corresponde a 79,9% da área existente com lavouras de café. Para a nova safra, estima-se crescimento de 1% (17,16 mil hectares). Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1,20 milhões de hectares, correspondendo a 67,8% da área ocupada com café arábica, em nível nacional.

A área plantada de café arábica no país tem se mantido estável nos últimos 10 anos e gira em torno de 1,78 milhões de hectares. Além dos ciclos plurianuais

de preços e produção de café, o café arábica é caracterizado por flutuações de área em produção entre as safras. Essas variações ocorrem em função do ciclo de bionalidade do café. Nos anos de ciclo de bionalidade negativa a área em formação aumenta, uma vez que os produtores optam por manejar as culturas, especialmente as áreas mais velhas, onde a produtividade é menor. Em 2017, ano de bionalidade negativa, novamente teremos um aumento de 22,3% na área em formação.

Gráfico 2 – Área de café arábica no Brasil

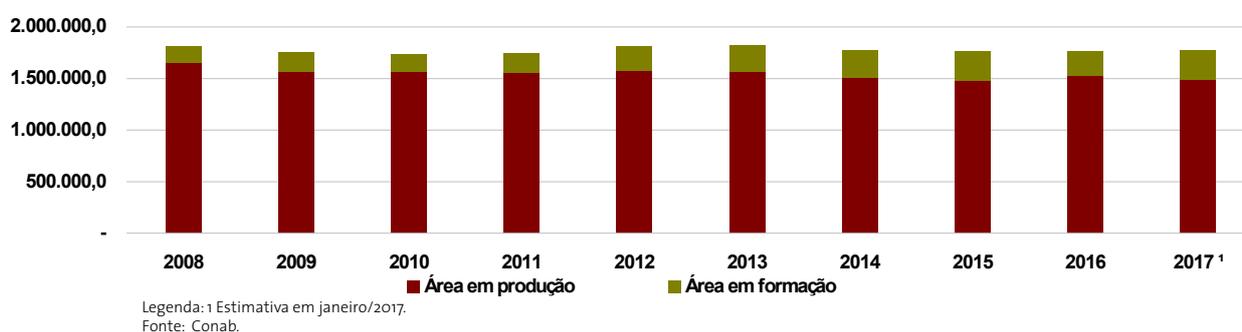


Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9.686,0	10.152,0	4,8	103.861,0	102.228,0	(1,6)	113.547,0	112.380,0	(1,0)
BA	9.686,0	10.152,0	4,8	103.861,0	102.228,0	(1,6)	113.547,0	112.380,0	(1,0)
Cerrado	2.829,0	3.350,0	18,4	11.328,0	9.670,0	(14,6)	14.157,0	13.020,0	(8,0)
Planalto	6.857,0	6.802,0	(0,8)	92.533,0	92.558,0	-	99.390,0	99.360,0	-
CENTRO-OESTE	1.756,5	1.878,5	6,9	5.696,6	5.518,8	(3,1)	7.453,1	7.397,3	(0,7)
MT	-	3,00	-	70,00	50,00	(28,6)	70,0	53,0	(24,3)
GO	1.756,5	1.875,5	6,8	5.626,6	5.468,8	(2,8)	7.383,1	7.344,3	(0,5)
SUDESTE	218.067,0	270.637,0	24,1	1.361.031,0	1.330.113,0	(2,3)	1.579.098,0	1.600.750,0	1,4
MG	187.635,0	240.142,0	28,0	996.749,0	964.625,0	(3,2)	1.184.384,0	1.204.767,0	1,7
Sul e Centro-Oeste	107.526,0	147.491,0	37,2	524.220,0	493.981,0	(5,8)	631.746,0	641.472,0	1,5
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	25.486,0	44.579,0	74,9	183.076,0	169.215,0	(7,6)	208.562,0	213.794,0	2,5
Zona da Mata, Rio Doce e Central	51.945,0	45.169,0	(13,0)	261.317,0	273.582,0	4,7	313.262,0	318.751,0	1,8
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.678,0	2.903,0	8,4	28.136,0	27.847,0	(1,0)	30.814,0	30.750,0	(0,2)
ES	15.720,0	15.920,0	1,3	150.025,0	150.123,0	0,1	165.745,0	166.043,0	0,2
RJ	857,0	857,0	-	13.022,0	13.062,0	0,3	13.879,0	13.919,0	0,3
SP	13.855,0	13.718,0	(1,0)	201.235,0	202.303,0	0,5	215.090,0	216.021,0	0,4
SUL	3.860,0	2.790,0	(27,7)	46.160,0	46.240,0	0,2	50.020,0	49.030,0	(2,0)
PR	3.860,0	2.790,0	(27,7)	46.160,0	46.240,0	0,2	50.020,0	49.030,0	(2,0)
OUTROS (*)	406,0	419,0	3,2	9.206,0	7.383,0	(19,8)	9.612,0	7.802,0	(18,8)
NORTE/NORDESTE	9.686,0	10.152,0	4,8	103.861,0	102.228,0	(1,6)	113.547,0	112.380,0	(1,0)
CENTRO-SUL	223.683,5	275.305,5	23,1	1.412.887,6	1.381.871,8	(2,2)	1.636.571,1	1.657.177,3	1,3
BRASIL	233.775,5	285.876,5	22,3	1.525.954,6	1.491.482,8	(2,3)	1.759.730,1	1.777.359,3	1,0

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em janeiro/2017.



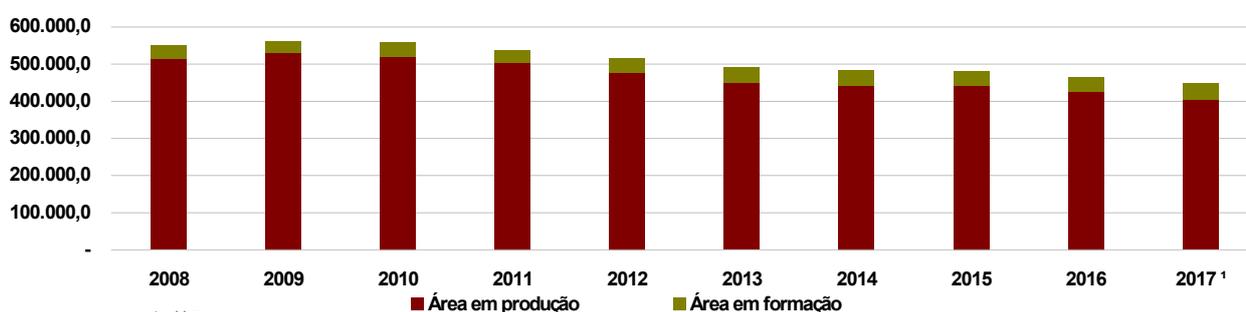
3.3. ÁREA TOTAL DE CONILON

Para o café conilon a estimativa é de redução de 2,8% na área, estimada em 450,84 mil hectares. Desse total, 404,89 mil hectares estão em produção e 45,94 mil hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 266,47 mil hectares, seguido de Rondônia, com 94,56 mil hectares e logo após a Bahia, com 58,75 mil hectares.

Apesar de também sofrer influência da bionalidade de produção, normalmente ela ocorre com menor intensidade no café conilon devido as práticas de mane-

jo. A área desta espécie vem decrescendo a cada ano. Desde 2008 a área reduziu 101,37 mil hectares. A área em formação segue praticamente estável, em torno de 38,5 mil hectares a cada ano, variando de 5 a 10% da área total. Este ano a estimativa é de redução de 12,9 mil hectares da cultura no país, em relação a 2016. A maior queda ocorre no Espírito Santo onde o forte estresse hídrico das duas últimas safras provocou a erradicação de muitas lavouras, sendo que não houve mudas disponíveis para replantio de toda a área planejada.

Gráfico 3 – Área de café conilon no Brasil



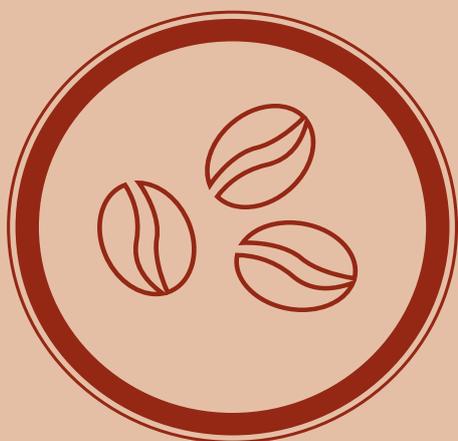
Legenda: (1) Estimativa em janeiro/2017.
Fonte: Conab.

Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.991,0	7.044,0	0,8	88.699,4	88.486,4	(0,2)	95.690,4	95.530,4	(0,2)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
AM	66,0	66,0	-	429,4	429,4	-	495,4	495,4	-
PA	21,0	74,0	252,4	613,0	400,0	(34,7)	634,0	474,0	(25,2)
NORDESTE	2.722,0	5.507,0	102,3	45.892,0	53.238,0	16,0	48.614,0	58.745,0	20,8
BA	2.722,0	5.507,0	102,3	45.892,0	53.238,0	16,0	48.614,0	58.745,0	20,8
Atlântico	2.722,0	5.507,0	102,3	45.892,0	53.238,0	16,0	48.614,0	58.745,0	20,8
CENTRO-OESTE	1.577,0	1.398,0	(11,4)	14.123,0	13.268,0	(6,1)	15.700,0	14.666,0	(6,6)
MT	1.577,0	1.398,0	(11,4)	14.123,0	13.268,0	(6,1)	15.700,0	14.666,0	(6,6)
SUDESTE	27.486,0	31.994,0	16,4	272.764,0	248.234,0	(9,0)	300.250,0	280.228,0	(6,7)
MG	1.147,0	944,0	(17,7)	12.732,0	12.819,0	0,7	13.879,0	13.763,0	(0,8)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	746,0	614,0	(17,7)	8.276,0	8.332,0	0,7	9.022,0	8.946,0	(0,8)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	401,0	330,0	(17,7)	4.456,0	4.487,0	0,7	4.857,0	4.817,0	(0,8)
ES	26.339,0	31.050,0	17,9	260.032,0	235.415,0	(9,5)	286.371,0	266.465,0	(7,0)
OUTROS (*)	235,0	-	(100,0)	3.244,6	1.666,0	(48,7)	3.479,6	1.666,0	(52,1)
NORTE/NORDESTE	9.713,0	12.551,0	29,2	134.591,4	141.724,4	5,3	144.304,4	154.275,4	6,9
CENTRO-SUL	29.063,0	33.392,0	14,9	286.887,0	261.502,0	(8,8)	315.950,0	294.894,0	(6,7)
BRASIL	39.011,0	45.943,0	17,8	424.723,0	404.892,4	(4,7)	463.734,0	450.835,4	(2,8)

Legenda: (*) Acre e Ceará.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em janeiro/2017.





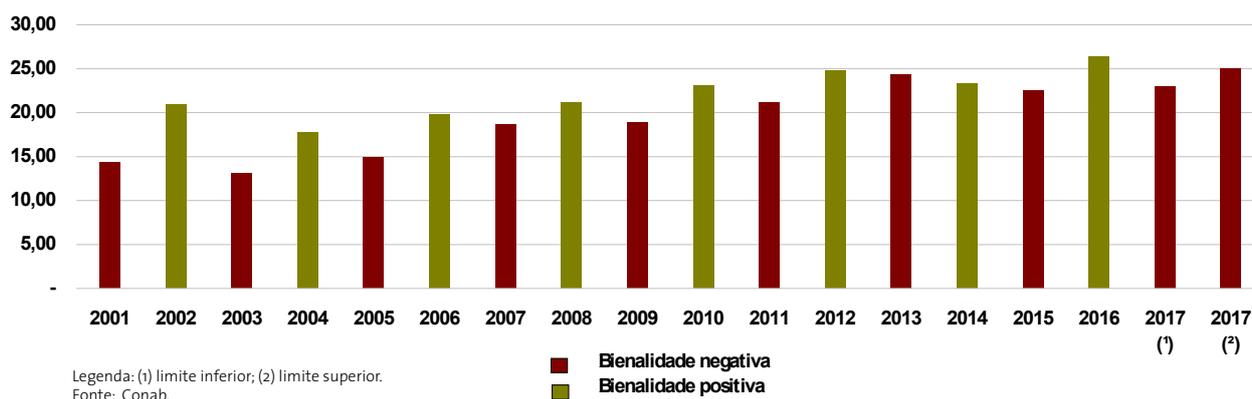
4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. PRODUTIVIDADE TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

Para a safra 2017 estima-se produtividade situe-se entre 23,02 e 25,05 sacas por hectare, equivalendo a uma redução de 12,6% a 4,9%, em relação à safra passada. A redução deve ocorrer em quase todas as principais regiões produtoras. Em todos os estados da Região Norte e Nordeste e no Mato Grosso, onde predominam o cultivo de conilon, além do Norte de Minas Gerais, a expectativa é de produtividades superiores a safra anterior em função da expectativa de melhores condições climáticas. Na Zona da Mata mineira e no Paraná a bienalidade é positiva para o arábica, o que reflete em produtividades superiores.

O melhor manejo e pacote tecnológico elevado utilizado pelos produtores tem levado, ao longo dos anos, numa diminuição da diferença entre as produtividades de ciclo positivo e negativo, como pode ser percebido entre 2001 e 2013. O ciclo bienal é, portanto, característica do cafeeiro. Contudo uma adversidade climática pode alterar o ciclo bienal, como ocorreu em 2014 que, apesar de ser uma safra positiva, a forte restrição hídrica fez com que a produtividade fosse inferior ao ano anterior.

Gráfico 4 – Produtividade de café total (arábica e conilon) no Brasil



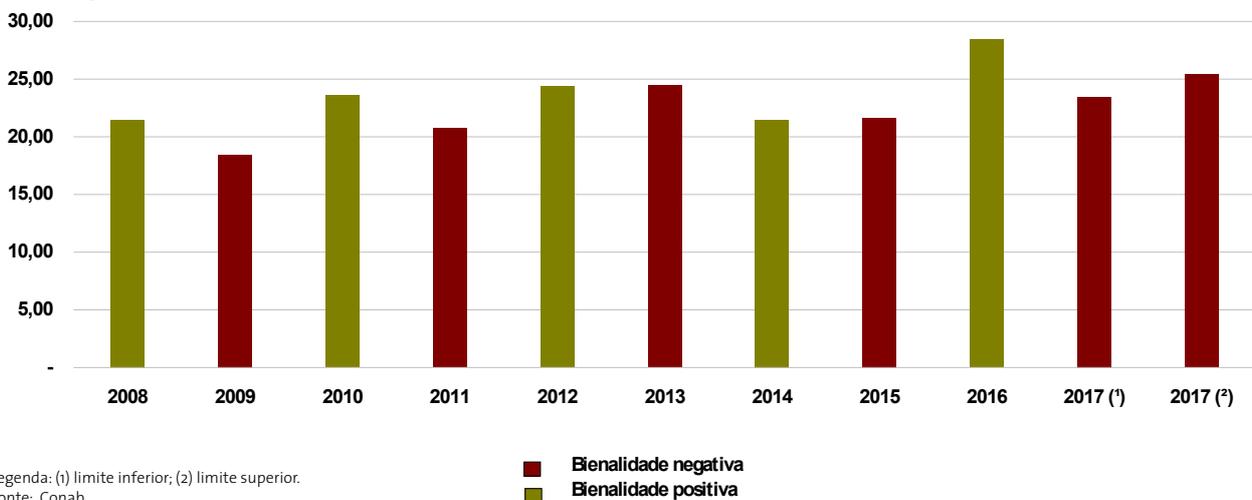
4.2. PRODUTIVIDADE DE ARÁBICA

O arábica, espécie mais influenciada pelo ciclo bienal, entrará este ano num novo ano de bienalidade negativa. Este ciclo bienal consiste na alternância de um ano com grande florada dos cafeeiros seguido por outro ano com florada menos intensa. Isto é uma característica natural desta cultura perene ocasionada pelo esgotamento da planta, uma vez que no ano negativo ela se recupera para produzir melhor no ano subse-

quente. A estimativa é que a produtividade se situe entre 23,48 e 25,40 sc/ha.

Há algumas exceções como no Paraná, onde a geada de 2013 inverteu a bienalidade, ou seja, este ano ela será positiva. A zona da mata mineira também será influenciada pela bienalidade positiva, fato já consumado há anos.

Gráfico 5 – Produtividade de café arábica no Brasil



4.3. PRODUTIVIDADE DE CONILON

O café conilon é uma espécie mais rústica e, por isso, possui vantagens sobre o arábica. Além de ser mais resistente a pragas e doenças pode tolerar temperaturas mais elevadas e deficiência hídrica mais do que o arábica. Além disso as produtividades são mais elevadas.

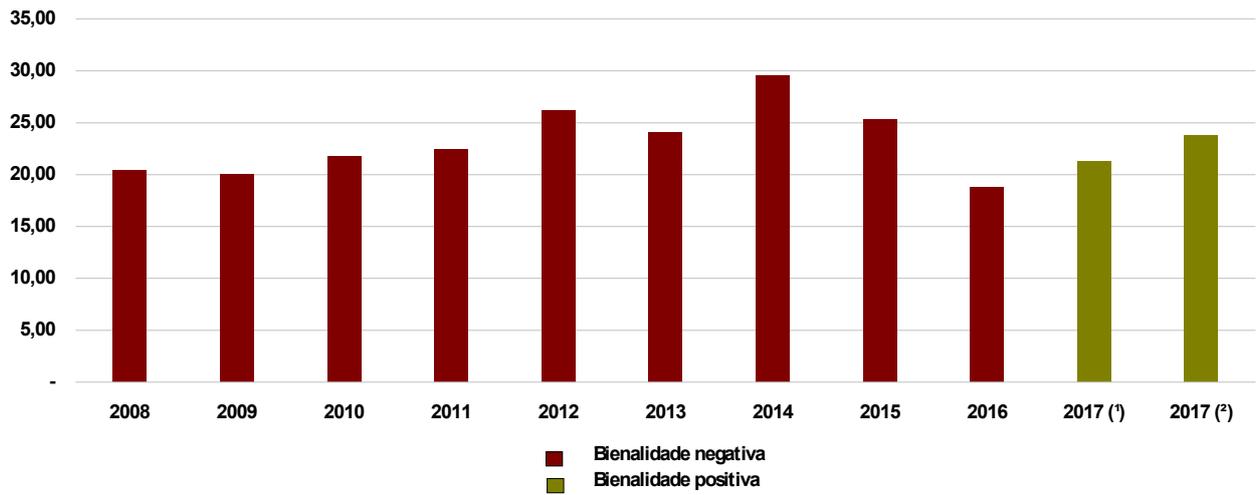
O Espírito Santo produziu 63% do café conilon do país em 2016 e por isso as variações que ocorrem naquele estado influenciam a média nacional. O estado sofreu a influência de chuvas abaixo da média em duas sa-

fras consecutivas. O decréscimo significativo da produtividade de café conilon em 2015 e 2016 se deve a seca e má distribuição de chuvas, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, além da falta de águas nos mananciais para irrigação.

A estimativa é de recuperação de parte do potencial de produtividade desta espécie em 2017, com produtividade média brasileira situando-se entre 21,33 e 23,78 sc/ha, produtividades superiores à safra 2016.

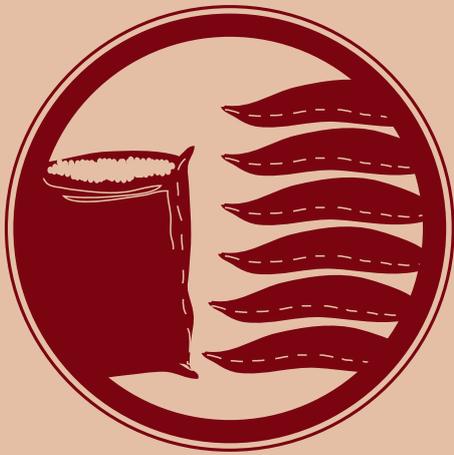


Gráfico 6 – Produtividade de café conilon no Brasil



Legenda: (1) limite inferior; (2) limite superior.
Fonte: Conab.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

5.1. PRODUÇÃO TOTAL (ARÁBICA E CONILON)

A primeira estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2017, indica que o país deverá colher entre 43,65 e 47,51 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa redução de 15 a 7,5%, quando comparado com a produção de 51,37 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

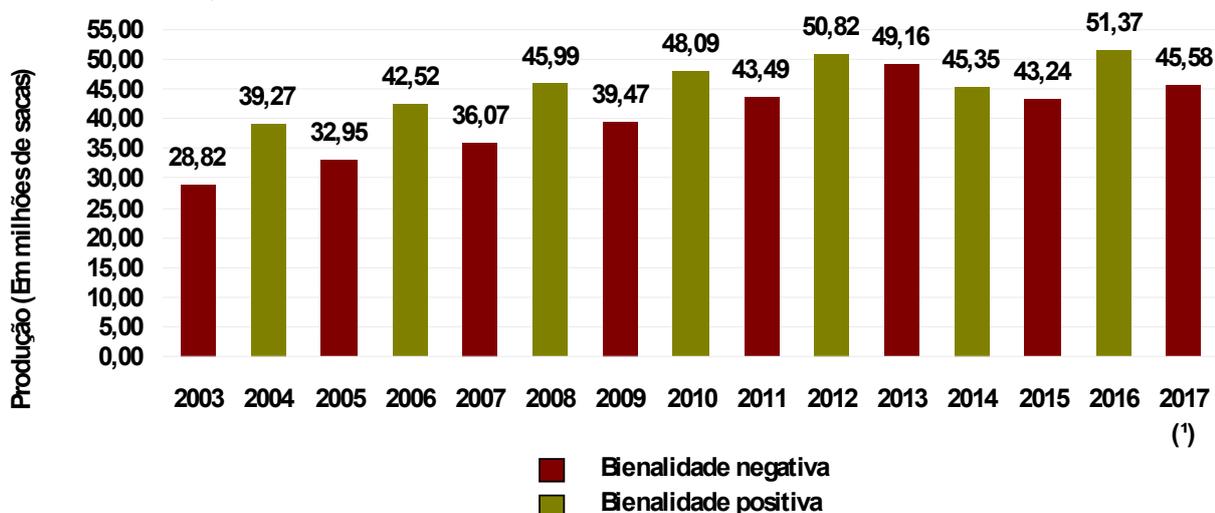
Tabela 4 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017 (d)		VAR. % (d/c)		SAFRA 2016	SAFRA 2017 (f)		VAR. % (f/e)	
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR	(e)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR
NORTE	88.699,4	88.486,4	(0,2)	18,51	21,34	22,64	15,3	22,3	1.642,0	1.888,0	2.003,7	15,0	22,0
RO	87.657,0	87.657,0	-	18,56	21,33	22,65	14,9	22,1	1.626,9	1.870,0	1.985,7	14,9	22,1
AM	429,4	429,4	-	13,97	15,60	15,60	11,7	11,7	6,0	6,7	6,7	11,7	11,7
PA	613,0	400,0	(34,7)	14,85	28,25	28,25	90,3	90,3	9,1	11,3	11,3	24,2	24,2
NORDESTE	149.753,0	155.466,0	3,8	13,98	19,16	20,19	37,1	44,4	2.093,3	2.979,2	3.139,0	42,3	50,0
BA	149.753,0	155.466,0	3,8	13,98	19,16	20,19	37,1	44,4	2.093,3	2.979,2	3.139,0	42,3	50,0
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	30,51	35,01	35,01	14,7	14,7	345,6	338,5	338,5	(2,1)	(2,1)
Planalto	92.533,0	92.558,0	-	9,96	10,70	10,70	7,4	7,4	921,6	990,4	990,4	7,5	7,5
Atlântico	45.892,0	53.238,0	16,0	18,00	31,00	34,00	72,2	88,9	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1
CENTRO-OESTE	19.819,6	18.786,8	(5,2)	17,77	19,41	20,30	9,2	14,2	352,2	364,6	381,3	3,5	8,3
MT	14.193,0	13.318,0	(6,2)	8,83	12,43	13,07	40,8	48,0	125,4	165,6	174,1	32,1	38,9
GO	5.626,6	5.468,8	(2,8)	40,31	36,39	37,89	(9,7)	(6,0)	226,8	199,0	207,2	(12,3)	(8,6)
SUDESTE	1.633.795,0	1.578.347,0	(3,4)	28,20	23,52	25,72	(16,6)	(8,8)	46.069,9	37.127,3	40.594,8	(19,4)	(11,9)
MG	1.009.481,0	977.444,0	(3,2)	30,44	25,98	27,43	(14,6)	(9,9)	30.724,1	25.397,0	26.814,2	(17,3)	(12,7)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	493.981,0	(5,8)	31,72	26,46	27,94	(16,6)	(11,9)	16.627,7	13.073,1	13.802,6	(21,4)	(17,0)
Triângulo, Alto Para- naíba e Noroeste	183.076,0	169.215,0	(7,6)	40,43	26,22	27,68	(35,1)	(31,5)	7.401,6	4.436,6	4.684,2	(40,1)	(36,7)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	269.593,0	281.914,0	4,6	22,56	25,75	27,19	14,1	20,5	6.081,9	7.258,8	7.663,9	19,4	26,0
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.592,0	32.334,0	(0,8)	18,81	19,44	20,52	3,4	9,1	612,9	628,5	663,5	2,5	8,3
ES	410.057,0	385.538,0	(6,0)	21,87	19,05	21,86	(12,9)	(0,1)	8.967,4	7.344,0	8.426,0	(18,1)	(6,0)
RJ	13.022,0	13.062,0	0,3	26,68	26,05	27,38	(2,3)	2,6	347,4	340,3	357,7	(2,0)	3,0
SP	201.235,0	202.303,0	0,5	29,97	20,00	24,70	(33,3)	(17,6)	6.031,0	4.046,0	4.996,9	(32,9)	(17,1)
SUL	46.160,0	46.240,0	0,2	22,68	25,95	28,11	14,4	23,9	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2
PR	46.160,0	46.240,0	0,2	22,68	25,95	28,11	14,4	23,9	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2
OUTROS	12.450,6	9.049,0	(27,3)	13,24	10,06	10,06	(24,0)	(24,0)	164,8	91,0	91,0	(44,8)	(44,8)
NORTE/NORDESTE	238.452,4	243.952,4	2,3	15,66	19,95	21,08	27,4	34,6	3.735,3	4.867,2	5.142,7	30,3	37,7
CENTRO-SUL	1.699.774,6	1.643.373,8	(3,3)	27,93	23,54	25,73	(15,7)	(7,9)	47.469,1	38.691,9	42.276,1	(18,5)	(10,9)
BRASIL	1.950.677,6	1.896.375,2	(2,8)	26,33	23,02	25,05	(12,6)	(4,9)	51.369,2	43.650,1	47.509,8	(15,0)	(7,5)

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

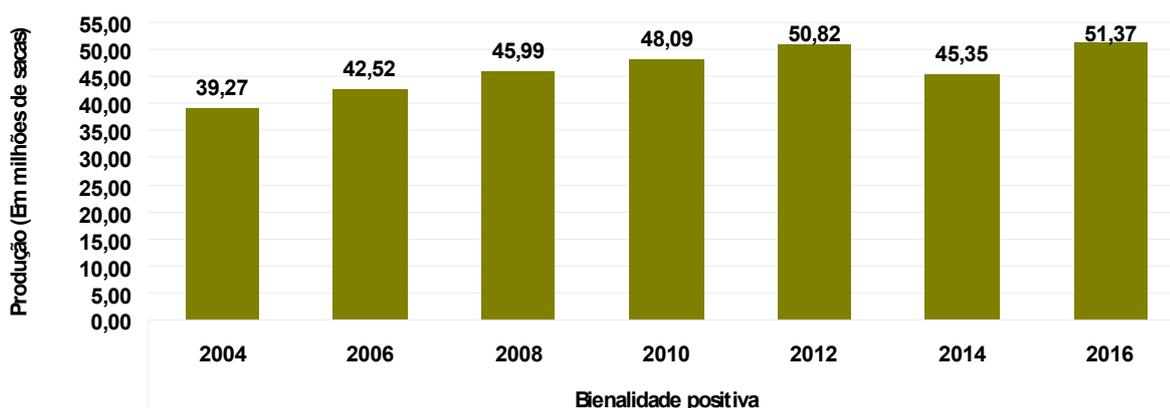
Gráfico 7 – Produção total de café (arábica e conilon) no Brasil



Legenda: (1) Ponto médio.
Fonte: Conab.

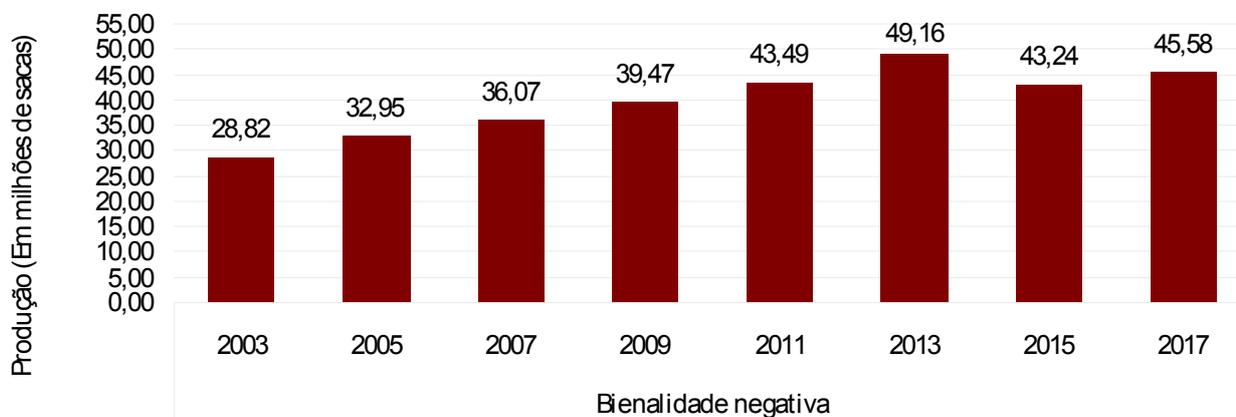


Gráfico 8 – Produção total de café (arábica e conilon) no Brasil – anos de bialidade positiva



Legenda: (t) Ponto médio.
Fonte: Conab.

Gráfico 9 – Produção total de café (arábica e conilon) no Brasil – anos de bialidade negativa



Legenda: (t) Ponto médio.
Fonte: Conab.

5.2. PRODUÇÃO DE ARÁBICA

O café arábica representa 80% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a nova safra que é de ciclo de baixa bialidade, estima-se que sejam co-

lhidas entre 35,01 e 37,88 milhões sacas. Tal resultado representa redução de 19,3% a 12,7%.



Tabela 5 – Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

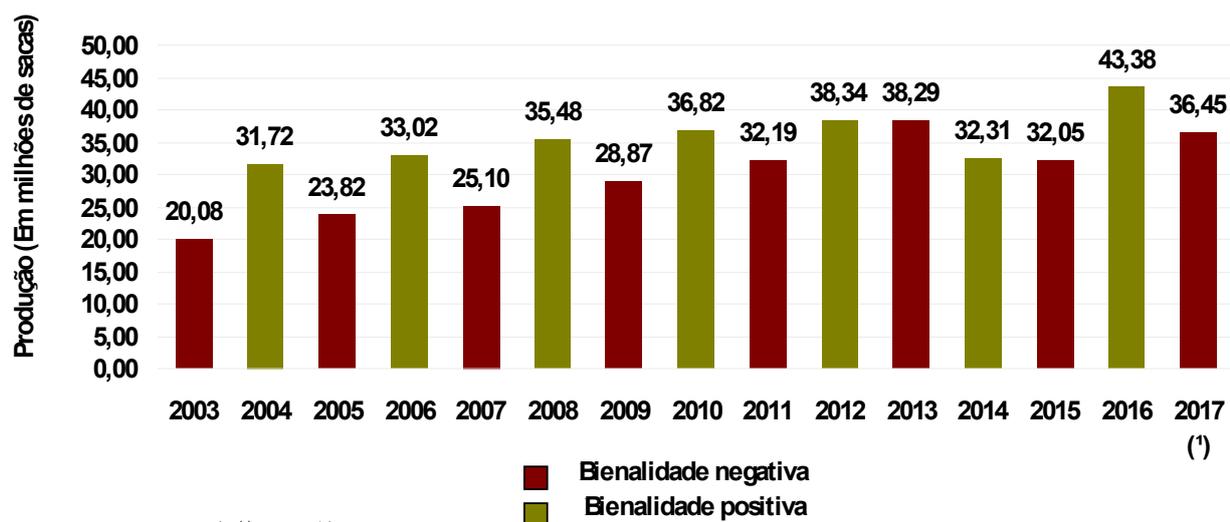
Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017 (d)		VAR. % (d/c)		SAFRA 2016	SAFRA 2017 (e)		VAR. % (f/e)	
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR	(E)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR
NORDESTE	103.861,0	102.228,0	(1,6)	12,20	13,00	13,00	6,5	6,5	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9
BA	103.861,0	102.228,0	(1,6)	12,20	13,00	13,00	6,5	6,5	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9
Cerrado	11.328,0	9.670,0	(14,6)	35,74	35,01	35,01	(2,1)	(2,1)	345,6	338,5	338,5	(2,1)	(2,1)
Planalto	92.533,0	92.558,0	-	9,96	10,70	10,70	7,4	7,4	921,6	990,4	990,4	7,5	7,5
CENTRO-OESTE	5.696,6	5.518,8	(3,1)	40,04	36,26	37,76	(9,4)	(5,7)	228,1	200,1	208,4	(12,3)	(8,6)
MT	70,0	50,0	(28,6)	18,29	22,00	24,00	20,3	31,3	1,3	1,1	1,2	(14,1)	(6,3)
GO	5.626,6	5.468,8	(2,8)	40,31	36,39	37,89	(9,7)	(6,0)	226,8	199,0	207,2	(12,3)	(8,6)
SUDESTE	1.361.031,0	1.330.113,0	(2,3)	29,93	24,23	26,31	(19,0)	(12,1)	40.738,4	32.230,9	34.991,2	(20,9)	(14,1)
MG	996.749,0	964.625,0	(3,2)	30,53	26,03	27,48	(14,7)	(10,0)	30.427,9	25.105,6	26.505,6	(17,5)	(12,9)
Sul e Centro-Oeste	524.220,0	493.981,0	(5,8)	31,72	26,46	27,94	(16,6)	(11,9)	16.627,7	13.073,1	13.802,6	(21,4)	(17,0)
Triângulo, Alto Para-naíba e Noroeste	183.076,0	169.215,0	(7,6)	40,43	26,22	27,68	(35,1)	(31,5)	7.401,6	4.436,6	4.684,2	(40,1)	(36,7)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	261.317,0	273.582,0	4,7	22,54	25,84	27,28	14,7	21,0	5.889,4	7.069,7	7.463,3	20,0	26,7
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.136,0	27.847,0	(1,0)	18,10	18,90	19,95	4,4	10,2	509,2	526,2	555,5	3,3	9,1
ES	150.025,0	150.123,0	0,1	26,21	18,25	20,86	(30,4)	(20,4)	3.932,1	2.739,0	3.131,0	(30,3)	(20,4)
RJ	13.022,0	13.062,0	0,3	26,68	26,05	27,38	(2,3)	2,6	347,4	340,3	357,7	(2,0)	3,0
SP	201.235,0	202.303,0	0,5	29,97	20,00	24,70	(33,3)	(17,6)	6.031,0	4.046,0	4.996,9	(32,9)	(17,1)
SUL	46.160,0	46.240,0	0,2	22,68	25,95	28,11	14,4	23,9	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2
PR	46.160,0	46.240,0	0,2	22,68	25,95	28,11	14,4	23,9	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2
OUTROS (*)	9.206,0	7.383,0	(19,8)	11,03	7,21	7,21	(34,6)	(34,6)	101,5	53,2	53,2	(47,6)	(47,6)
NORTE/NORDESTE	103.861,0	102.228,0	(1,6)	12,20	13,00	13,00	6,5	6,5	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9
CENTRO-SUL	1.412.887,6	1.381.871,8	(2,2)	29,74	24,34	26,41	(18,2)	(11,2)	42.013,5	33.631,0	36.499,6	(20,0)	(13,1)
BRASIL	1.525.954,6	1.491.482,8	(2,3)	28,43	23,48	25,40	(17,4)	(10,7)	43.382,2	35.013,1	37.881,7	(19,3)	(12,7)

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Gráfico 10 – Produção de café arábica no Brasil



Legenda: (1) Ponto médio.
Fonte: Conab.



Gráfico 11 – Produção de café arábica no Brasil – anos de bienalidade positiva

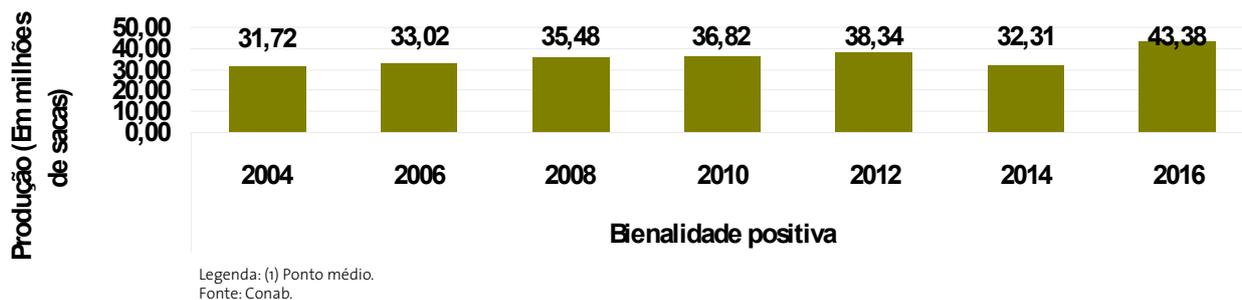
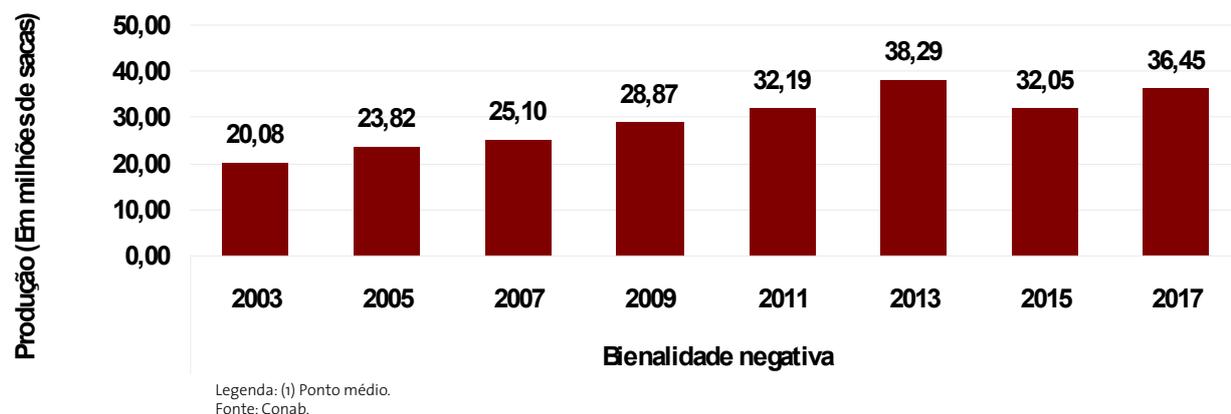


Gráfico 12 – Produção de café arábica no Brasil – anos de bienalidade negativa



5.3. PRODUÇÃO DE CONILON

A produção do conilon representa 20% da produção total (arábica e conilon) de café do país, estimada entre 8,64 e 9,63 milhões de sacas, representando um crescimento entre 8,1 e 20,5%. Este resultado se deve,

sobretudo, à recuperação da produtividade nos estados da Bahia e Rondônia, bem como ao processo de maior utilização de tecnologias como o plantio de café clonal e ao maior investimento nas lavouras.

Gráfico 13 – Produção de café conilon no Brasil

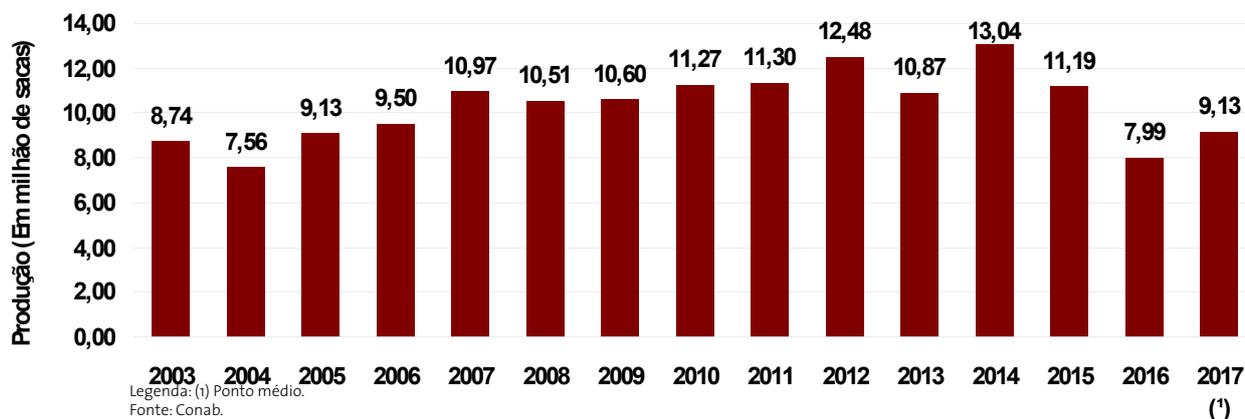


Tabela 6 - Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção

Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)					PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017	VAR. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017 (d)		VAR. % (d/c)		SAFRA 2016	SAFRA 2017 (f)		VAR. % (f/e)	
	(A)	(B)	(B/A)	(C)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR	(E)	INFERIOR	SUPERIOR	INFERIOR	SUPERIOR
NORTE	88.699,4	88.486,4	(0,2)	18,51	21,34	22,64	15,3	22,3	1.642,0	1.888,0	2.003,7	15,0	22,0
RO	87.657,0	87.657,0	-	18,56	21,33	22,65	14,9	22,1	1.626,9	1.870,0	1.985,7	14,9	22,1
AM	429,4	429,4	-	13,97	15,60	15,60	11,7	11,7	6,0	6,7	6,7	11,7	11,7
PA	613,0	400,0	(34,7)	14,85	28,25	28,25	90,3	90,3	9,1	11,3	11,3	24,2	24,2
NORDESTE	45.892,0	53.238,0	16,0	18,00	31,00	34,00	72,2	88,9	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1
BA	45.892,0	53.238,0	16,0	18,00	31,00	34,00	72,2	88,9	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1
Atlântico	45.892,0	53.238,0	16,0	18,00	31,00	34,00	72,2	88,9	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1
CENTRO-OESTE	14.123,0	13.268,0	(6,1)	8,79	12,40	13,03	41,1	48,3	124,1	164,5	172,9	32,6	39,3
MT	14.123,0	13.268,0	(6,1)	8,79	12,40	13,03	41,1	48,3	124,1	164,5	172,9	32,6	39,3
SUDESTE	272.764,0	248.234,0	(9,0)	19,55	19,72	22,57	0,9	15,5	5.331,5	4.896,4	5.603,6	(8,2)	5,1
MG	12.732,0	12.819,0	0,7	23,26	22,73	24,07	(2,3)	3,5	296,2	291,4	308,6	(1,6)	4,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.276,0	8.332,0	0,7	23,26	22,70	24,08	(2,4)	3,5	192,5	189,1	200,6	(1,8)	4,2
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.456,0	4.487,0	0,7	23,27	22,80	24,07	(2,0)	3,4	103,7	102,3	108,0	(1,4)	4,1
ES	260.032,0	235.415,0	(9,5)	19,36	19,56	22,49	1,0	16,2	5.035,3	4.605,0	5.295,0	(8,5)	5,2
OUTROS (*)	3.244,6	1.666,0	(48,7)	19,51	22,69	22,69	16,3	16,3	63,3	37,8	37,8	(40,3)	(40,3)
NORTE/NORDESTE	134.591,4	141.724,4	5,3	18,34	24,97	26,91	36,1	46,7	2.468,1	3.538,3	3.813,8	43,4	54,5
CENTRO-SUL	286.887,0	261.502,0	(8,8)	19,02	19,35	22,09	1,8	16,2	5.455,6	5.060,9	5.776,5	(7,2)	5,9
BRASIL	424.723,0	404.892,4	(4,7)	18,81	21,33	23,78	13,4	26,5	7.987,0	8.637,0	9.628,1	8,1	20,5

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

No Espírito Santo, maior produtor de conilon, nos últimos três anos com o baixo índice pluviométrico, houve diminuição da área em produção devido ao esgotamento das barragens, rios e córregos e a proibição do uso da irrigação, resultando em estresse severo das plantas que, em quantidade anormal, foram recepadaas ou arrancadas. A reposição das plantas arrancadas tem acontecido com o máximo de força possível, visto que, os viveiristas, por conta da seca, não conseguiram produzir a quantidade normal de mudas para atender a demanda, que hoje, aumentou muito devido à chuva.

Esta situação interrompeu uma sequência contínua de aumento na produção de café estado. A produção de 9,95 milhões de sacas obtida em 2014, caiu para 5,04 milhões em 2016. Para a nova safra, 2017, com melhora das condições climáticas, estima-se uma recuperação na produtividade em relação à safra anterior, estimada entre 19,56 e 22,49 sacas por hectare, mas devido a redução da área produtiva, estima-se um volume próximo a safra anterior.





6. CRÉDITO RURAL

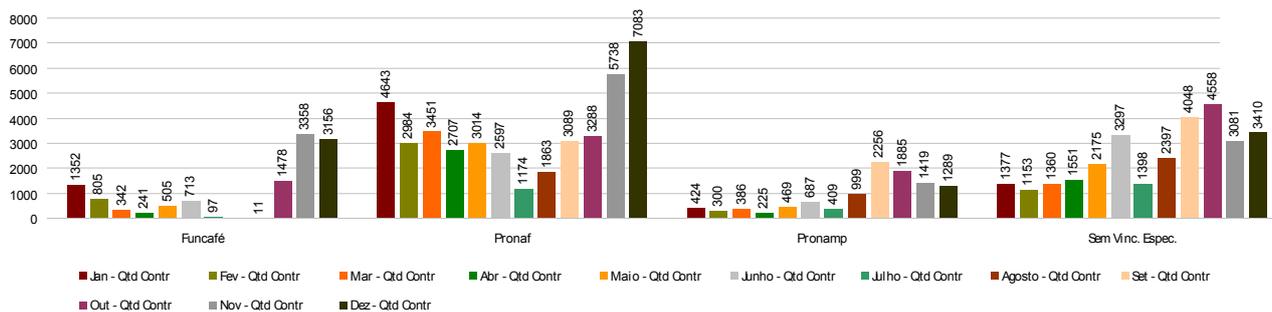
As linhas de crédito rural para custeio de café contabilizaram 73.873 operações em 2016, representando um montante de R\$ 4,79 bilhões. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) foi o programa que houve a maior quantidade de contratos 35.384, seguido por aqueles sem vínculo específico (23.604). Funcafé e Pronamp somam 14.885 operações.

As atividades inseridas no Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) representam 19% dos recursos disponíveis, totalizando R\$ 916,09 milhões. O Pronaf vem em seguida, sendo R\$ 739,30 milhões ou 15% do total. O Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) somou 7.506 operações e recursos de R\$ 548,79 milhões. Os recursos sem vínculo a um programa específico totalizam R\$ 2,59 bilhões, sendo 54% dos créditos de custeio contratado.

Os meses de maior contratação ocorrem de setembro a dezembro. Nesse período a colheita já está finalizada e inicia-se os processos de correções e adubações no cafeeiro que são de grande importância para o bom desenvolvimento vegetativo e produtivo do cafeeiro.

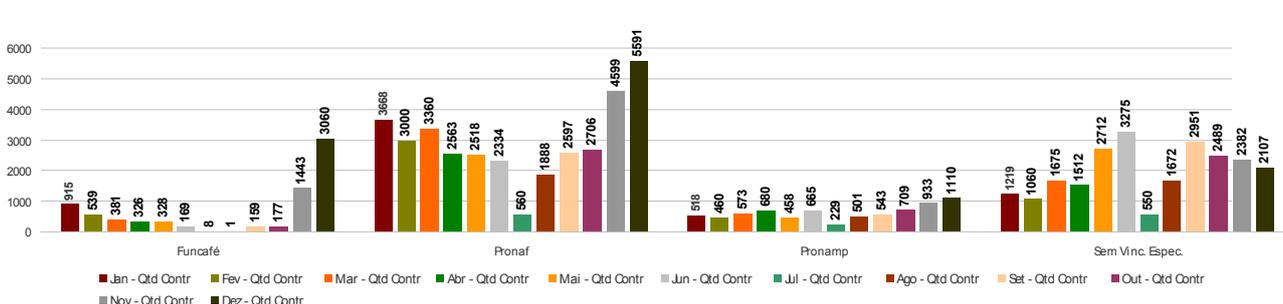
Se comparado com o ano de 2015, o ano 2016 teve 10% menor contratação de crédito, saindo R\$ 5,32 bilhões para R\$ 4,79 bilhões. A redução era esperada, uma vez que a safra 2018 será um ano de bienalidade negativa na maior parte das regiões produtoras de café, onde há um menor gasto nos tratamentos culturais, como a adubação, por exemplo.

Gráfico 14 - Total de contratos de custeio de café – Janeiro a Dezembro de 2015



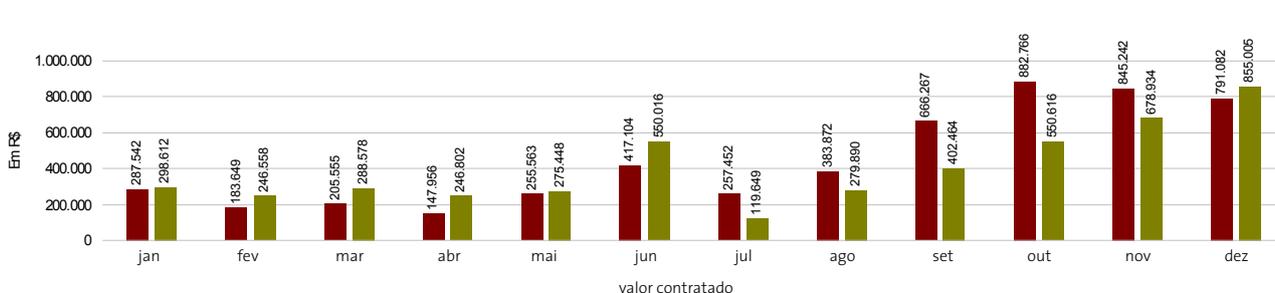
Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro a dezembro de 2015, passíveis de alterações.

Gráfico 15 - Total de contratos de custeio de café – Janeiro a Dezembro de 2016



Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro a dezembro de 2016, passíveis de alterações.

Gráfico 16 - Valor total contratado de custeio de café – Janeiro 2015 a Dezembro de 2016



Fonte: Bacen.
Nota: Dados de janeiro 2015 a dezembro de 2016, passíveis de alterações.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO - INMET

7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS OBSERVADAS¹

Em setembro, na região Norte, as chuvas ficaram abaixo da média esperada, devido à influência das anomalias de TSM no Atlântico Tropical Norte, desfavorecendo a convecção sobre o norte da Amazônia e as chuvas que ocorreram no início do mês, foi devido a um deslocamento de uma frente fria e após a passagem desta frente, uma intensa massa de ar frio (de origem polar) ocasionou o declínio das temperaturas do ar, que sobre a região é o fenômeno conhecido como Friagem.

No extremo sul da Bahia, as precipitações ficaram um pouco abaixo da média climatológica sem alteração da situação de seca, devido à influência de uma massa de ar quente e seca. As temperaturas máximas registradas no oeste do estado ficaram acima dos 37 °C.

Em relação à região Sudeste, que envolve os estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, setembro é considerado um mês transição entre o final de um período seco e início do chuvoso e, assim, as chuvas apresentam uma característica irregular, tanto espacial como temporal. As precipitações registradas variaram de normal a abaixo da média climatológica, com exceção do centro-norte de MG, e as condições de tempo foram influenciadas pela atuação de áreas de instabilidade, sistemas frontais e massas de ar

1 Andrea Malheiros Ramos – Meteorologista -INMET-Brasília

quente. Essas massas de ar estiveram mais intensas no norte e nordeste de MG, registrando temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa do ar.

No litoral do Paraná, as chuvas apresentaram desvios positivos devido à influência de sistemas frontais de forma que o sul do Paraná foi afetado por fortes tempestades acompanhadas por rajadas de vento e queda de granizo e a atuação de massas de ar frio, que influenciou no declínio tanto da temperatura máxima quanto da temperatura mínima, além da formação de geada em várias localidades.

No centro e norte de Goiás, as chuvas variaram de normal a acima da média. O maior acumulado registrado foi em Aragarças (GO) de 280,0 mm, sendo que a média climatológica é 64,0 mm (cerca de 4 vezes acima da média climatológica). As condições meteorológicas foram condicionadas pela atuação de áreas de instabilidade em toda região Centro-Oeste, com ocorrência de pancadas de chuvas e trovoadas isoladas, além da atuação de uma massa de ar quente e seca que provocou um intenso bloqueio atmosférico sobre quase toda a região, ocasionando temperaturas acima da média e baixos índices de umidade relativa do ar.

Em **outubro**, a precipitação variou de normal a acima da média climatológica em boa parte da região Norte e em Rondônia, as chuvas ocorreram devido a atuação de um canal de umidade da Amazônia, favorecendo áreas de instabilidades. Em termos médios, observou-se que as temperaturas máximas e mínimas ficaram acima do normal em toda região.

Na Bahia, as chuvas registradas ficaram abaixo do esperado, com exceção da região da Chapada Diamantina, com registro de chuva significativa em Guaratinga, onde o volume total acumulado registrado foi de 183,1mm, contribuindo para anomalias positivas de precipitação e redução da situação de seca e, nas demais partes do estado, não houve alteração da questão seca.

As chuvas observadas em São Paulo variaram de normal a acima da média climatológica e, em Minas Gerais, entre normal e abaixo da média climatológica, com exceções em áreas isoladas do sul, oeste e noroeste do estado que registaram chuvas acima da média. Ressalta-se que outubro é o mês de transição entre o trimestre mais seco (junho-julho-agosto) e o trimestre mais chuvoso (novembro-dezembro-janeiro) no Sudeste. Os maiores desvios positivos ocorreram em Minas Gerais e São Paulo devido à atuação de sistemas de origem frontal, às áreas de instabilidade atmosférica e à Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS). Em termos médios, as temperaturas médias da máxima e mínima ficaram acima da média clima-

tológica.

No Paraná, as chuvas ficaram acima da média esperada com o tempo condicionado por passagens de sistemas frontais, além da atuação de áreas de instabilidade que provocaram chuvas significativas com ocorrência de granizo, com temperaturas máxima e mínima acima da média esperada.

Em Goiás prevaleceu acumulado de chuvas abaixo da média climatológica, mas houve registro de chuvas acumuladas significativas, como em Goiânia (GO) de 209,2 mm e 345,0 mm em Cristalina (GO), devido à formação de áreas de instabilidade e à atuação de um sistema de origem frontal que condicionaram o tempo na região. Apesar do início da chuva na região Centro-Oeste, em algumas cidades do estado de Goiás, ainda foram observados baixos índices de umidade relativa do ar como 10% em Alto Paraíso (GO), no dia 24. Em termos médios, observou-se que tanto as temperaturas máximas quanto as mínimas ficaram acima do normal em toda região.

Novembro, em relação à climatologia, corresponde ao início da estação chuvosa na região Norte e, assim, as chuvas tendem a aumentar gradativamente, mas a chuva observada variou de normal a abaixo do esperado em praticamente toda a região, reflexo da subsidência no escoamento de grande escala e das anomalias de TSM (principalmente sobre o Atlântico), inibindo o desenvolvimento de nuvens. A exceção ocorreu no sudeste de Rondônia, onde a precipitação variou de normal a acima da média devido à presença de um canal de umidade, favorecendo volumes de chuvas significativas. Em termos médios, observou-se que tanto as temperaturas máximas como as mínimas variaram de normal a acima da média em toda a região Norte.

Na Bahia, as chuvas se concentraram no oeste e sul do estado com distribuição ao longo do mês variada, de forma que no oeste do estado, as chuvas se concentraram em um curto período de tempo (poucos dias) e no sul, as chuvas ocorreram com maior regularidade. No Recôncavo baiano, as chuvas foram mais escassas, o que resultou no agravamento na severidade da seca. O segundo maior total mensal de precipitação foi de 236,5 mm, registrado em Guaratinga (BA), mais ao sul do estado, devido a atuação da Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS).

Na região Sudeste do Brasil, as chuvas variaram de normal a acima da média climatológica em Minas Gerais, e, em São Paulo, as chuvas ficaram entre normal e abaixo da média, sendo que este mês é considerado o primeiro mês do trimestre mais chuvoso. As condições de tempo foram condicionadas pela atu-



ação de sistemas frontais organizando áreas de instabilidade que influenciaram toda a região Sudeste. Em termos médios, as temperaturas máximas médias ficaram acima da média climatológica em toda a região. Na região Sul do país, as chuvas ficaram um pouco acima da média esperada no noroeste do Paraná (PR) condicionadas por atuações de sistemas frontais e, em relação ao padrão observado das temperaturas, massas de ar frio influenciaram a região de forma que as temperaturas máxima e mínima ficaram acima da média climatológica, chegando a temperatura máxima em Maringá (PR) de 31,4°C e a mínima de 19,5°C. A precipitação variou de normal a abaixo do normal climatológica em praticamente toda a região Centro-Oeste, exceto em uma pequena faixa no sul de Goiás (Jataí/Rio Verde) onde a precipitação variou de normal a acima da média climatológica, devido a influência de frentes frias e áreas de instabilidades, formadas pelo calor e a alta umidade relativa do ar. Apesar de ser o início das chuvas na região, foi registrado baixos índices de umidade relativa do ar em algumas cidades, como em Monte Alegre (GO) de 14% no dia 04/11, com ocorrência de temperaturas elevadas durante o mês.

Em **dezembro**, na primeira semana, uma frente fria, áreas de instabilidades e sistemas de mesoescala provocaram chuvas significativas nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e em grande parte da região Norte. Na região Centro-Oeste, persistiram pancadas de chuvas, como em Cristalina (GO) que acumulou 187,0 mm nessa semana. As instabilidades favoreceram a ocorrência de chuvas na região Norte em vários estados, inclusive em Rondônia. As temperaturas ficaram amenas na maior parte do país, mas houve registros

de temperaturas máximas elevadas na região Norte. A partir do 16/12, além dos sistemas descritos, houve a organização de um corredor de umidade (ZCOU) originado na Amazônia, ocasionando chuvas intensas, causando inundações, quedas de barreiras e destruição em municípios localizados nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Na Região Centro-Oeste, a formação de instabilidades e o corredor de umidade provocaram chuvas significativas em praticamente toda a região com volumes significativos acima de 100 mm no sul e sudeste de Goiás. Com a entrada de uma massa de ar de origem polar, as temperaturas decresceram nas regiões Sudeste e em parte da Centro-Oeste, mas continuaram elevadas nas outras regiões do país. No decorrer do mês, permaneceu elevados volumes de chuvas em áreas das regiões Sudeste, Centro-Oeste e, principalmente, na região Norte.

As chuvas fortes das regiões Sul e Sudeste ocorreram devido à formação de sistemas de mesoescala, de instabilidades e de frentes que atuaram nessas regiões, com acumulados de chuva concentrados do centro ao norte do Paraná. Na Região Centro-Oeste, a formação de instabilidades provocou chuvas significativas em praticamente toda a região, exceto no Distrito Federal e no leste e nordeste de Goiás. Os maiores volumes registrados na região Centro-Oeste foram no sul e sudoeste de Goiás, com acumulados acima de 150 mm. Houve registro de queda de granizo em Goiânia no dia 18/12. Na Região Norte, ocorreu chuvas significativas e se concentraram mais no sul de Rondônia, norte do Pará e no Amapá.

7.2. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA PARA AS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DE CAFÉ - TRIMESTRE JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2017

A qualidade das chuvas – frequência e quantidade – nos meses de Verão é fator crucial para o bom desempenho da granação do café. Nesse contexto, uma análise prognóstica das condições climáticas para as principais regiões produtoras no trimestre janeiro, fevereiro e março de 2017 (figura 1) apresenta-se como

importante ferramenta de auxílio para ao manejo dos cultivos e o planejamento agrícola. Os prognósticos, aqui apresentados, baseiam-se na análise das tendências das condições oceânico-atmosféricas, que influenciam o clima no Brasil e em projeções de modelos climáticos estocásticos, como o do Inmet.

7.2.1. REGIÃO NORTE

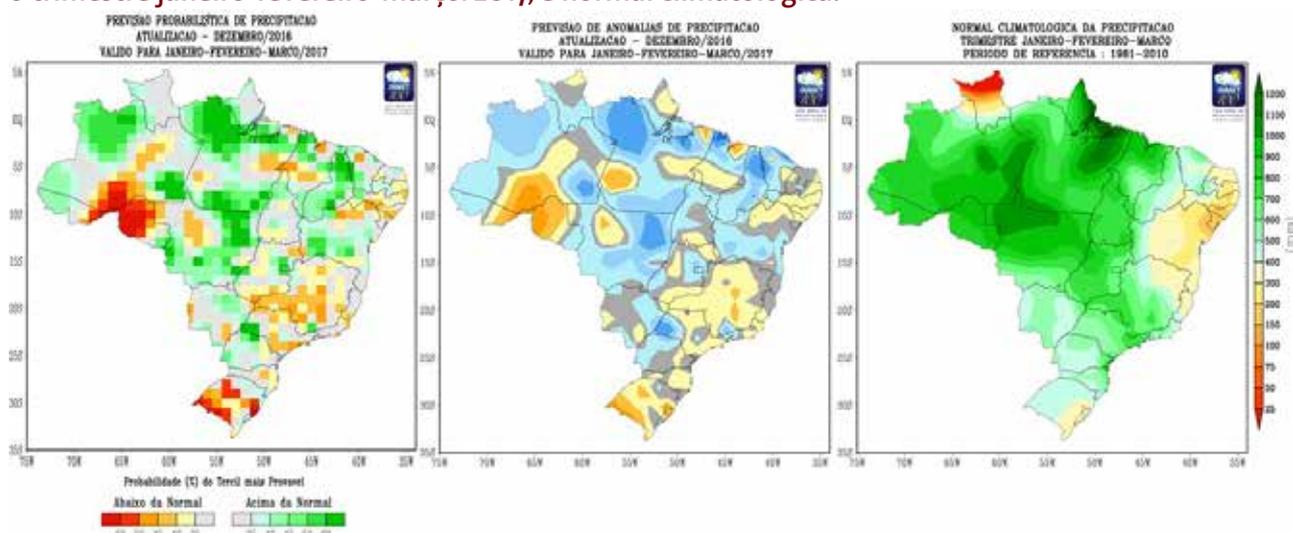
A região Norte apresentou um primeiro semestre seco para o ano de 2016, ocorreu uma das maiores “ESTIAGENS” na região, chegando a apresentar áreas com seca classificada como de extrema intensidade.

De modo geral, os modelos climáticos indicam que a região deve apresentar forte variabilidade espacial na

distribuição de chuvas, com significativa probabilidade de áreas com precipitação dentro da faixa normal ou acima. Algumas áreas do estado de Rondônia poderão apresentar irregularidade na distribuição das chuvas. Além disso, para boa parte do estado, a previsão é de as precipitações ficarem abaixo da média. No entanto, a média trimestral é alta na região.



Figura 1 - Previsão probabilística e de anomalias de precipitação do modelo estatístico do INMET para o trimestre janeiro-fevereiro-março/2017, e normal climatológica.



Fonte: Inmet

7.2.2. REGIÃO NORDESTE

A climatologia da região Nordeste é marcada pelo início das chuvas em janeiro (pré-estação).

As séries de precipitação mostram informações importantes sobre as irregularidades temporais da região. Observa-se que as mesmas são periódicas:

- Década de 30 (1933);
- Década de 50 (1956);
- Década de 70 (79);
- Década de 80 (80,81,82 e 83);
- Décadas de 2010/2020 (2012, 2013, 2014, 2015 e 2016);

Nota-se, então, que depois de pelo menos cinco anos de irregularidade nas chuvas, sempre se observa ocorrência de um a dois anos chuvosos.

No verão de 2017, a posição mais ao sul da Zona de

Convergência Intertropical (ZCIT), a posição mais a oeste e mais ao sul da Alta Subtropical do Atlântico Sul e, o mais importante, a formação de “Vórtices Ciclônicos de Altos Níveis – VCAN” trazem grande possibilidade da ocorrência chuvas, no setor norte e leste da região, se distribuírem de normal até acima da normal climatológica neste período.

Ressalta-se que o nordeste brasileiro passa por cinco anos consecutivos de seca (2012-2016).

O verão poderá ser marcado por chuvas regulares em quase toda a região, igual aos anos análogos “1875/1876, 1895/1896, 1912/1913, 1946/1947, 1964/1965, 1973/1974, 1984/1985 e 2009/2010”.

Por fim, ressalta-se, que, apesar da expectativa de chuvas, a gestão minuciosa dos recursos hídricos é primordial.

7.2.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

Assim como ocorrido com a região Norte, o primeiro semestre de 2016 foi marcado por irregularidade de chuva e acumulados de precipitação inferiores à normal climatológica. Em algumas áreas do Centro-Oeste, houve mais que 90 dias sem chuvas significativas. Para o Verão, inicia a atuação de formação de sistemas de baixa pressão atmosférica, que geralmente estão associados à ocorrência de chuvas regulares e intensas. A previsão para os próximos três meses (janeiro, fevereiro e março) indica chuvas acima da normal climatológica em grande parte dos estados de Goiás e Mato Grosso. Com a possível posição da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) mais

ao norte de sua posição climatológica, existirá a possibilidade, inclusive, de eventos extremos como chuvas intensas, ventos fortes e queda de granizo em todos os estados da região.

Tais níveis, de chuva esperada, poderão beneficiar a agricultura e o desenvolvimento para cultivos no centro-oeste. Em contrapartida, o prognóstico para o sul do estado do Mato Grosso do Sul indica maior probabilidade de chuvas irregulares, e abaixo da normal climatológica para o trimestre. Vale ressaltar: Como a média trimestral é alta, existe, também, a possibilidade de chuvas consecutivas por mais de sete dias.



7.2.4. REGIÃO SUDESTE

No Sudeste, sistemas de baixa pressão atmosférica, posição da Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS), ausência de bloqueios atmosféricos e a formação frequente da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) favorecem chuvas, por vezes, de forte intensidade em toda a região.

A previsão de longo prazo indica chuvas com grande variabilidade espacial e temporal. Ressalta-se, ainda, que a média trimestral de precipitação é alta. Há uma tendência de anomalias positivas de precipitação na

7.2.5. REGIÃO SUL

O Sul do Brasil também poderá ter uma distribuição irregular de chuva; devido a previsão de formação persistente de ZCAS nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, acarretando uma diminuição na precipitação (con-

dição dos estados de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, beneficiando assim a agricultura, o desenvolvimento dos cultivos e a recarga dos reservatórios.

Na nascente do rio São Francisco poderá haver um aporte de água que possibilitará minimizar a estiagem que a afeta o Nordeste há pelo menos cinco anos (2012 - 2016), incluindo o norte do estado de Minas Gerais, área de semiárido que frequentemente sofre com as secas, e o norte do Espírito Santo.

dição atmosférica conhecida como subsidência) em grande parte do sul brasileiro. No entanto, existe uma previsão de chuvas irregulares e acima da normal climatológica na metade norte do Paraná.

7.3. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

INMET. Inmet divulga prognóstico para o verão, 21/12/2016. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=noticia/visualizarNoticia&id=94>. Acesso em: 11 de jan. 2017.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas na avaliação por estado.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para os principais estados produtores, foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou ex-

cesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;

- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, e/ou, por baixas ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção

Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

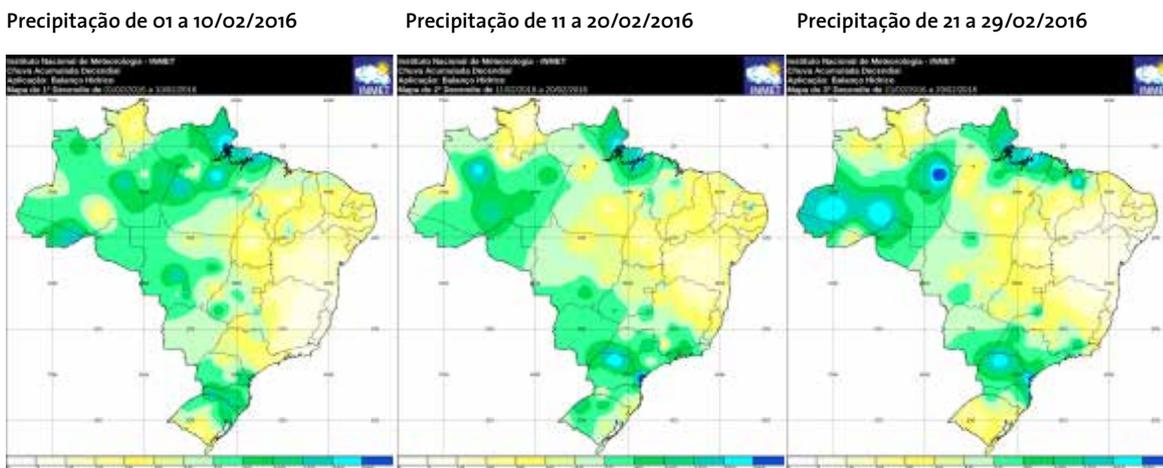
 Favorável	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição excesso de chuva	 Alta restrição excesso de chuva	 Média restrição temperaturas baixas
 Baixa restrição falta de chuva	 Alta restrição falta de chuva	 Média restrição excesso de chuva	 Baixa restrição temperaturas baixas	 Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento da safra 2017, no período de agosto de 2016 - época de início da floração - a dezembro de 2016 - quando o fruto já está em formação. Para alguns estados, considerou-se também parte do período vegetativo (fevereiro a junho de 2016) e de repouso

(julho e agosto de 2016), em função das adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento dos ramos produtivos.

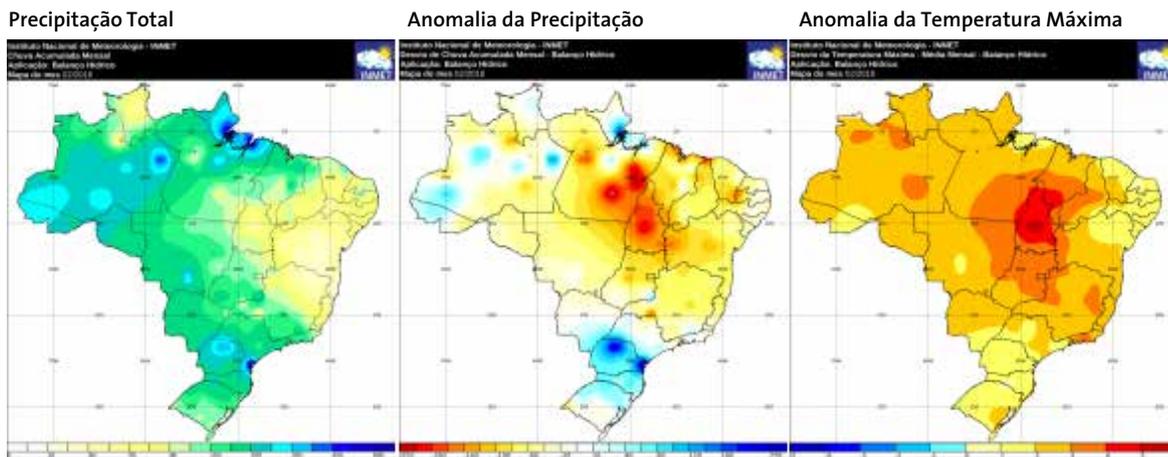
Os resultados do monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

Figura 2 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em fevereiro de 2016



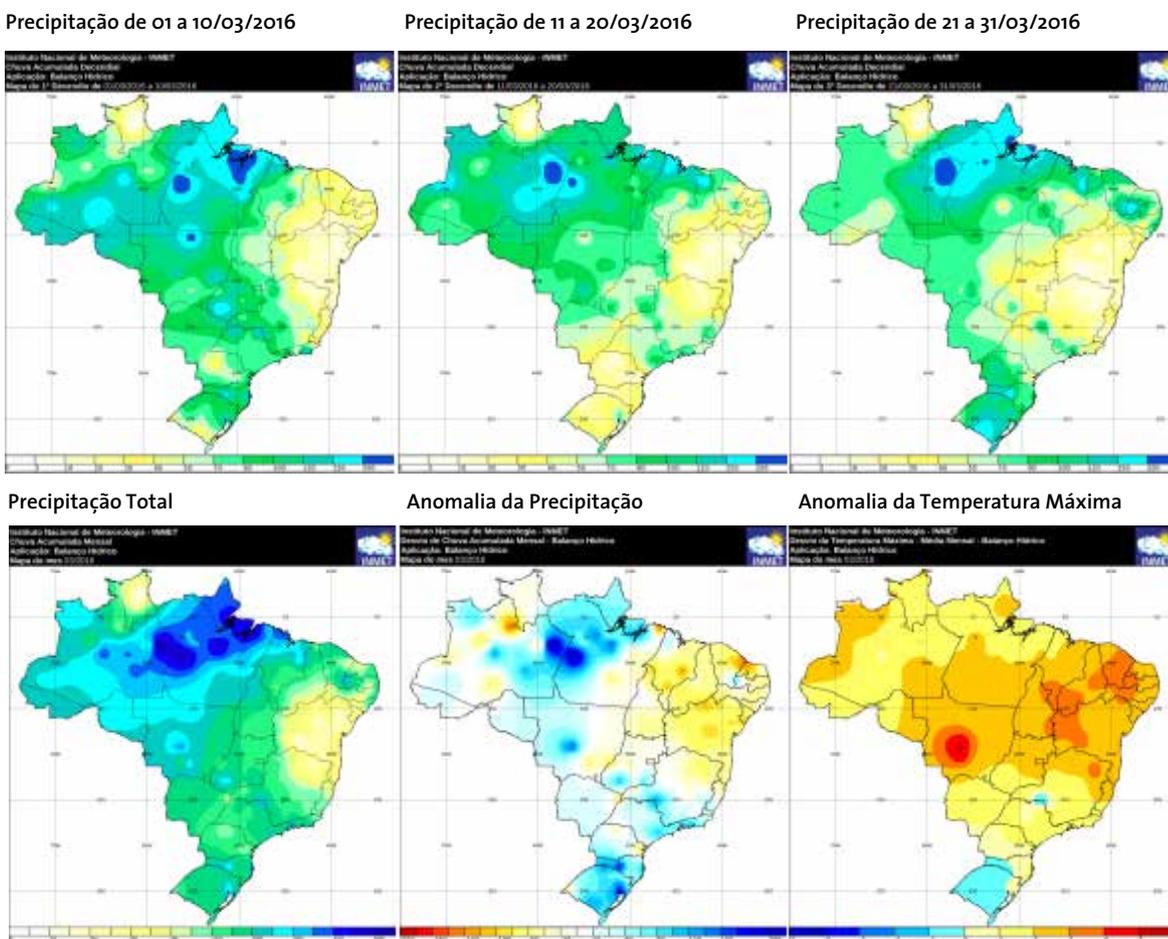
Cont...





Fonte: Inmet.

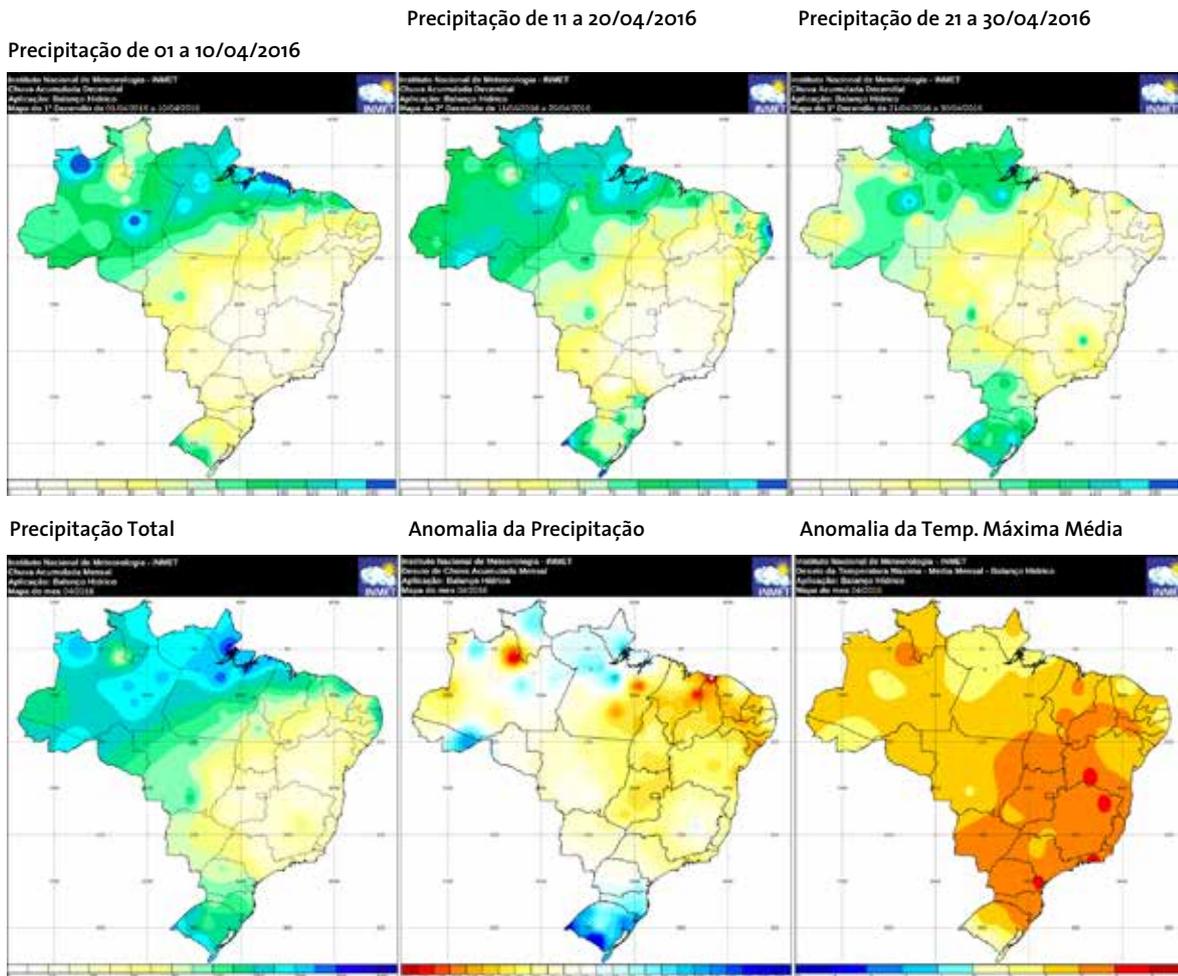
Figura 3 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em março de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 4 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2016



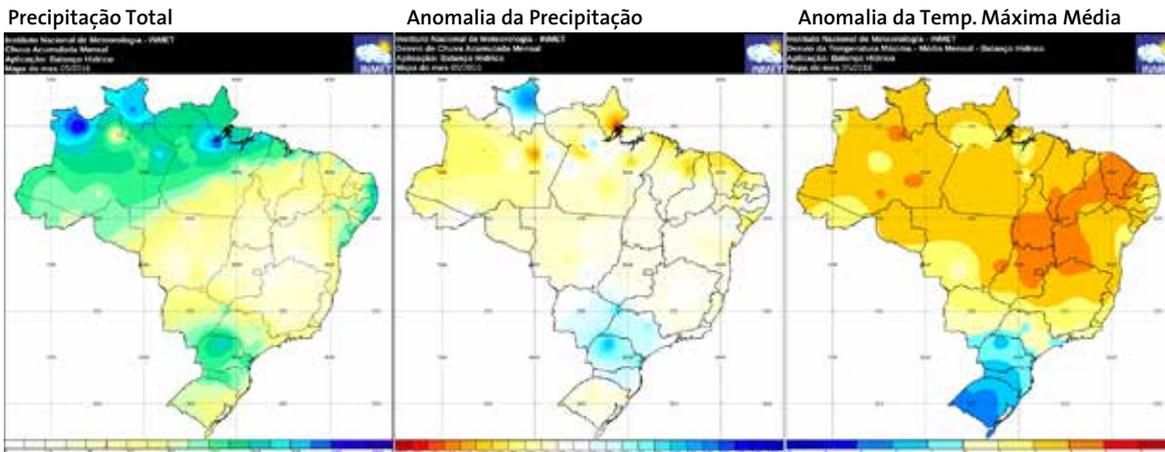
Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2016



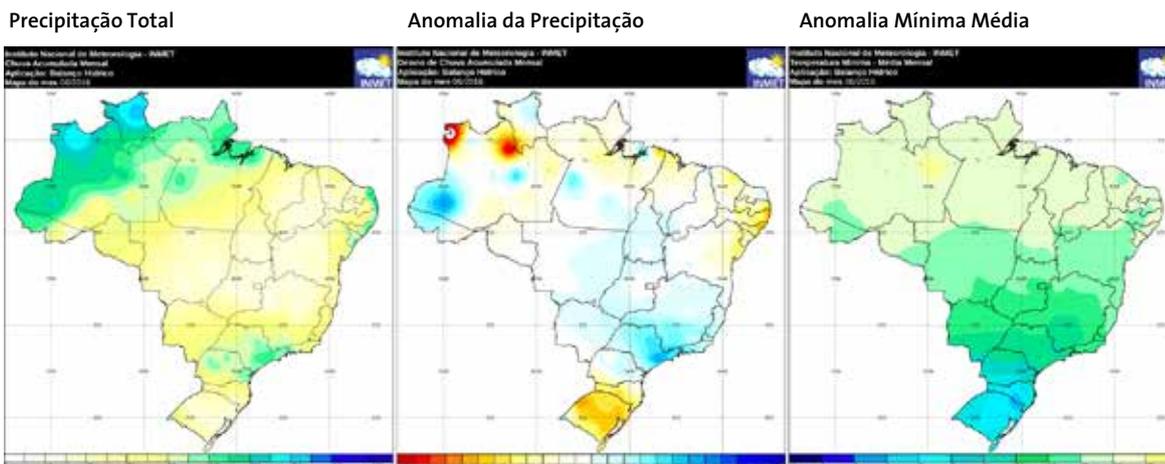
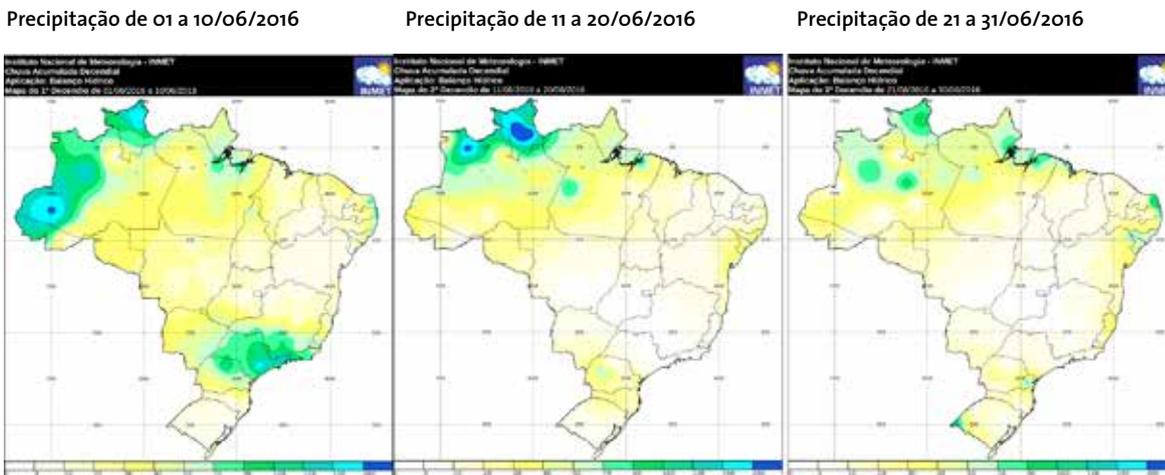
Cont...





Fonte: Inmet.

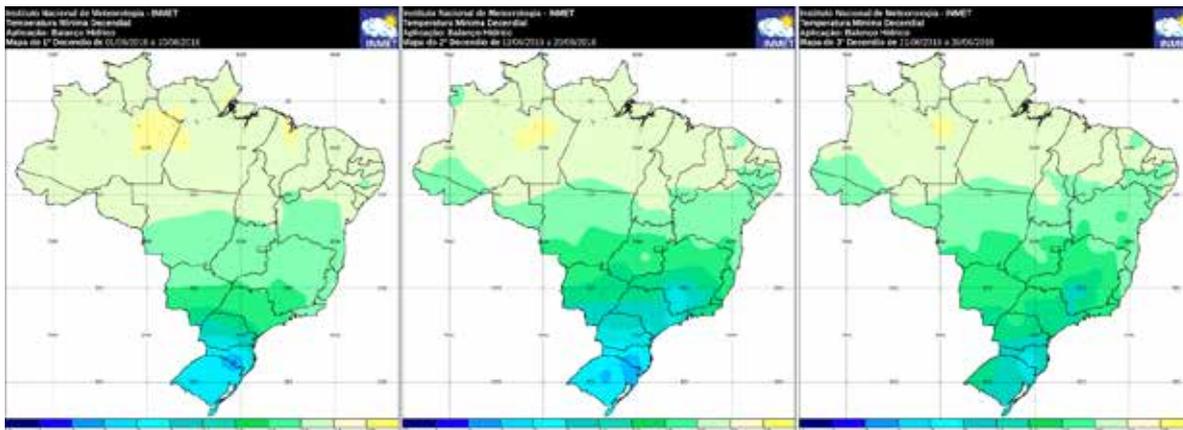
Figura 6 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em junho de 2016



Fonte: Inmet.

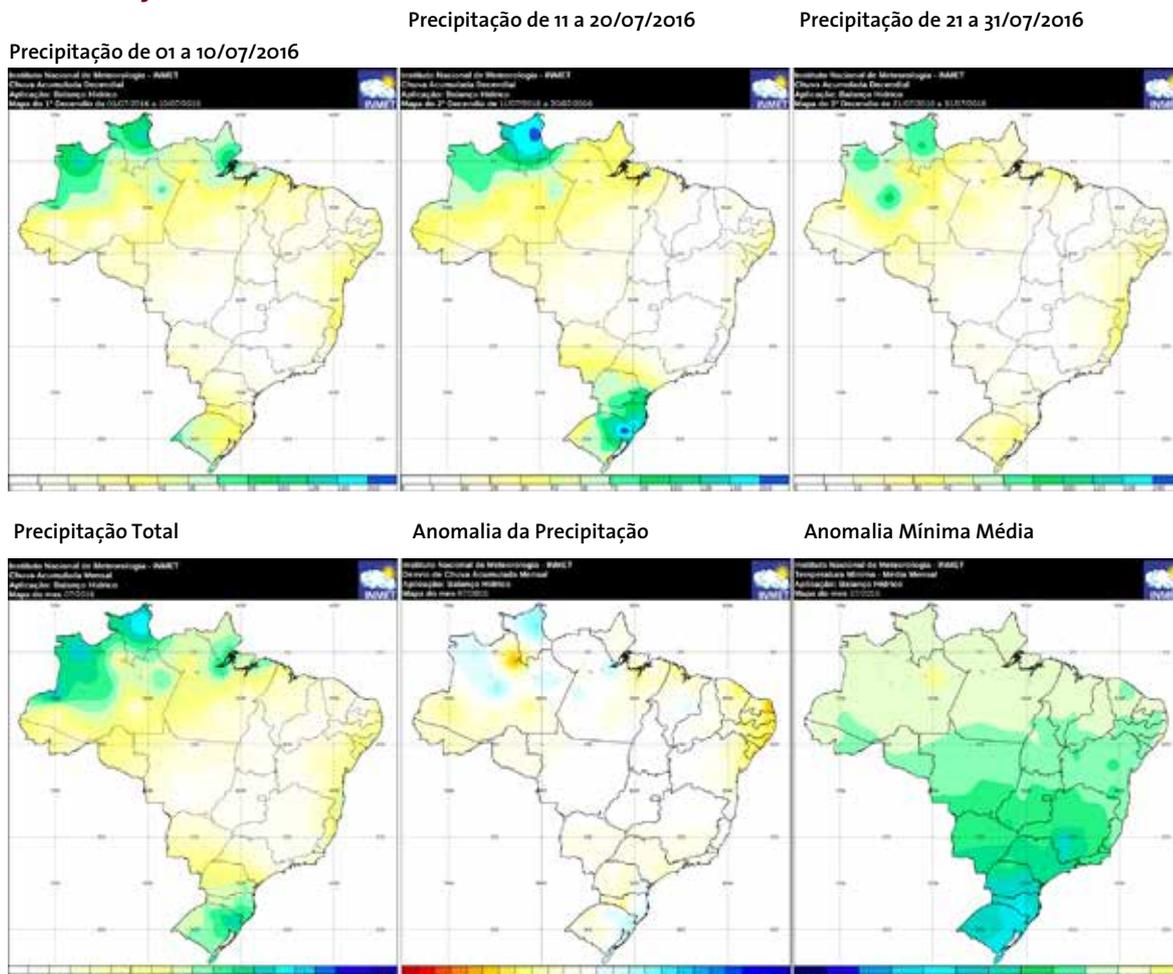


Figura 7 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de junho, de 11 a 20 de junho e de 21 a 30 de junho de 2016.



Fonte: Inmet.

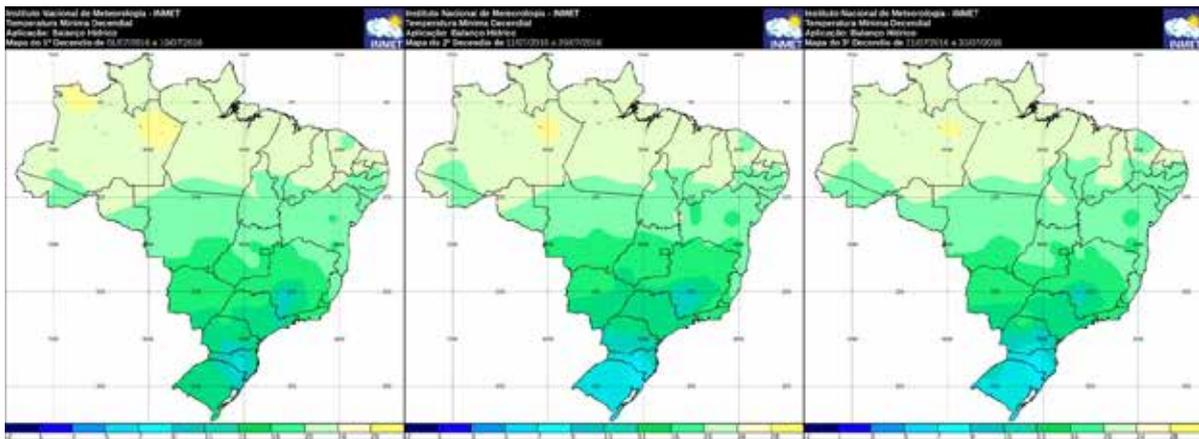
Figura 8 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em julho de 2016



Fonte: Inmet.

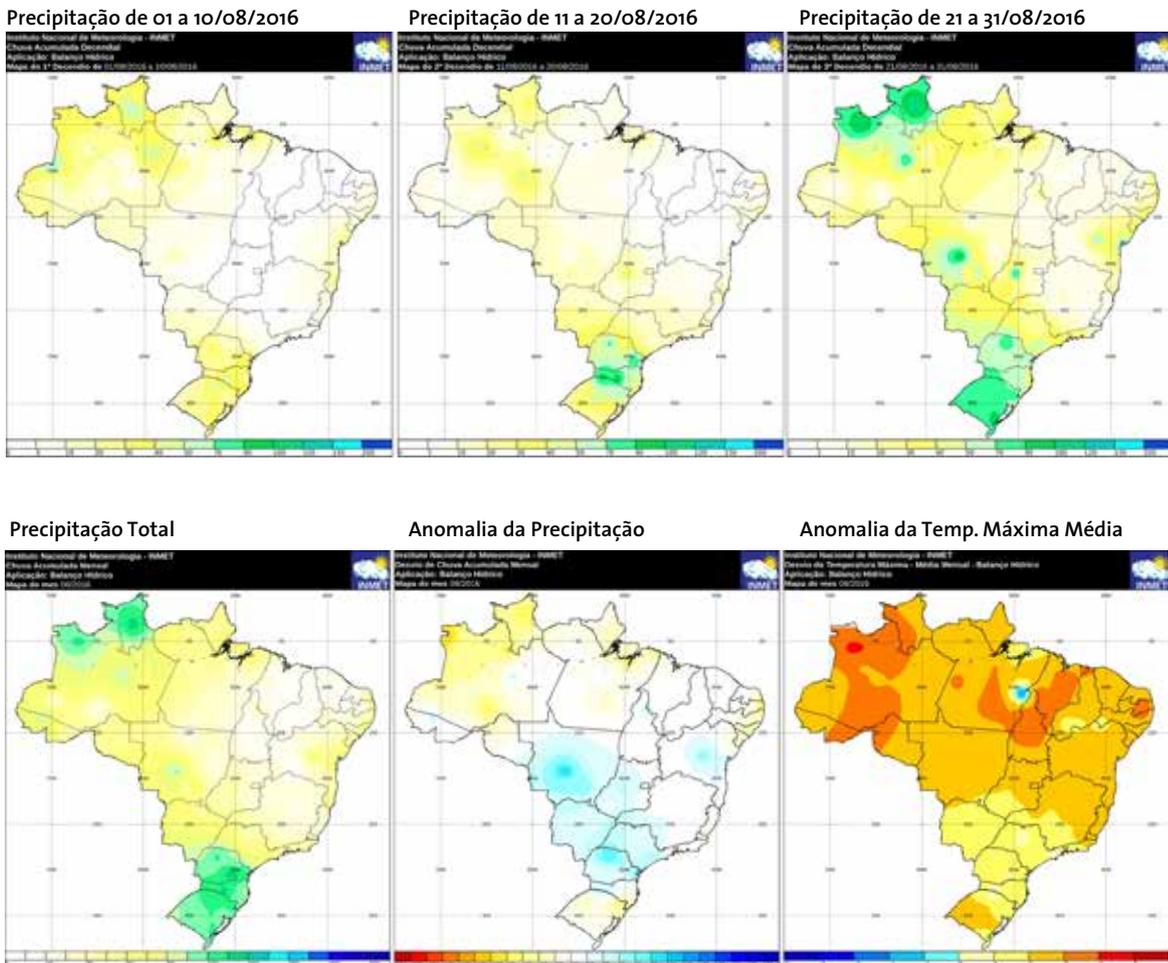


Figura 9 – Temperatura mínima média de 1 a 10 de julho, de 11 a 20 de julho e de 21 a 31 de julho de 2016.



Fonte: Inmet.

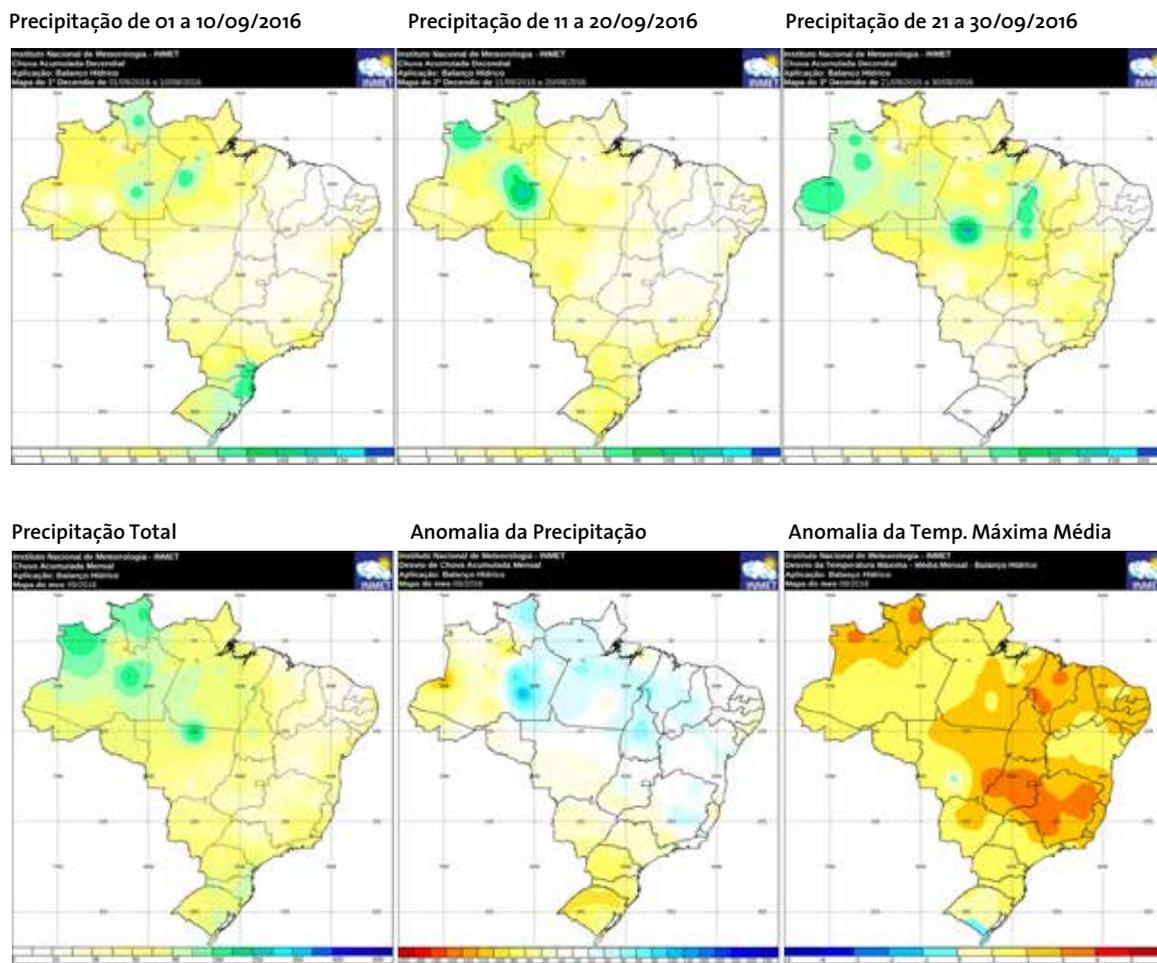
Figura 10 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 11 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2016



Fonte: Inmet.

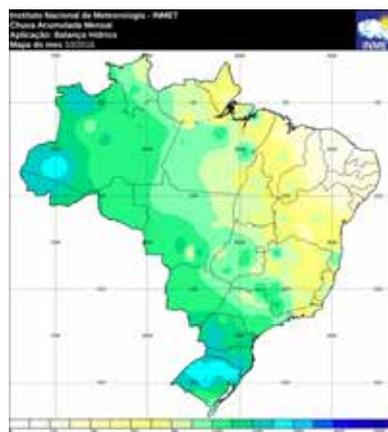
Figura 12 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2016



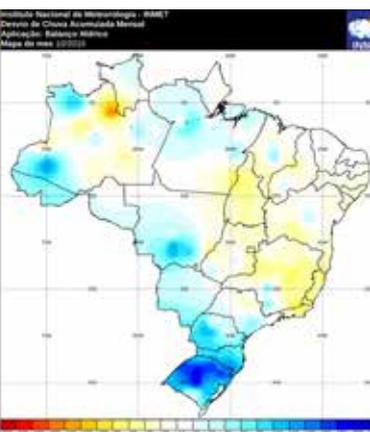
Cont...



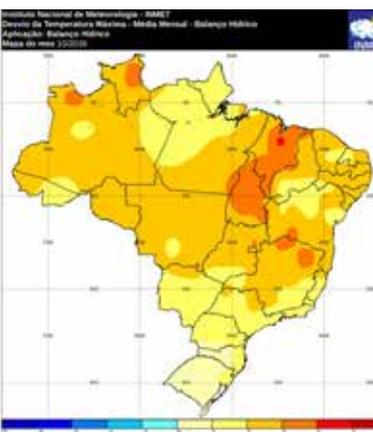
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



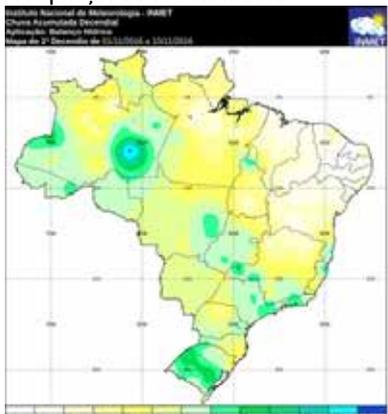
Anomalia da Temp. Máxima Média



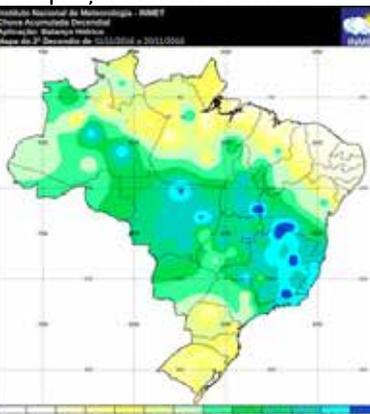
Fonte: Inmet.

Figura 13 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em novembro de 2016

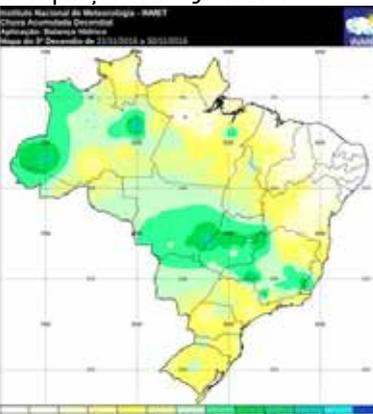
Precipitação de 01 a 10/11/2016



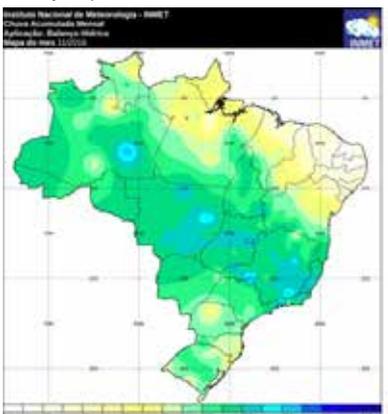
Precipitação de 11 a 20/11/2016



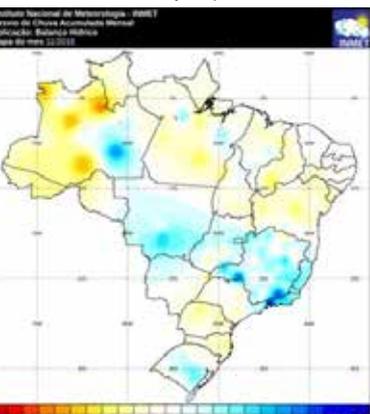
Precipitação de 21 a 30/11/2016



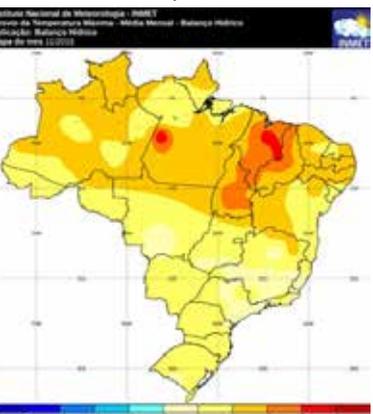
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



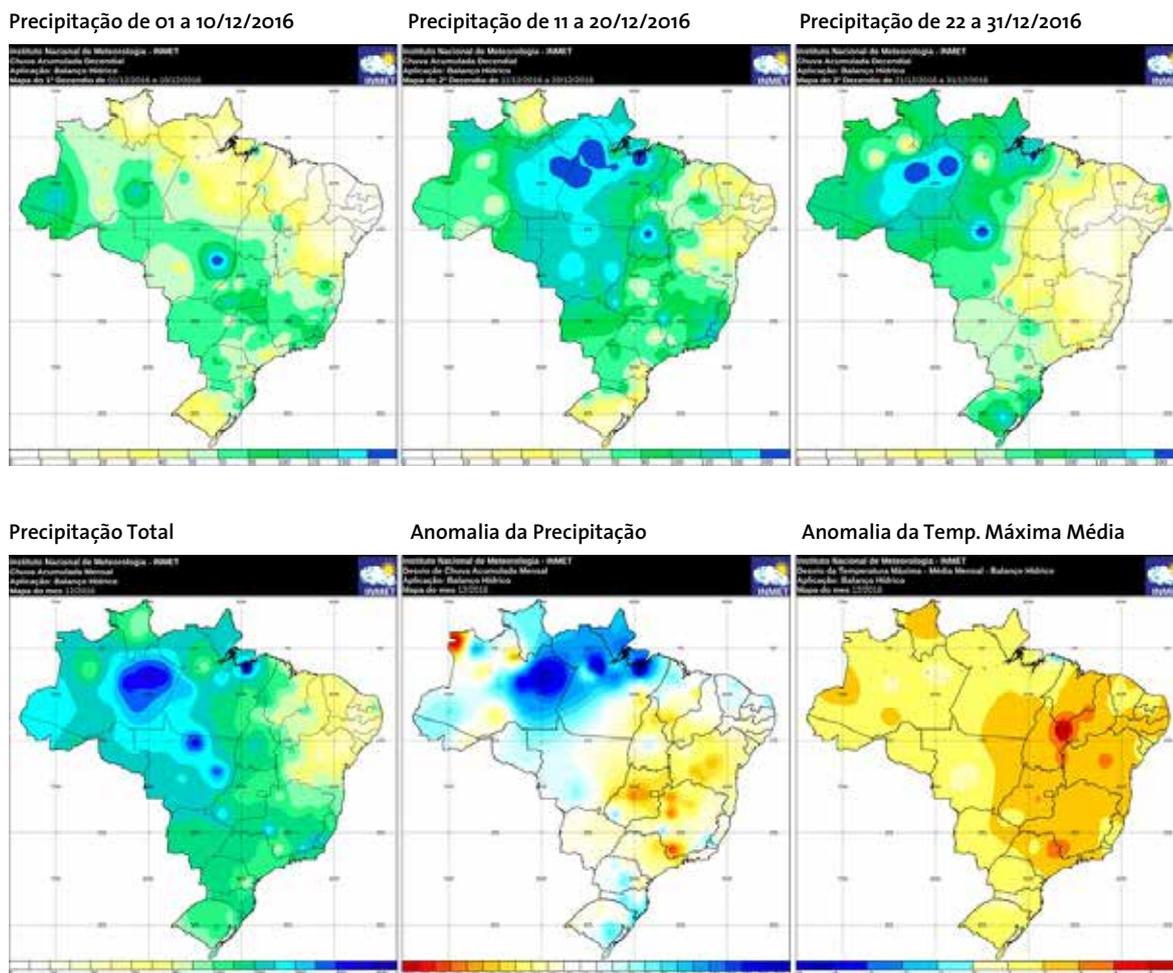
Anomalia da Temp. Máxima Média



Fonte: Inmet.



Figura 14 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em dezembro de 2016



Fonte: Inmet.





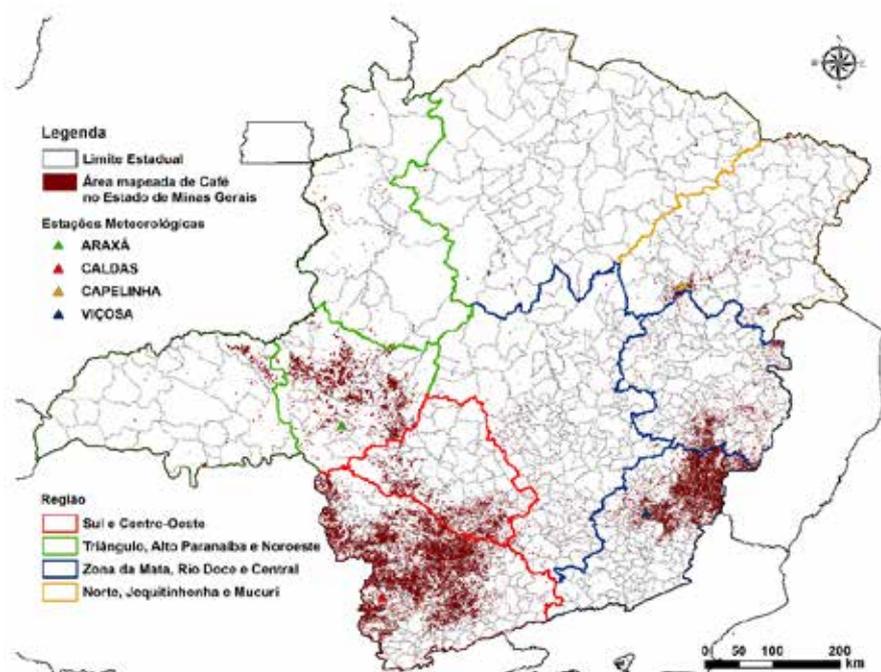
9. AVALIAÇÃO POR ESTADO

9.1. MINAS GERAIS

9.1.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café no estado de Minas Gerais, e está fazendo a atualização com base em imagens de 2016 e 2017. O último mapeamento já finalizado é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento.

Figura 15 – Mapeamento do café no Estado de Minas Gerais



Fonte: Conab.

Na região do Sul de Minas na segunda quinzena de agosto ocorreram algumas chuvas esparsas que contribuíram para promover a recuperação do estado vegetativo das lavouras e para a emissão de uma primeira florada, de modo geral fraca. Nas demais regiões, as chuvas passaram a ocorrer de forma mais frequente a partir do final de setembro, o que propiciou uma boa florada em outubro

A partir de então, as chuvas passaram a ocorrer de forma mais frequente, cuja persistência no período pós-florada contribuiu para melhor vingamento dos frutos.

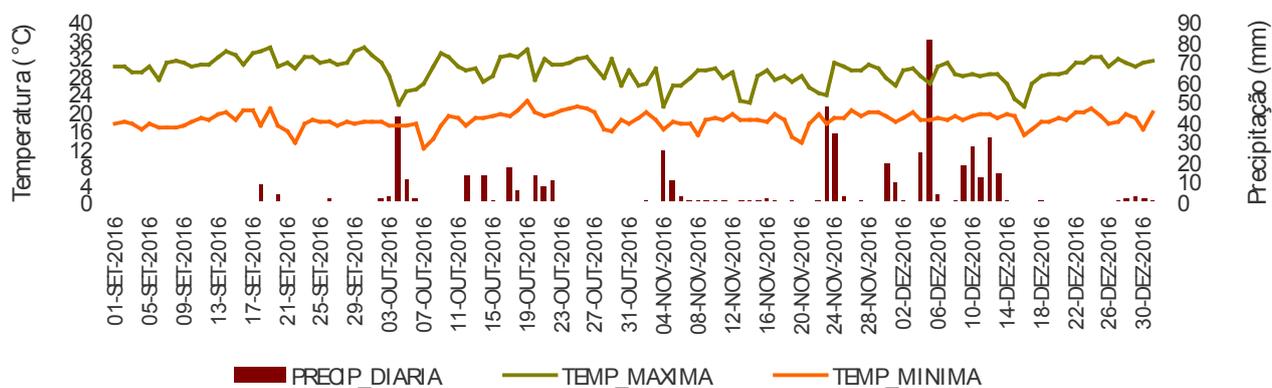
A continuidade das chuvas, desde então, favoreceu a formação dos grãos de café, que se encontram pre-

dominantemente em fase de chumbinho e início de desenvolvimento dos frutos.

Os gráficos de precipitação das estações meteorológicas do Inmet de Caldas e de Araxá (representantes das regiões sul e do Alto Paranaíba) mostram a quantidade e a regularidade das chuvas em outubro. Na regiões norte (representada pela estação de Capelinha) as chuvas se intensificaram somente a partir de novembro.

Em novembro as chuvas ocorreram acima da média em praticamente todo o estado, o que favoreceu a ocorrência de novas floradas, o seu pegamento e o desenvolvimento dos chumbinhos.

Gráfico 17- INMET - Estação Meteorológica Automática - Araxá - Minas Gerais (MG)



Fonte: Inmet.



Gráfico 18 - INMET - Estação Meteorológica Automática - Caldas - Minas Gerais (MG)

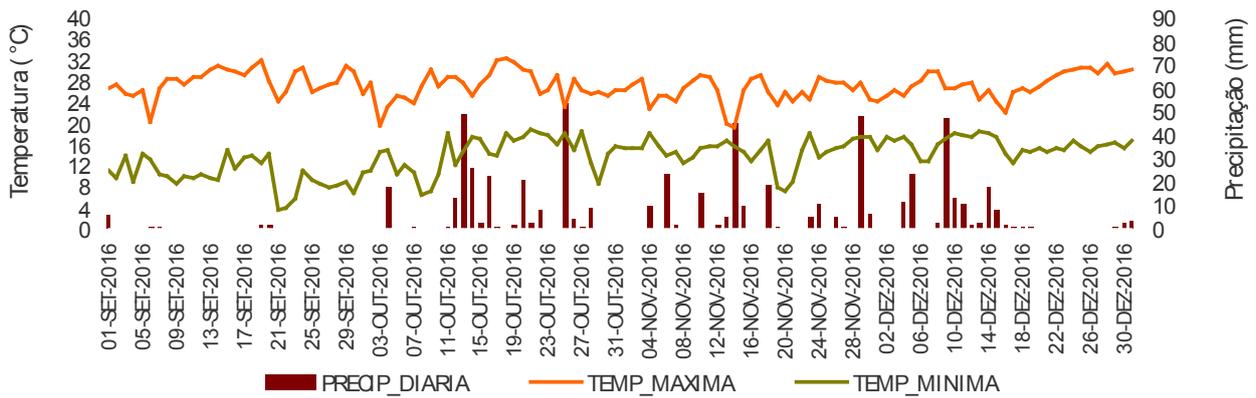


Gráfico 19 - INMET - Estação Meteorológica Automática - Capelinha - Minas Gerais (MG)

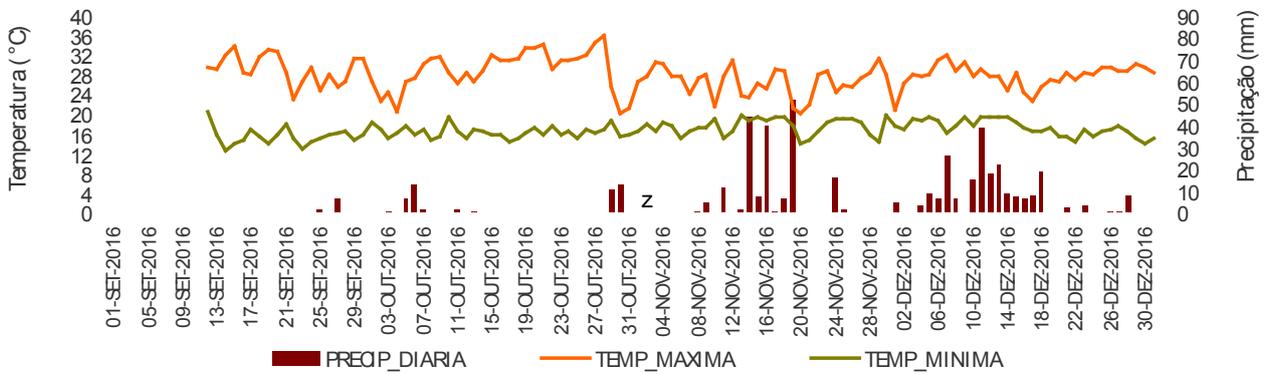
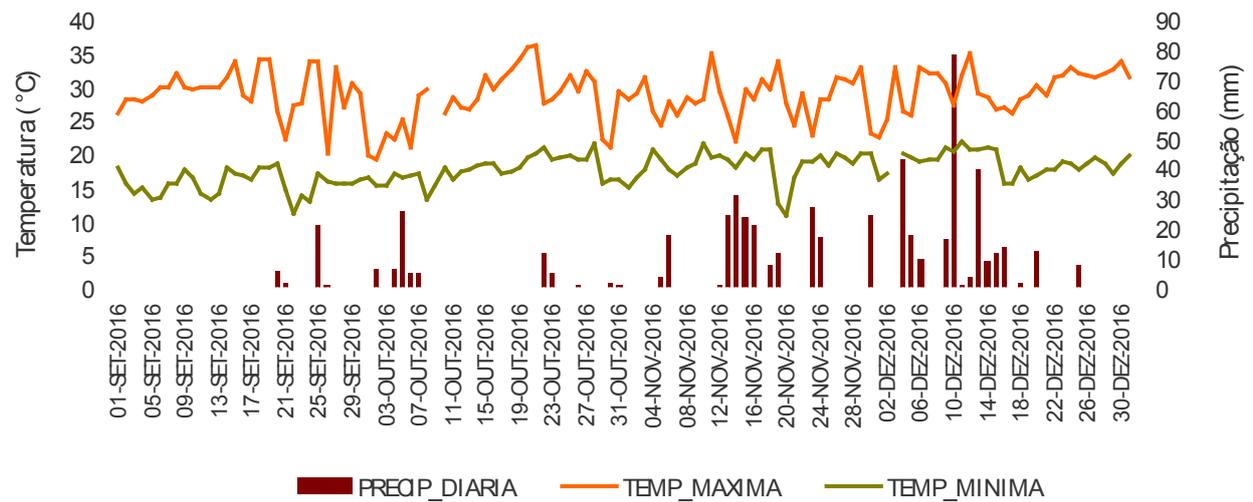


Gráfico 20 - INMET - Estação Meteorológica Automática - Viçosa - Minas Gerais (MG)



Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período reprodutivo da safra 2016 e de parte do período vegetativo e reprodutivo da safra 2017, com os possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais.

Minas Gerais - SAFRA 2016																			
Ano		2015				2016													
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out				
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	F	F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C***	C	C	C	C				
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C				
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	F	F	CH**	EF	EF	GF**	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C				
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri		F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C				

Minas Gerais - SAFRA 2017																						
Ano		2016								2017												
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R		F	F	F/CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva
 Baixa restrição Excesso de chuva
 Baixa restrição geadas

* (PV)=período vegetativo; (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês.

Fonte: Conab.

Em dezembro as precipitações continuaram intensas nos dois primeiros decêndios do mês, favorecendo o início da expansão dos frutos.

Em comparação com a safra 2016, as condições para a safra atual também têm sido benéficas para a formação dos frutos. No entanto, em 2016 houve restrições na Zona da Mata e na região norte em fevereiro

e março. Já em 2017 as previsões climáticas indicam para esse período precipitações próximas da média histórica em todas as regiões produtoras do estado.

No Quadro 1, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Minas Gerais na safra anterior e atual.

9.1.2. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

O recorde de produção da safra 2016, obviamente, prejudicou os cafezais, com o excesso de carga, e as lavouras desfolharam muito após a colheita. As podas, sobretudo de esqueletamento (safra zero), foram intensificadas nas áreas mais afetadas. Nas demais áreas a retomada das chuvas viabilizou a recuperação e enfolhamento dos cafezais. Já as lavouras novas e as que haviam sido esqueletadas na safra anterior, se encontram em plenas condições produtivas na presente safra.

As condições climáticas viabilizaram, de modo geral, duas floradas, em fins de agosto e outubro, a primeira

mais fraca e com algum abortamento, mas a segunda já bem mais significativa, e com melhor vingamento.

Os preços remuneradores, os bons resultados quantitativos da safra 2016 e a redução nos preços dos adubos vêm favorecendo e estimulando maiores investimentos nas lavouras, com vistas à preservação da condição dos cafezais e da carga produtiva da presente safra. Tem havido, entretanto, atraso nas entregas de adubos, em face da falta de algumas matérias primas, comprometendo e/ou adiando a primeira etapa de adubação de alguns cafezais.



9.1.3. ESTIMATIVA DE ÁREA E PRODUÇÃO

A produção de café em Minas Gerais está estimada em 25,4 e 26,81 milhões de sacas na safra 2017, sendo 25,11 a 26,51 milhões de sacas de café arábica e 291,4 a 308,6 mil sacas de café conilon. A área total de café em produção deve totalizar 977,44 mil hectares, com diminuição de 3,2% em comparação à safra passada e a produtividade média do estado está estimada entre 25,98 e 27,43 sc/ha, 14,6 a 9,9% abaixo do resultado obtido na safra 2016.

Região do Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)

O primeiro prognóstico da safra de café 2017 estima uma produção de 13.437,9 mil sacas na região Sul de Minas, sinalizando uma tendência de queda de 19,18% com relação à safra recorde de 2016, que fechou em 16.627,7 mil sacas, e um acréscimo de 24,33% relativamente à safra 2015, que foi de 10.808,3 mil sacas.

A área total de café está estimada em 641,47 mil hectares, o que representa um crescimento de 1,5% em relação à safra anterior. Ainda com relação à safra 2016, dados preliminares indicam um crescimento significativo de 37,2% na área em formação, estimada em 147,49 mil hectares, e uma queda de 5,8% na área em produção, estimada em 493,99 mil hectares, números explicados notadamente pela intensificação das podas, realizadas nas lavouras que sofreram mais com os efeitos da alta carga produtiva da safra anterior ou com os danos provocados pela geada nas áreas atingidas com maior severidade. Continuam predominando as podas de esqueletamento (safra zero), mas, em função da extensão dos danos, algumas lavouras sofreram podas de recepa, e tem ocorrido também renovação de algumas áreas - erradicação de lavouras e plantio de novas áreas em substituição. Também houve investimento em plantios de novas áreas este ano, motivado pelos bons preços de mercado e pelos bons resultados da última safra, mas, mais uma vez, houve limitação na disponibilidade de mudas.

No tocante à produtividade média esperada para 2017 no Sul de Minas, as estimativas ainda são preliminares, mas traçam uma tendência de queda da ordem de 14,25%, passando de 31,72 sc/ha para 27,20 sc/ha,

Região do Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste)

A primeira estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2017, é de 4.560,4 mil sacas, o que representa uma redução de 38,4% comparativamente à safra anterior. A produtividade média deve apresentar um decréscimo de 33,3%, passando de 40,43 sacas/ha em 2016, para 26,95 sacas/ha em 2017. A área de café em produção teve uma redução

Em comparação com a safra 2016, o resultado do presente levantamento sinaliza uma redução da produção cafeeira de Minas Gerais, da ordem de 17,03 a 12,7%, pautada principalmente na bialidade negativa das maiores regiões produtoras do estado, com exceção da Zona da Mata, que apresenta bialidade invertida com relação ao estado.

dados ainda sujeitos a reavaliação nos três próximos levantamentos. O ano de 2017 é de bialidade negativa, vindo de uma safra em que as lavouras que se encontravam em produção apresentaram carga muito alta e uma acentuada desfolha no pós colheita, com tendência, portanto, de queda em rendimento. As lavouras novas e aquelas podadas em 2015 entram com bom potencial de produção, mas representam uma parcela menor da área produtiva. O crescimento de ramos foi razoável; a primeira florada, mais fraca, ocorrida em agosto, sofreu perdas com a estiagem de setembro; a segunda e mais importante florada ocorreu em outubro e, de modo geral, vingou bem, e constata-se que há um certo raleamento das rosetas, renunciando uma carga efetivamente inferior à da safra passada. As lavouras, predominantemente em fase de chumbinho, iniciando expansão dos frutos, ainda enfrentará, nos próximos meses, um período crítico de enchimento de grãos, cujo bom resultado dependerá das condições climáticas se manterem favoráveis. De modo geral, as lavouras estão em boas condições fitossanitárias, mas muitas áreas já enfrentam problemas de broca, outras já sofreram com ataques de bicho mineiro e há relatos também de phoma, mas os produtores estão atentos e buscando manter um adequado controle das lavouras. No tocante à adubação das lavouras, os cafeicultores, embora motivados pela queda verificada no preço dos fertilizantes, pelos resultados alcançados na última safra, e pelos bons preços do mercado de café, têm enfrentado alguma dificuldade para recebimento do adubo em tempo hábil, em face do atraso nas entregas, que vem sendo justificado pela falta de algumas matérias primas.

de 7,5% em relação à safra passada. A área total de café na região do cerrado mineiro está estimada em 213.794 hectares, sendo 169.215 hectares em produção e 44.579 hectares em formação e renovação. A menor produção de café estimada para a safra 2017 se deve à redução significativa de produtividade, em razão do ciclo bienal da cultura, que alcançou produtivida-



de recorde no ano anterior devido as boas condições das lavouras e das condições climáticas favoráveis no decorrer do ciclo produtivo da cultura na safra 2016 e da redução da área de café em produção da ordem de 7,57%, devido as podas realizadas, especialmente “esqueletamentos”, considerando a necessidade de renovação daquelas lavouras que se encontravam bastante depauperadas pela alta carga produtiva do ano anterior, como também naquelas áreas que foram atingidas pela geada no inverno de 2016, embora de ocorrência mais localizada.

Após uma estação seca prolongada, com redução abrupta das chuvas a partir de meados de março de 2016, que concorreu para o elevado índice de desfolhamento das lavouras após o período de colheita aliada a alta carga produtiva de 2016, que levou a um aumento na área de podas, as chuvas voltaram a ocorrer de forma esporádica a partir de setembro, quando ocorreu uma primeira florada de baixa intensidade

Região da Zona da Mata, Rio Doce e Central

A produção de café da região estimada para a safra 2017 é de 7.461,4 mil sacas. Os levantamentos de campo apontam para um aumento da produção em 22,7% quando comparada com a safra anterior. A área em formação reduziu 13,1% com a volta para a produção de áreas podadas em safras anteriores. A área em produção aumentou 4,6% para 281.915 hectares quando comparada com a safra passada. A produtividade média cresceu 17,3%, passando de 22,56 para 26,47 sc/ha. Tal expectativa de crescimento da produção deve-se a bialidade positiva das lavouras, ao aumento da área em produção, a melhora dos tratos culturais incentivados pela recuperação dos preços do café, as boas floradas ocorridas na região e às condições climáticas favoráveis durante as floradas e no período pós-floradas. Ressaltamos que a quase totalidade dos municípios visitados aponta para um significativo incremento da produtividade na safra que se inicia, refletindo o aumento do potencial produtivo dos cafezais da região.

As chuvas de verão tiveram início na Zona da Mata Mineira em meados do mês de setembro, e se estenderam de forma regular, bem distribuídas e com intensidade dentro das médias históricas de pluviosidade na região até o mês de dezembro. Tais precipitações reduziram o déficit hídrico do solo e, de maneira geral, induziram a abertura de uma a duas excelentes floradas em todos os municípios visitados. Condições

(florada de ponteiro). Em meados de outubro, apesar do regime de chuvas, ainda se caracterizar pela irregularidade na distribuição e na intensidade, as precipitações foram suficientes para recuperar o nível de água no solo, ensejando a formação da principal florada da safra que deverá ser colhida em 2017 e que foi seguida de uma terceira florada também de baixa intensidade registrada no final de outubro e início de novembro. As temperaturas registradas no período também estiveram bastante elevadas. Em novembro até meados de dezembro o volume de chuvas superou as médias históricas em diversos municípios da região, favorecendo o enfolhamento das lavouras e o desenvolvimento dos frutos que se encontravam predominantemente em fase de expansão. Os tratos culturais e as adubações, apesar de relatos pontuais de atraso na entrega de fertilizantes, estão sendo realizadas de acordo com a programação, refletindo o bom momento da cafeicultura na região.

climáticas favoráveis no período pós floradas promoveram o pegamento e vingamento das flores e frutos, sem registros de ocorrências de “phoma”, mumificação e abortamento de flores e frutos acima dos percentuais considerados normais para a cultura, dando início à formação e crescimento dos chumbinhos para a safra 2017, bem como, a retomada do desenvolvimento vegetativo dos cafezais. Ressaltamos que a safra 2017 ocorre na sequência de uma safra com carga baixa em 2016, sendo, portanto, considerada como safra de bialidade alta ou positiva na quase totalidade dos municípios visitados, em uma condição produtiva inversa às demais regiões produtoras de café do Estado de Minas Gerais.

De maneira geral, as lavouras se encontram em intenso processo de enfolhamento sinalizando boas condições vegetativas e nutricionais, sem sinais de infestações de pragas e doenças de maior relevância, indicando boas perspectivas para a produção da safra 2017. As boas condições das lavouras, refletem o início das chuvas a partir do mês de setembro e a retomada dos tratos culturais incentivados pelos bons preços de comercialização do café nos últimos anos. As boas condições dos cafezais refletem também o retorno de lavouras podadas em safras anteriores e a baixa carga das lavouras na safra 2016 (bialidade negativa), requerendo menor dispêndio de nutrientes para suporte da produção.



Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha/Mucuri

A produção de café nesta região está estimada em 646 mil sacas, que representa variação positiva de 5,41% em relação à safra 2016. Cabe ressaltar que a safra passada foi bastante penalizada por condições climáticas desfavoráveis, que afetaram inclusive as lavouras irrigadas face a indisponibilidade de água

9.1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa estimativa de produção da safra de café 2017 em Minas Gerais é a primeira, mas as condições climáticas vigentes até agora permitem traçar expectativas de resultados razoáveis para um ano de baixa bienalidade, embora ainda haja preocupação, é claro, com o período crítico de enchimento de grãos que se aproxima, com o receio de que as chuvas sofram solução de continuidade no início de 2017.

Trata-se do primeiro de quatro levantamentos, e a expectativa é de uma retração de 15,03% na produção mineira, que representam um diferencial de 4.618,5 mil sacas. Pelas estimativas iniciais, este resultado decorre em parte da redução de 3,17% estimada na área em produção, mas sobretudo da projeção de queda de

na região. Desta forma, podemos esperar que, caso as atuais condições climáticas razoáveis persistam por mais tempo, a produção ora estimada deverá apresentar crescimento em relação a esta primeira estimativa.

12,25% na produtividade.

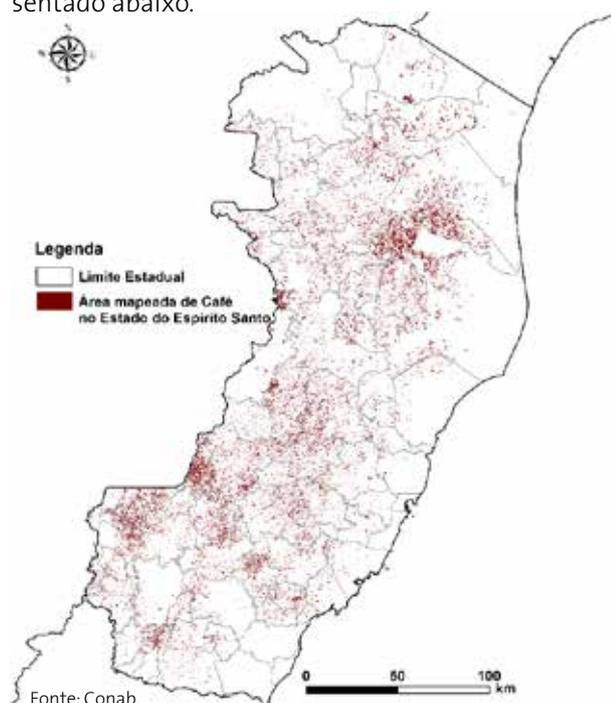
A queda na área pode ser explicada pela intensificação das podas realizadas em 2016, que superaram a entrada de novas áreas em produção, quais sejam aquelas plantadas em 2014 ou aquelas esqueletadas em 2015. No tocante à produtividade média projetada, apesar do clima se mostrar favorável, o crescimento de ramos produtivos não foi muito bom, as floradas foram razoavelmente boas, mas a primeira sofreu abortamento em decorrência da estiagem de setembro, as rosetas estão mais ralas, e há, ainda riscos no período crítico de enchimento de grãos, caso as precipitações pluviométricas fiquem aquém do necessário.

9.2. ESPÍRITO SANTO

9.2.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

Figura 16 – Mapeamento do café no estado do Espírito Santo

O mapeamento no estado do Espírito Santo é apresentado abaixo.



Em comparação com a safra 2016, as condições climáticas para a safra atual (2017) estão mais favoráveis. Tanto na região com maior concentração de café conilon (norte) quanto na do arábica (sul), as chuvas em novembro e dezembro deste ano foram mais intensas e melhor distribuídas do que no ano passado, o que tem beneficiado a floração e o início da formação dos frutos da safra 2017.

No entanto, a irregularidade e a má distribuição das chuvas nos meses anteriores (setembro e outubro) podem ter contribuído para uma desuniformidade

das floradas e agravado a escassez hídrica no estado. Em função da falta de chuvas nos anos anteriores e da indisponibilidade de água para irrigação, a condição das lavouras e o período vegetativo da safra atual pode ter sido comprometido, o que afeta diretamente a produção. Novembro e dezembro de 2015 e abril de 2016 foram os meses com maiores restrições.

Nos Quadros 2 e 3, verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Espírito Santo nas safras anterior e atual.

Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a outubro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Conilon** -SAFRA 2016														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

Espírito Santo – Café Conilon** -SAFRA 2017																					
Ano	2016											2017									
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

Fonte: Conab.

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a outubro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Arábica** - SAFRA 2016														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

Espírito Santo – Café Arábica** - SAFRA 2017																					
Ano	2016											2017									
Meses	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	F/CH/EF	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região sul

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva

Fonte: Conab.

9.2.2. ESTIMATIVA DE ÁREA E PRODUÇÃO

A produção na primeira estimativa de safra cafeeira de 2017 no Espírito Santo está estimada entre 7,34 e 8,43 milhões de sacas beneficiadas. Desse quantitativo, 2,74 e 3,13 milhões de sacas serão de café arábica e 4,61 a 5,30 milhões de sacas de café conilon. Esse total deverá ser oriunda de uma área cafeeira em produção de 385,54 mil hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 18,55 a 20,86 sc/ha para o café arábica e 19,56 a 22,49 sc/ha para o café conilon, resultado em uma produtividade estadual, ponderando café

arábica e conilon de 19,05 a 21,86 sc/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2016 e 2017, verifica-se o decréscimo de 18,1 a 6% na produção geral do Espírito Santo, com decréscimo de 30,3 a 20,4% para o café arábica e decréscimo de 8,5% a aumento de 5,2 para o café conilon. Nessa primeira estimativa de produção para a próxima safra os frutos nas lavouras encontram-se em formação.



9.2.3. CAFÉ ARÁBICA

Para a primeira estimativa de previsão de safra cafeeira 2017, a produção de café arábica do Espírito Santo foi estimada entre 2,74 a 3,13 milhões de sacas, inferior à produção de 2016 que foi de 3,93 milhões de sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150,13 mil hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 18,25 a 20,86 sc/ha.

O decréscimo de até 30,3% em relação a estimativa de 2016 pode ser atribuído aos seguintes fatores: alta produção de 2016; o efeito da bienalidade; o déficit hídrico e a má distribuição de chuvas, sobretudo, na região sul/Caparaó, área essa, localizada entre 500 e 700 metros de altitude, que corresponde a 40% do arábica do Espírito Santo, provocou desfolhas nas lavouras, interferências no crescimento da planta e floração e conseqüentemente na quantidade e desenvolvimento dos frutos.

O parque cafeeiro de arábica vem sendo renovado e revigorado sob novas bases tecnológicas. Como resultado aplicado o Espírito Santo teve a maior produção de café arábica da sua história, chegando a quase 4

milhões de sacas em 2016 e produziu cerca de 30% desse total de café superior.

As lavouras têm potencial para maior da produção, devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores ao Programa de Renovação e Revigoramento de lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas.

O parque cafeeiro de arábica capixaba se encontra em média ainda envelhecido. Há necessidade de acelerar o processo de renovação. Há dificuldade na renovação e revigoramento de lavouras e de realizarem adequadamente adubações, os tratos culturais e fitossanitários.

9.2.4. CAFÉ CONILON

Para a primeira previsão de estimativa de safra 2017 de café conilon, a produção foi estimada entre 4,61 e 5,3 milhões de sacas, que representa decréscimo médio 1,7% em relação safra 2016. Essa produção é oriun-

da de um parque cafeeiro em produção de 235,42 mil hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 21,0 sc/ha.

Figura 17 – Lavoura de café conilon irrigado no Espírito Santo. Dez. 17



Fonte: Conab.



As lavouras de café conilon no Espírito Santo vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas, com variedades clonais mais produtivas, nutrição adequada, poda, manejo de pragas e doenças, irrigação. Como resultado aplicado, a produção do estado até 2014 vinha ininterruptamente crescendo na média de 5% ao ano. Essa sequência crescente positiva de produção foi interrompida e reduzida drasticamente nos três últimos anos por problemas climáticos (seca, má distribuição de chuvas, associado a altas temperaturas e insolação).

O decréscimo significativo e sequencial na produção de café conilon de 2014 e 2017 se deve ao seguinte fatores: 1) a seca e má distribuição de chuvas por três anos consecutivos, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocou a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta; 2) a falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas) associada a normativa de proibição de irrigação durante o dia por falta de água, em todo

9.2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seca, falta de água para irrigação, associado a altas temperaturas nos últimos três anos, interrompeu uma sequência contínua de aumento de produção dos cafés no Espírito Santo, reduzindo assim, cerca de 50% do café conilon e 40% a produção geral do estado.

9.3. SÃO PAULO

9.3.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

Em São Paulo, foram realizados três mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização

o Espírito Santo, comprometeu 70% das lavouras do Espírito Santo que são irrigadas; 3) a falta de água provocou a redução de adubações, prejudicou os tratos culturais, promoveu maior incidência de ácaros vermelho, cochonilha da roseta e broca das hastes.

Devido aos efeitos drásticos dos problemas climáticos nos últimos três anos houve a redução de cerca de 50% da produção de café conilon do estado. A elevadíssima desfolhas, baixo crescimento e redução do vigor das plantas devido ao prolongado período de seca (cerca de 1000 dias), levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas e erradicação de lavouras, reduzindo assim em mais de 10% a área em produção de café conilon do estado.

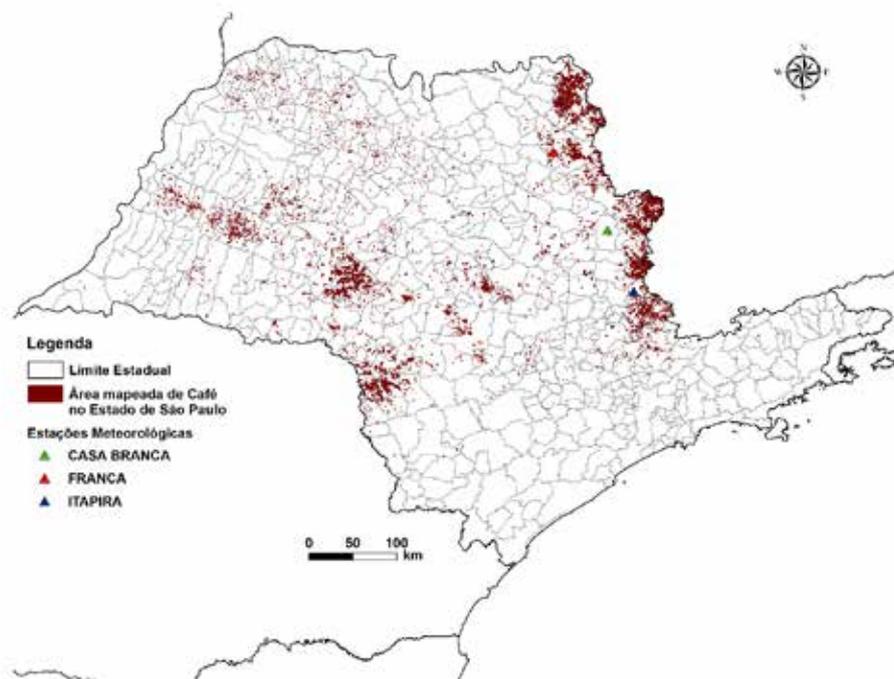
Registra-se que as lavouras apresentam capacidade de responder ainda mais à produção. Para tal, há necessidade de melhorar as estruturas para a reserva de água e melhorar o manejo de irrigação. As lavouras têm sido renovadas com variedades melhoradas e outras tecnologias associadas, que com certeza poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção e melhoria na qualidade final do produto do café conilon no Espírito Santo.

As consequências da seca levaram muitos produtores a efetuarem podas drásticas nas lavouras e desacelerarem o programa de renovação de suas plantações. Consequentemente, houve redução de mais de 10% na área em produção do café conilon do estado.

das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) utilizadas no monitoramento.



Figura 18 – Mapeamento do café em São Paulo



Fonte: Conab.

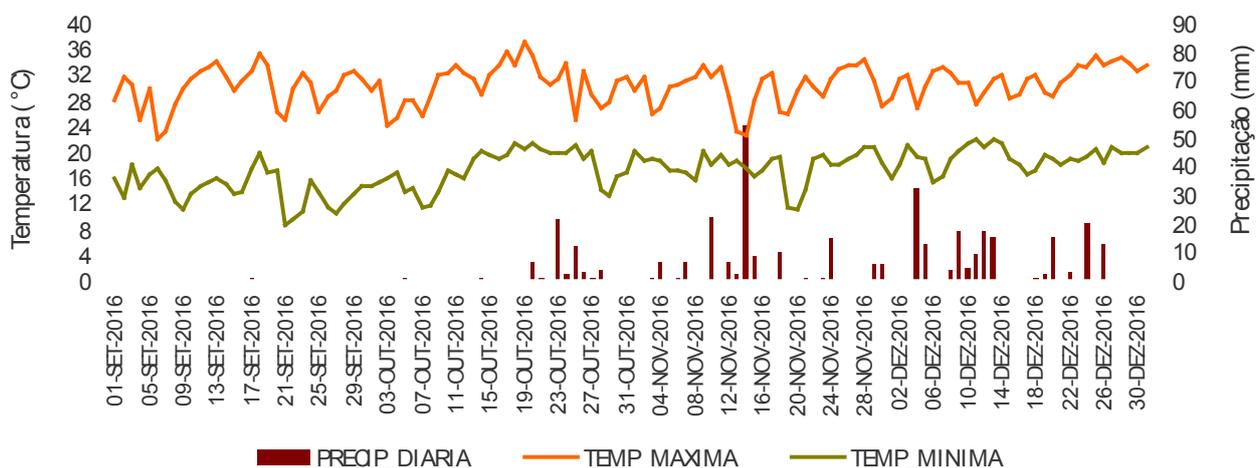
O período de floração dos cafezais normalmente ocorre entre setembro e novembro. Em função de poucas chuvas em setembro a floração dos cafezais se deu efetivamente a partir de outubro de 2016.

de importantes regiões do estado paulista, no início de outubro, está se desenvolvendo satisfatoriamente favorecida pelas condições climáticas, com chuvas regulares seguidas de boa insolação.

A segunda floração verificada nos cafezais de arábica

As condições climáticas na safra atual (2017) estão tão

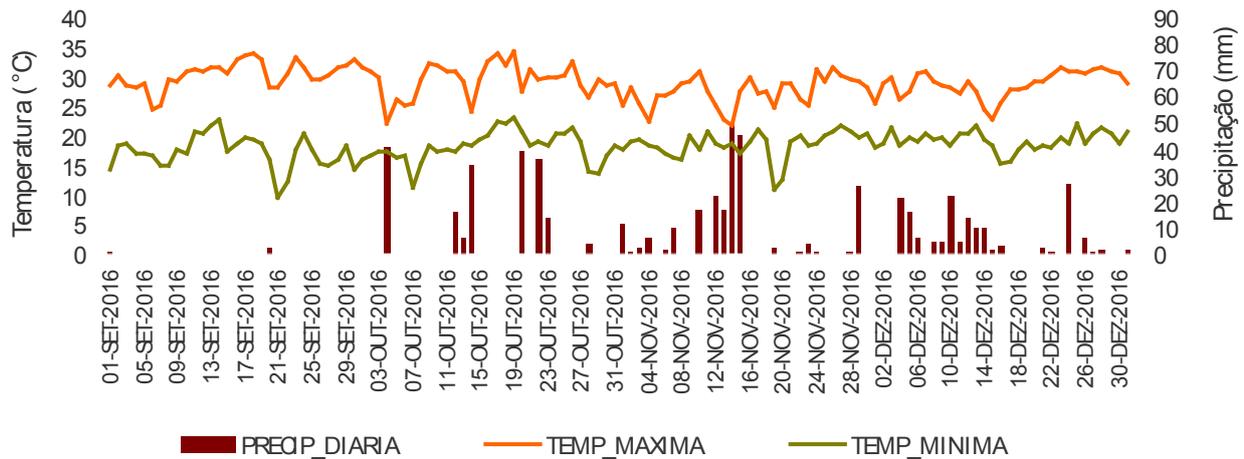
Gráfico 21 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Itapira



Fonte: Inmet

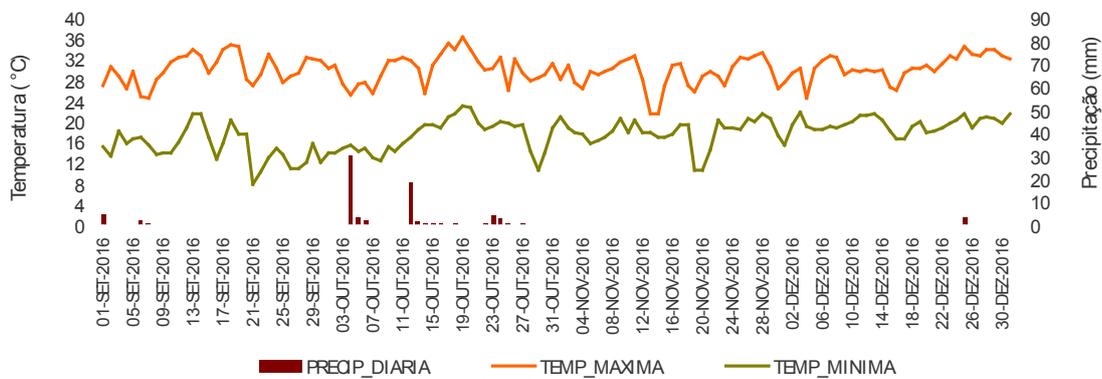


Gráfico 22 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Franca



Fonte: Inmet

Gráfico 23 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Casa Branca



Fonte: Inmet

Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a setembro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo - SAFRA 2016													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	CH**	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C***	M/C****	C	C	C

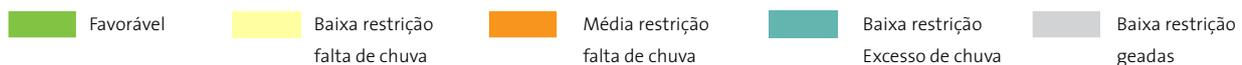
São Paulo - SAFRA 2017																	
Ano	2015							2016									
Meses	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Fases*	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável

*** impactos pontuais por excesso de chuva

**** restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio.



Fonte: Conab.



benéficas para o desenvolvimento dos frutos quanto estiveram na safra anterior (2016). Apesar da falta de chuvas em setembro ter atrasado o início da floração da safra 2017 em algumas regiões do estado, a partir de outubro, elas se intensificaram e favoreceram a ocorrência das floradas, o seu pegamento, a formação

dos chumbinhos e o início da expansão dos frutos em praticamente todo o estado.

No Quadro 4, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em São Paulo na safra anterior e atual.

9.3.2. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Este primeiro levantamento sinaliza forte redução na produtividade da safra atual, que está saindo de 29,97 sc/ha produzidas na safra 2016 para 20,0 a 24,70 sacas por hectare na safra atual, variação negativa de 33,3% a 17,6% na produtividade e de 32,9% a 17,1% na produção, ou seja, o decréscimo pode chegar a 1,99 milhões de sacas beneficiadas. A maior queda está prevista para a região de Franca, importante polo produtor de São Paulo.

A cafeicultura brasileira é muito conhecida a característica de safras altas alternadas com safras baixas, o que se denomina de ciclo bienal de produção de café. Esse ciclo reduz a oferta do produto, exigindo a estocagem e carregamento de uma safra para outra. Este ano é bienalidade negativa para São Paulo e a produção sinaliza forte queda na safra 2017.

Figura 19 - Cafezal em Franca/SP, Dez. 2017



Fonte: Conab.

Além do estresse pela carga alta da safra passada, plantas malnutridas deverão acarretar significativa redução na produção da safra que ora se inicia. Outro fator agravante para esta safra que se inicia 2017 é que muitas lavouras já são consideradas muito velhas, com espaçamentos inapropriados, com necessidades de renovação, novos plantios, bem como novas variedades, mais produtivas e resistentes à infestação de pragas.

Em razão de estarmos entrando em um ano de bai-

xa produção (bienalidade negativa), grande parte dos produtores deverão adotar uma prática bastante comum, a poda.

Estima-se que essa prática deverá ser implementada em aproximadamente 40% das áreas de café do estado paulista. O setor acredita que haverá uma forte redução da produtividade/produção na presente safra (2017), mas que deverá trazer muito vigor a essas plantas já na safra seguinte (2018), que certamente resultará em uma forte recuperação da produtividade



A poda em plantas perenes é uma técnica muito usual, praticada desde que o produtor entenda ser necessárias para melhorias na frutificação das brotações novas. Na cultura do café não é diferente e a produção dos frutos geralmente ocorre nos ramos mais novos e enfolhados devido à capacidade que eles têm de armazenar reservas de carboidratos e nutrientes para a formação das gemas reprodutivas, que mais tarde darão origem às flores e frutos.

Uma vez decidido o sistema de podas é muito importante definir a época de iniciar a operação. Há trabalhos que comprovam que quanto mais cedo for feito, melhor é a resposta em brotação e recuperação da área. O ideal é fazer entre julho e setembro, logo após

o encerramento da colheita.

Entre as podas, usa-se com muita frequência o decote que é uma poda alta, feita acima de 1,5m, com o objetivo de diminuir a altura das plantas para facilitar a colheita. Também muito usado é desponte, tipo de poda muito semelhante ao esqueletamento, variando apenas no tamanho do corte, que ficam entre 40 a 60cm dos ramos laterais.

Nas condições de estresse dos cafeeiros, o uso de esqueletamento aumentou significativamente na pós-colheita 2016 em algumas regiões, como a Mogiana. Essa prática atingiu mais de 50% das áreas em produção..

Figura 20 - Manejo no cafezal, decote (em cima) e esqueletamento (nas laterais), Dez. 2017



Fonte: Conab.

9.4. BAHIA

9.4.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

O mapeamento do café na Bahia é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) utilizadas no monitoramento.

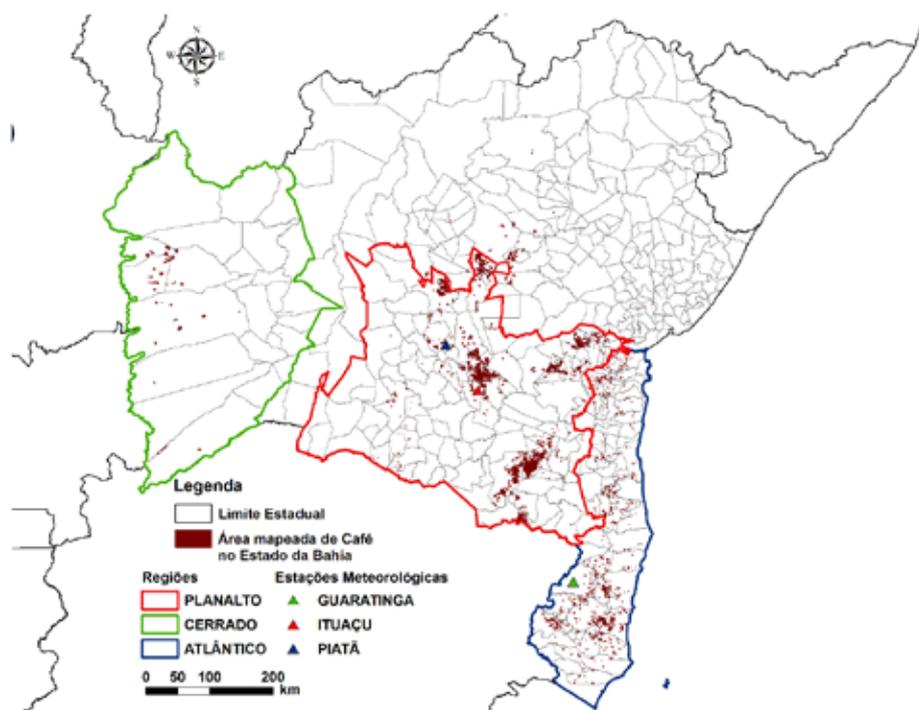
Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura e os elementos climáticos de maior relevância à produção do café são, principalmente, temperatura do ar e a precipitação pluviométrica.

Diferentemente da safra passada (2016), tanto as floradas quanto o desenvolvimento dos frutos têm sido favorecidos pelas condições climáticas na safra 2017.

Na região do Planalto as precipitações observadas em novembro têm causado boas expectativas aos produtores de café, porém há de se atentar pela falta de uniformidade das lavouras. Conforme demonstra o gráfico, até 21 de novembro de 2016 choveu 114,4 mm em Vitória da Conquista, mais que o dobro das chuvas observadas em novembro do ano passado. Entretanto, deve-se ressaltar que algumas regiões de lavouras de café dos municípios de Barra do Choça e Encruzilhada, por exemplo, apresentam um regime climático ainda mais favorável do que o registrado pela estação. As chuvas de novembro presente estão bem distribuídas, constantes e prolongadas, o que tende a favorecer a floração.



Figura 21 – Mapeamento do café no estado da Bahia



Fonte: Conab.

A agricultura é, por excelência, uma atividade de risco e diversos fatores deverão influenciar a safra presente. O reflexo do estresse hídrico de anos anteriores em contraposição às boas chuvas de novembro, poderá ser melhor observado pós-florada.

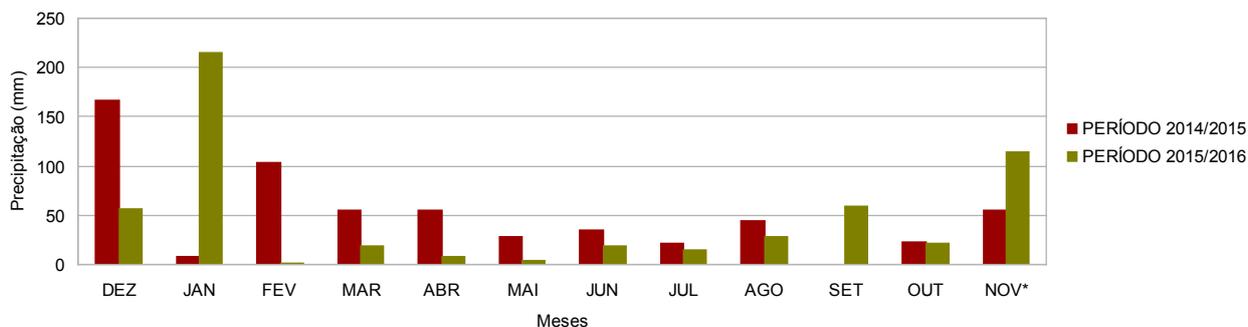
A região de Brejões apresenta melhores condições climáticas para a safra atual do que a observada na safra passada. As chuvas parciais observadas em novembro (até 17 de novembro de 2016), já superam em 50% todo o novembro de 2015. A região vem sofrendo de forma recorrente com as perdas de safra, tanto pela baixa pluviosidade como pela dificuldade de obter recursos hídricos para irrigação, tanto pela salinidade das águas como pelas estiagens que assolaram a região nas últimas safras.

Já em dezembro a falta de chuvas pode ter prejudicado a formação dos chumbinhos e o início da expansão dos frutos na região do Planalto, porém, com menor intensidade que na safra anterior.

Mesmo com as condições mais favoráveis nesta safra, o potencial produtivo das lavouras, principalmente da região do Planalto, pode ter sido afetado pela falta de chuvas durante o período vegetativo. Os meses com maiores restrições para o desenvolvimento dos ramos produtivos da safra atual nessa região foram: março, abril e maio de 2016.

No Quadro 5, verifica-se o monitoramento agrometeorológico na Bahia nas safras anterior e atual..

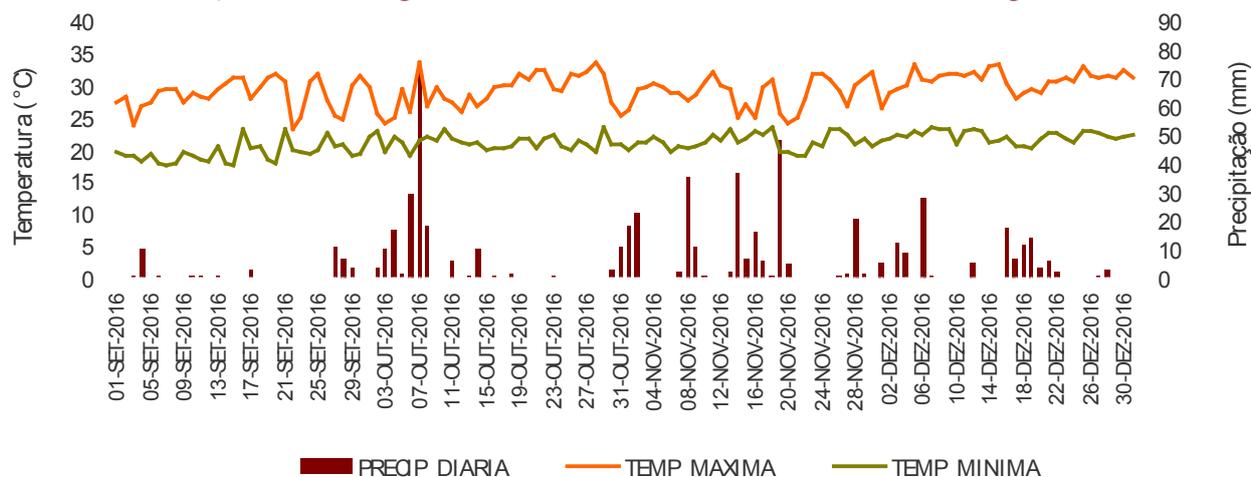
Gráfico 24 - Precipitação acumulada em Vitória da Conquista/BA



Fonte: Inmet

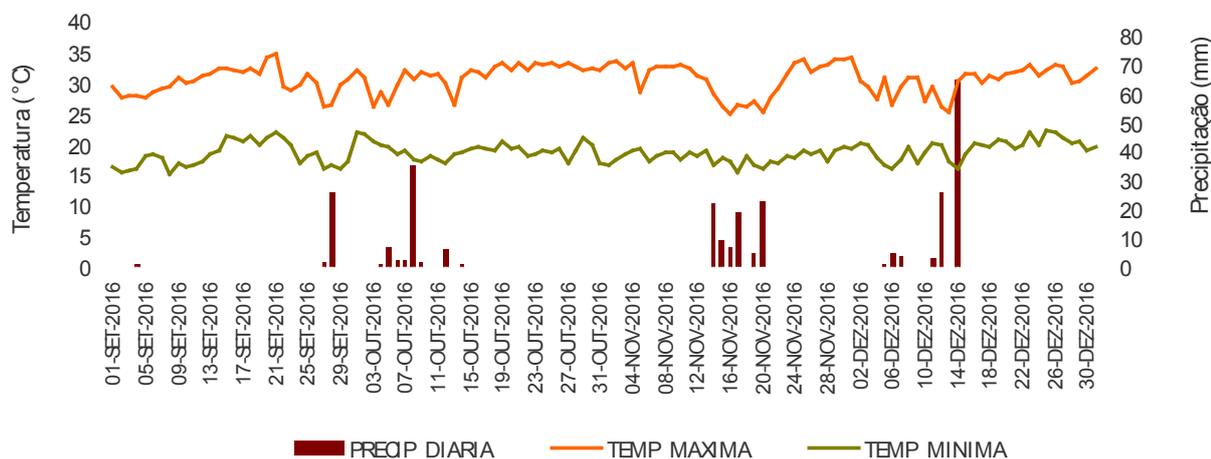


Gráfico 25 – Estação meteorológica convencional do Inmet na Bahia – Guaratinga



Fonte: Inmet

Gráfico 26 – Estação meteorológica convencional do Inmet na Bahia – Ituaçu



Fonte: Inmet.

Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a setembro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

Bahia - SAFRA 2016														
Ano		2015				2016								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	F	F***	CH***	EF***	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	
	Planalto		F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico		F	CH	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	

Bahia - SAFRA 2017																					
Ano		2016								2017											
Meses		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	
	Planalto	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico	PV	PV	PV	PV	PV	R	R	R	F	F/CH	CH/EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

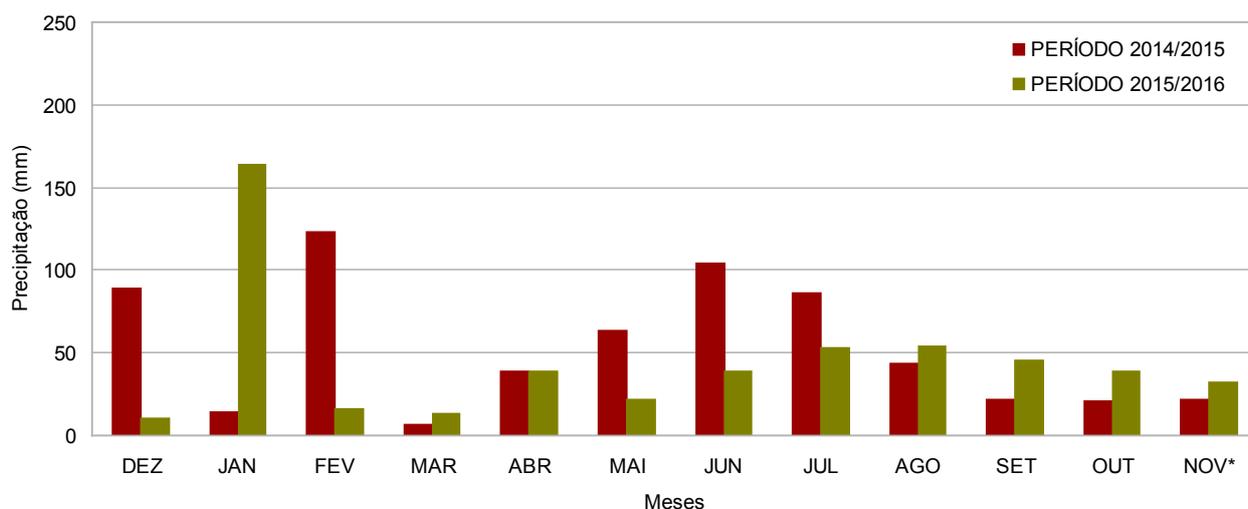
*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

Fonte: Conab.



Gráfico 27 - Precipitação acumulada em Brejões/BA



Fonte: Inmet

9.4.2. ESTIMATIVA DE ÁREA E PRODUÇÃO

A estimativa de produção de café na safra 2017 está estimada entre 2,98 e 3,14 milhões de sacas beneficiadas, sendo 1,33 milhões da espécie arábica e 1.65 a 1,81 milhões da variedade conilon. A área total cultivada (produção e formação) está estimada em 171,13 mil hectares.

Comparando a safra atual com a passada, estima-

se que a área cultivada terá incremento de 5,5% e a produção (sacas beneficiadas) poderá crescer em até 50%. Estima-se que a região do Atlântico é que poderá ser mais expressiva em relação à safra anterior, podendo atingir até 119,1% de aumento em sacas beneficiadas. A estimativa de aumento de área é atribuída às áreas que na safra 2016 estavam em formação e que na safra atual entraram em produção.

9.4.3. SITUAÇÃO DA LAVOURAS

A estimativa para a próxima safra na região do Atlântico é que haja aumento significativo da produtividade. As plantas de café, estão na fase de frutificação.

No Cerrado parte das áreas produtivas de café foi podada com o manejo do esqueletamento. As plantas podadas não produzirão café na próxima safra, somente em 2018. Cerca de 0,5 mil hectares de café serão substituídos pelo cultivo de grãos. O cafezal foi erradicado, pois a lavoura estava depauperada e com baixa produtividade. Em algumas poucas áreas as plantas já floresceram, mas na maioria das áreas as plantas ainda estão em estágio vegetativo.

No Planalto algumas plantas de café já estão florando, mas ainda de forma tímida. Os diferentes tratamentos culturais aplicados no cafeeiro e a influência climática pautada pela irregularidade das precipitações contribuem para a falta de uniformidade das lavouras cafeeiras.

O reflexo do estresse climático sofrido em anos anteriores, atrelado à falta de recursos para tratar do processo de formação das lavouras devem afetar ne-

gativamente o rendimento para esta safra 2017. No entanto, as boas chuvas observadas, principalmente, em novembro, as lavouras com plantas de café mais novas, esqueletadas ou que não produziram na safra 2015, bem como as boas expectativas comerciais em face da expectativa de elevação de preço também tem animado os produtores.

A região do Planalto da Conquista é um importante polo de produção e comercialização cafeeira do estado, estima-se a produção de 596,6 mil sacas de café arábica para a safra 2015, com uma produtividade estimada em 10,9 sc/ha.

Merece destaque a atuação do mercado futuro como forma de investimento nas lavouras. Algumas empresas têm realizado o “barter” (troca, em inglês) como forma de financiar o produtor. Num momento de necessidade de acesso ao crédito e também de investimentos nas lavouras, as futuras sacas de café a serem produzidas já servem de moeda de troca. As ações de barter já envolvem insumos, máquinas e equipamentos (tratores) e até estrutura de irrigação. Este modelo de financiamento do produtor ainda é incipiente, mas



Figura 22 - Lavoura de café em frutificação em Arataca/BA. Nov/2016.



Fonte: Conab

Figura23 - Lavoura de café com plantas esqueletadas em Luiz Eduardo Magalhães/BA. Dez/2016



Fonte: Conab



Figura 24 - Lavoura de café com plantas em desenvolvimento vegetativo em Luiz Eduardo Magalhães/BA. Dez/2016



Fonte: Conab

Figura 25- Aspecto da lavoura de café. Barra do Choça/BA. Dez/2016



Fonte: Conab



Figura 26 - Aspecto da lavoura de café. Barra do Choça/BA. Dez/2016



Fonte: Conab

Figura 27 - Lavoura de café – Planalto/BA. Dez/2016.



Fonte: Conab

Figura 28 - Lavoura de café irrigado em Vitória da Conquista/BA. Dez/2016.



Fonte: Conab



com uma tendência de crescimento, haja vista que já é utilizado no fomento à produção de outras culturas no país, como a soja, por exemplo.

A microrregião de Brejões sofreu severa perda na safra 2015 e 2016, com produção estimada em 36,8 mil sacas beneficiadas e uma produtividade de cerca de 3,7 sc/ha. O bom regime de chuvas em janeiro de 2016 chegou a animar os produtores. No entanto, a estiagem observada entre fevereiro e abril e a falta de recursos para adubação e correção do solo (mais preocupante na agricultura familiar) provocaram uma quebra de safra. Para a safra 2016/17, estima-se um aumento da produtividade na região para 7,6 sc/ha. Esta tendência

está associada à perda de áreas plantadas mais ineficientes na produção, à produção de cafés que foram podados na safra anterior e às chuvas que estão ocorrendo com certa regularidade no mês de novembro.

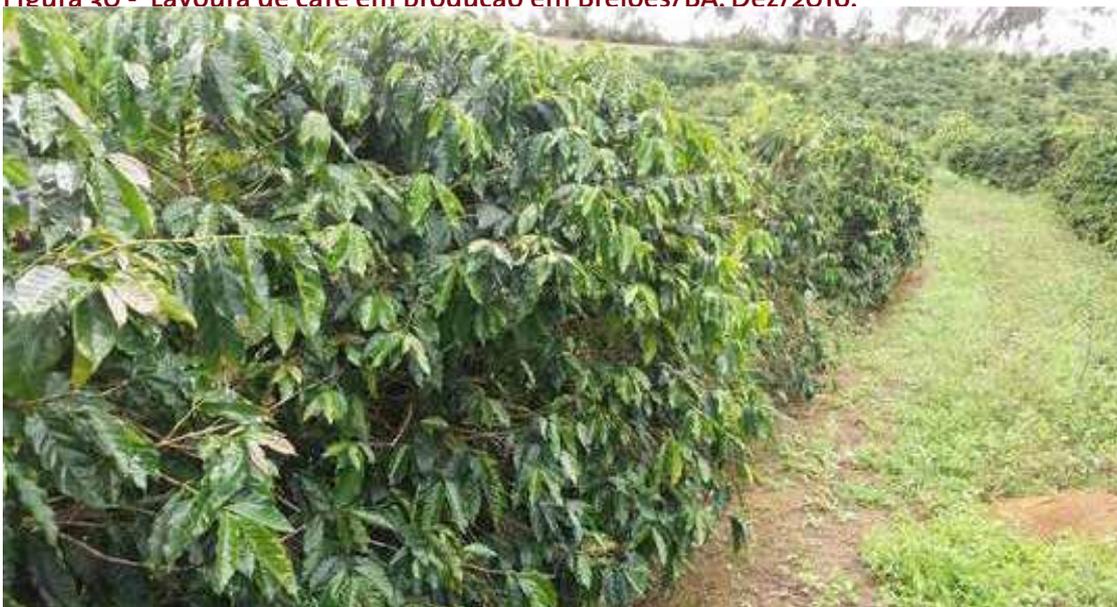
Sabe-se que por conta da colheita tardia, alguns cafés deverão demorar um pouco a florar. Em novembro foram observadas floradas pontuais. Para a safra 2017, dada à tendência de normalização do período chuvoso e a produção esperada, principalmente do café que foi recepado (muito influenciado pelo preço da lenha no ano passado) espera-se melhores rendimento na região.

Figura 29 - Lavouira de café em formação em Brejões/BA. Dez/2016.



Fonte: Conab

Figura 30 - Lavouira de café em produção em Breiões/BA. Dez/2016.



Fonte: Conab



Figura 31 -Lavoura de café em Brejões/BA. Dez/2016.



Fonte: Conab

9.4.4.ASPECTOS FITOSSANITÁRIOS

No Atlântico verificou-se a presença de lagartas e ácaro vermelho causando danos econômicos. Estas infestações podem ter sido favorecidas devido ao clima seco e à baixa umidade do ar. Observa-se também a presença da lagarta da roseta em quase todas as lavouras, apresentando a necessidade de atenção para o seu controle.

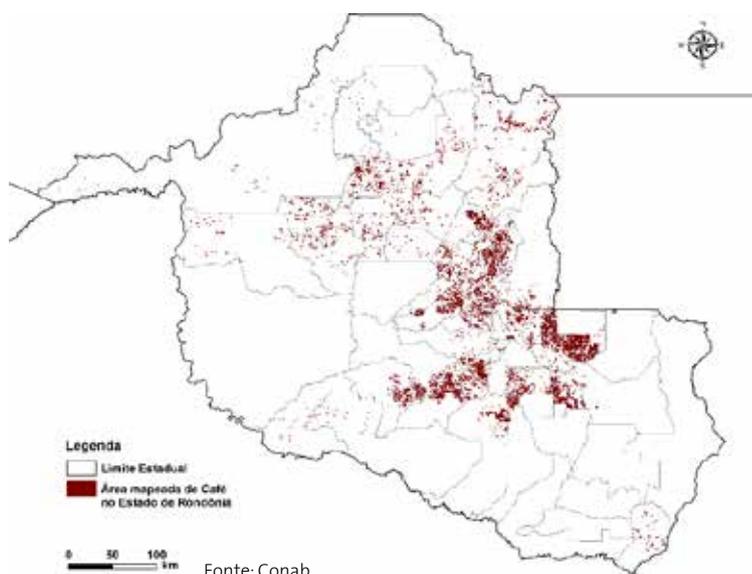
No Cerrado não há presença recorrente do bicho mineiro nas lavouras. Já no Planalto o principal problema fitossanitário é o bicho mineiro e mancha de phoma. Os produtores também relataram a ocorrência ocasional de cercosporiose, ferrugem e ácaro. Os produtores convivem com estes problemas fitossanitários com a utilização de controle químico.

9.5. RONDÔNIA

9.5.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

O mapeamento no estado de Rondônia é apresentado abaixo..

Figura 32 – Mapeamento do café no estado de Rondônia



Fonte: Conab.



Houve falta de chuvas em julho, agosto e setembro. Essa falta de chuvas, associada ao sol forte e calor intenso, prejudicou o pegamento das floradas. As lavouras de cafés mais antigos, oriundas de sementes e geralmente sem irrigações, foram as mais prejudicadas. Já nas lavouras de cafés clonais, na sua maioria dotada do sistema de irrigação, as plantas não foram tão prejudicadas e as chuvas que começaram a ocorrer em outubro e novembro estão mais bem distribuídas e bastantes favoráveis à recuperação e o desenvolvimento dos frutos. Essas chuvas estão se prolongando até os dias atuais, de forma a garantir um bom enchi-

mento de grãos, que é o estágio fenológico da cultura atualmente.

Com exceção desse pequeno atraso no início da floração, as condições climáticas na safra 2017 estão bem mais favoráveis do que na safra 2016. Na safra atual, tanto a ocorrência das floradas, quanto o início da formação dos frutos, foram beneficiados pelas precipitações entre setembro e dezembro de 2016.

No Quadro 6 verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Rondônia na safra anterior e atual.

Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a setembro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia.

Rondônia - SAFRA 2016													
Ano	2015					2016							
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

Rondônia - SAFRA 2017														
Ano	2016						2017							
Meses	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	R/F	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
--	---	---

Fonte: Conab.

9.5.2. CRÉDITO RURAL

Parte significativa dos produtores estão acessando aos recursos disponibilizados pelos bancos oficiais e cooperativas de crédito. O fluxo de liberação dos créditos pelos agentes financeiros é considerado normal. Os pequenos atrasos na liberação de alguns projetos ocorrem em casos isolados, no entanto não é significativo.

A demora é justificada devido à exigência pelo órgão Estadual de Meio Ambiente da outorga de uso da

água, quando das implantações das lavouras de cafés clonais irrigados. Os recursos liberados pelos agentes financeiros atendem, na sua quase totalidade, a agricultura familiar, contemplados através das linhas de financiamento do Pronaf custeio e com maior procura para o de investimento, contemplando assim, as aquisições de mudas de cafés clonais de viveiros credenciados, equipamentos completos para irrigação, calcário, etc.

9.5.3. ÁREA

A área plantada de café no estado se mantém estável em relação à safra anterior, no entanto, a área em produção tende a ser menor do que a safra passada, pois há uma renovação do material genético em todas as

lavouras de Rondônia. Esse material genético, por sua vez, ainda está expressando o seu máximo potencial genético.

9.5.4. PRODUTIVIDADE

A produtividade nesta safra tende a ter um aumento significativo em relação à safra passada, estimulado por materiais genéticos mais responsivos e melhor manejo da cultura, no entanto, não será ainda mais

expressiva devido a fatores climáticos, doenças e pragas e porque ainda existe grande percentual da área plantada em produção com café seminal.



9.5.5. PLANTIO

O plantio se inicia em novembro, com maior ênfase em dezembro e segue até final de janeiro, no entanto, alguns produtores estão plantando em maio, com au-

9.5.6. SITUAÇÃO DAS CULTURAS

A cultura tem sido bem conduzida, pois pacotes tecnológicos, que sempre estavam disponíveis aos produtores, mas que não eram amplamente adotados, passaram a ser priorizados por eles, objetivando melhor produtividade, segurança fitossanitária e qualidade do produto colhido.

No momento o estágio da cultura é a expansão dos frutos. Os fatores que determinarão o crescimento da safra 2017 são: bienalidade positiva; clima satisfatório a partir de outubro, o que possibilitou em parte

9.5.7. COLHEITA

De acordo com a condição climática observada, material genético responsivo e manejo de pragas, a colheita tende a ocorrer de forma uniforme e sem alterações prejudiciais significativas no estado. A colheita

9.5.8. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Em Rondônia é plantado o café da espécie robusta da variedade conilon (*Coffea Canephora*), melhor adaptada às condições climáticas, seu relevo topográfico e solo. O café é produzido na sua maioria em pequenas propriedades com características na sua quase totalidade da agricultura familiar. Ainda é bastante comum a existência de lavouras com baixa produtividade e outras em pleno declínio de produção, onde muitas delas estão chegando aos dez anos ou mais de idade. Aliado a isso, a maioria das lavouras de café em Rondônia foi implantada inicialmente com sementes trazidas pelos agricultores de regiões produtoras tradicionais de outros estados. Observou-se também, que algumas progênias de café introduzidas no estado, não se adaptaram às condições locais, mostrando-se pouco produtivas. O início da implantação dos cafés clonais partiu da ideia de alguns agricultores capixabas radicados em Rondônia.

Observa-se ainda, que a cafeicultura no estado vem passando por um processo gradativo e permanente de substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais, visto que em determinados municípios tradicionalmente produtores, essa substituição já alcança cerca de 45% da área plantada. Essa mudança, que pode ser constatada em todas as regiões produtoras, decorre de uma série de fatores, entre os quais podemos destacar o apoio do

xílio de irrigação para melhor aporte do dossel, objetivando com isso, maior produtividade inicial.

a recuperação e o desenvolvimento da cultura; inserção de irrigação nas lavouras de cafés clonais; melhor controle de pragas e doenças; transição/substituição do café seminal para clonal e a valorização da saca do café no mercado internacional.

As pragas que mais tem onerado o produtor, fazendo aumentar o custo de produção, são principalmente a cochonilha-da-roseta e ácaro vermelho. Considerando as doenças, as principais são: ferrugem, cercosporiose, seca dos ponteiros e mal de koleroga.

é feita de forma manual, em alguns casos isolados, é feita a colheita mecanizada e semimecanizada. O início da colheita está previsto para acontecer a partir de abril de 2017.

governo do estado (Seagri) através dos serviços de extensão rural (Emater-RO), com a sua equipe técnica com escritórios nos 44 municípios, além de mais quatro escritórios situados nos distritos e abrangendo assim, todas as regiões produtoras de café.

Os agentes financeiros têm disponibilizado volume de crédito para custeio e investimento suficiente para atender a demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras tradicionais por cafés clonais, as quais exigem maior investimento, melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores. Também a pesquisa tem buscado diagnosticar pragas e doenças da cultura, bem como desenvolver cultivares com características tolerantes ao déficit hídrico.

Dentro do processo de disseminação de variedades de café, além daquelas desenvolvidas pelos próprios produtores rurais que detêm viveiros de mudas clonais sem base genética definida, podemos destacar como resultado das pesquisas a cultivar Conilon BRS Ouro Preto. A agência de defesa agrosilvipastoril de Rondônia – Idaron tem exigido a análise laboratorial das raízes das mudas comercializadas pelos viveiristas, objetivando assim maior segurança para quem adquire mudas para implantação da cultura nas lavouras.



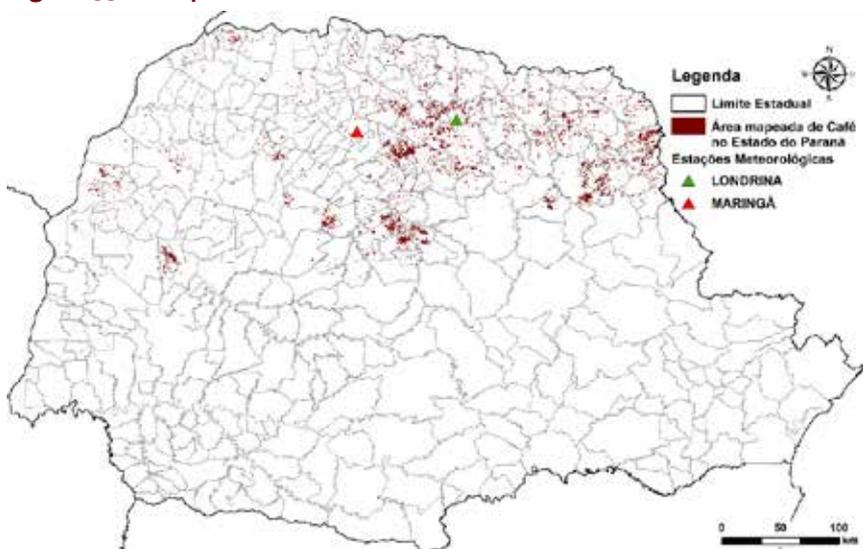
9.6. PARANÁ

9.6.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

No Paraná, foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização

das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) utilizadas no monitoramento.

Figura 33 – Mapeamento do café no Paraná



Fonte: Conab.

A irregularidade e a má distribuição das chuvas em setembro podem ter causado desuniformidade nas floradas. Em outubro as chuvas se intensificaram, mas voltaram a ficar irregulares em novembro, conforme pode ser visualizado nos gráficos de precipitação das estações meteorológicas do Inmet. Já em dezembro as precipitações generalizadas favoreceram o início da expansão dos frutos em toda a região produtora do estado.

No período vegetativo houve restrições à formação dos ramos produtivos, pela falta de chuvas em abril e pela ocorrência de geadas em junho e julho em algumas regiões do estado. Em síntese, até o momento, as condições climáticas para a safra atual estão menos favoráveis quando comparadas à safra anterior.

No quadro 7, verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Paraná nas safras anterior e atual.

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a agosto/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná - SAFRA 2016												
Ano	2015				2016							
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

Paraná - SAFRA 2017																		
Ano	2016						2017											
Meses	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	PV	PV	PV	PV	R	R	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

* (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

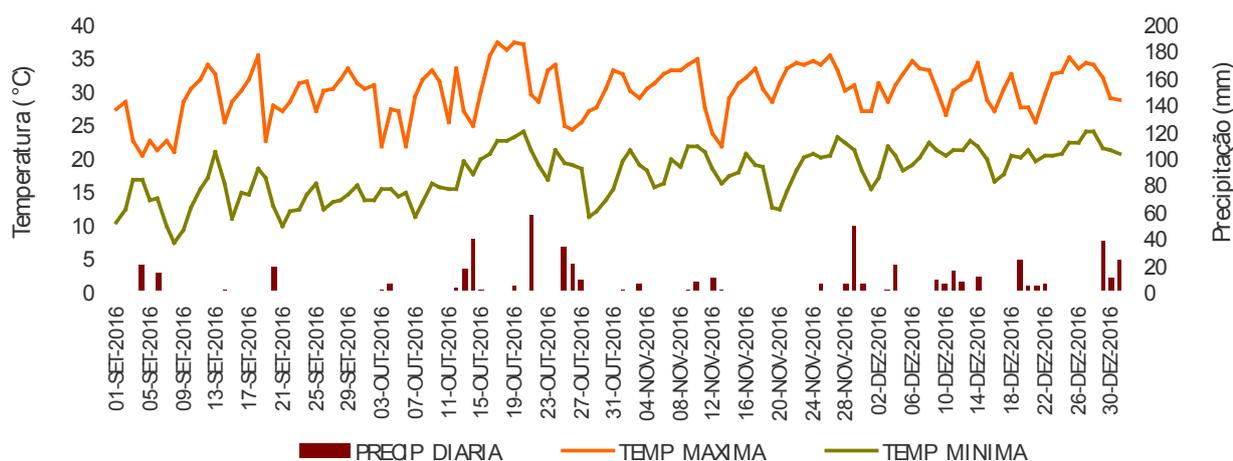
** Houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Baixa restrição Excesso de chuva
 Baixa restrição geadas

Fonte: Conab.

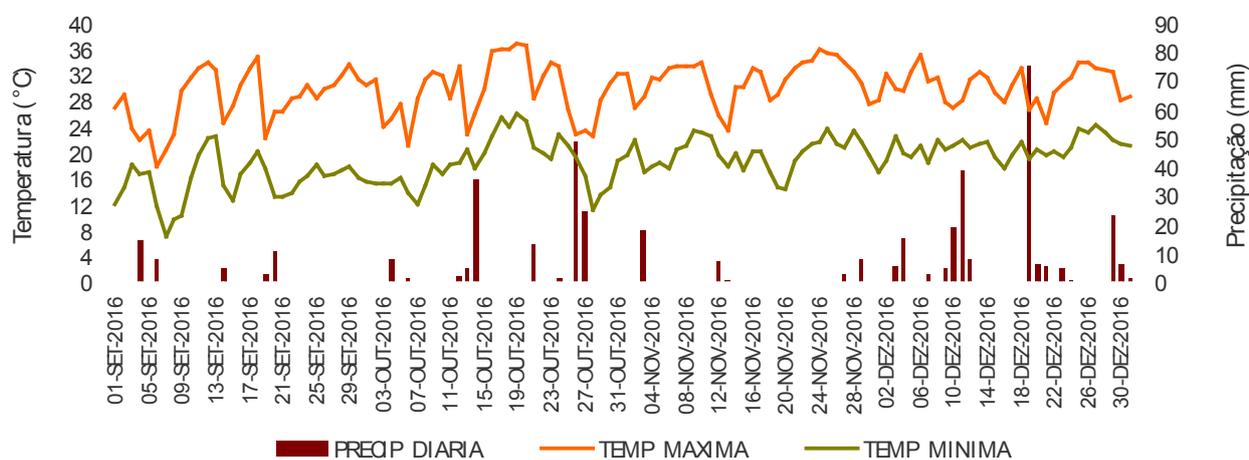


Gráfico 28 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina



Fonte: Inmet

Gráfico 29 – Estações meteorológicas do inmet no Paraná - Maringá



Fonte: Inmet

9.6.2. ÁREA E PRODUÇÃO

O primeiro levantamento de previsão da safra paraense de café aponta redução de 2% da área cultivada no estado em relação a 2016, totalizando 49.030 hectares. Os 46.240 hectares da área em produção correspondem a 94,3% da área total e são formados pelas lavouras adultas em idade produtiva, incluindo as áreas podadas intencionalmente pelos produtores e que talvez não terão produção em 2017, no caso das que foram esqueletadas (safra zero) depois da colheita de 2016, por exemplo. Além da escassez da mão de obra, que contribuiu para a reversão de áreas de café para criação de gado, que demanda menos utilização de trabalhadores, há o arrendamento para o cultivo de soja, considerado mais remunerativo. Na área em formação, que representa 5,7% da área total, estão os plantios novos que ainda não atingiram a idade produtiva e, portanto, não terão produção na próxima safra. Dessa forma, a produtividade média é calculada sobre a área em produção excluindo apenas as lavouras

novas indicadas como área em formação.

No Paraná o ciclo de produção para 2017 é de bienalidade positiva, o que sinaliza um aumento de cerca de 14,6 a 24,2% em comparação ao volume colhido na safra anterior, apesar das intempéries climáticas, como estiagem e forte calor em março, abril e maio terem afetado parcialmente o desenvolvimento dos ramos produtivos e causado maior índice de desfolha das lavouras após a colheita. A projeção inicial é que sejam produzidos entre 1,2 a 1,3 milhão de sacas.

A florada da nova safra iniciou de forma precoce na maioria das regiões produtoras devido à antecipação em trinta dias da última colheita, concluída em agosto e do clima chuvoso em junho e julho de 2016. Apesar de iniciada em agosto e concentrada em outubro, muitas áreas tiveram floradas tardias registradas em dezembro, havendo assim muitos casos de lavouras

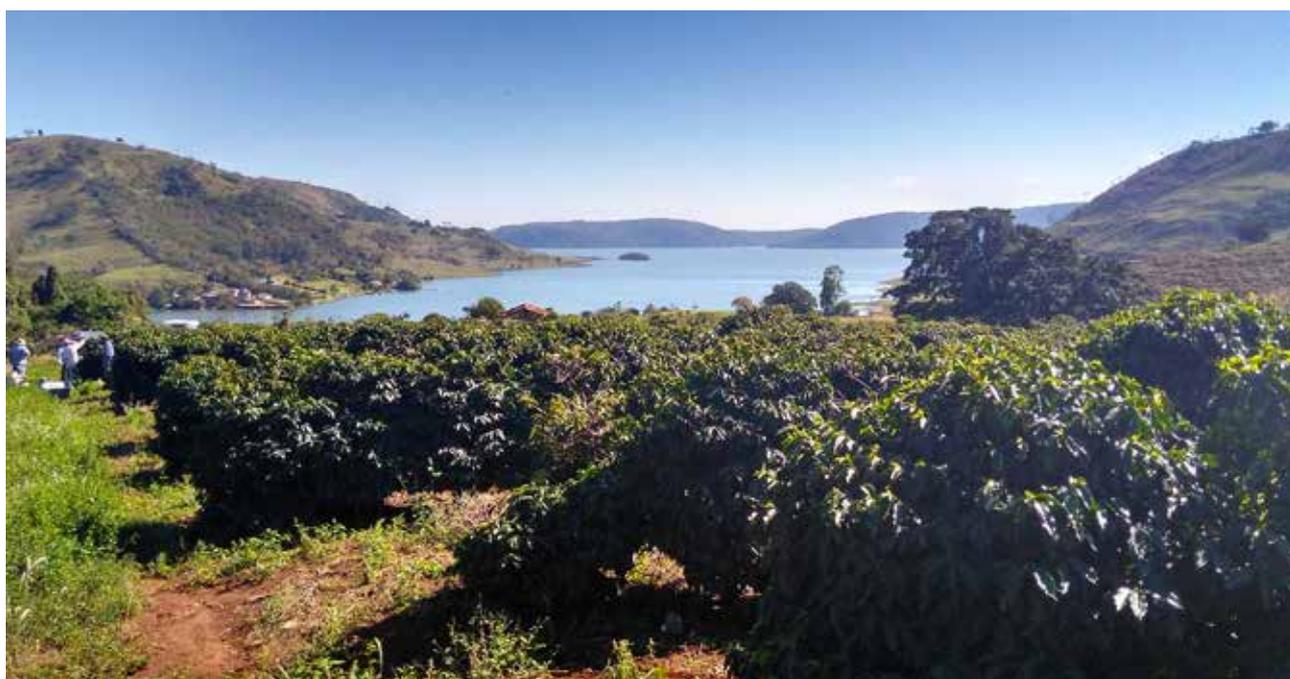


com flor, chumbinho e frutos já em formação, oriundos das primeiras floradas. Tal situação deve comprometer a uniformidade na maturação e consequentemente os trabalhos de colheita, que visam a obtenção de lotes de cafés de melhor qualidade.

As condições climáticas se normalizaram a partir de outubro, embora tenha ocorrido períodos de alta am-

plitude térmica em novembro, as chuvas mais abrangentes e com maior volume contribuíram para o bom “pegamento” das floradas em geral. Com a recuperação hídrica e a continuidade das chuvas em dezembro melhorou bastante o desenvolvimento das lavouras, favorecendo a formação dos frutos e a realização dos tratamentos culturais como o controle fitossanitário e adubação.

Figura 34 – Lavoura de café no norte pioneiro, município de Ribeirão Claro-PR, às margens da represa de Xavantes. Dez. 17



Fonte: Conab.

9.7. RIO DE JANEIRO

9.7.1. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

A primeira estimativa para a safra de café em 2017 aponta um acréscimo em torno de 0,3% na área plantada em relação à safra 2016. Indica uma produção estimada entre 340,3 e 357,7 mil sacas, representando

variação de menos 2,3% a um crescimento de 2,6%, com a produtividade média estimada entre 26,05 e 27,38 sc/ha, semelhante à obtida em 2016.

9.7.2. ÁREA, PRODUÇÃO E PARQUE CAFEIEIRO

O parque cafeeiro é formado por 44.125,7 mil plantas, das quais 2.142,8 mil estão em formação e 41.982,9 mil em produção. A colheita do produto deve ser distribuída pelos meses de junho (8,4%), julho (41,7%), agosto (39,4%) e setembro (10,5%).

A área plantada em produção no estado deve atingir

13.062 hectares, superior em 40 hectares aos 13.022 hectares da safra 2016. Já a área em formação gira em torno de 857 hectares. Com isso, a área total estimada deve chegar a 13.919 hectares. A produção estimada aponta crescimento para 348,9 mil sacas, com um aumento em torno de mil sacas, quando comparada à obtida na safra 2015, que foi de 347,4 mil sacas.



9.7.3. FINANCIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização varia da subsistência à venda do café gourmet, passando pela comercialização tradicional de café em coco ou beneficiado, pela comercialização de café orgânico por associação de produtores. Os produtos são destinados a feiras de produtores, às torrefações locais, a intermediários que vendem para torrefações e enviam para exportação e para venda na própria fazenda no caso de circuitos turísticos de café.

Os produtores conseguiram comercializar o produto com preços entre R\$500,00 e R\$550,00 para o café bebida dura, com pouca diferença para a bebida rio, o que tem sido estímulo para o cultivo na safra 2017.

De forma geral, poucos produtores têm procurado financiamento. Até mesmo os produtores com Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) não têm buscado o apoio e procuram trabalhar com seus próprios recursos.

9.7.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a primeira estimativa apresentar números próximos à safra de 2016, os produtores estão otimistas para a safra 2017, já que acreditam em condições meteorológicas melhores do que nos anos anteriores.

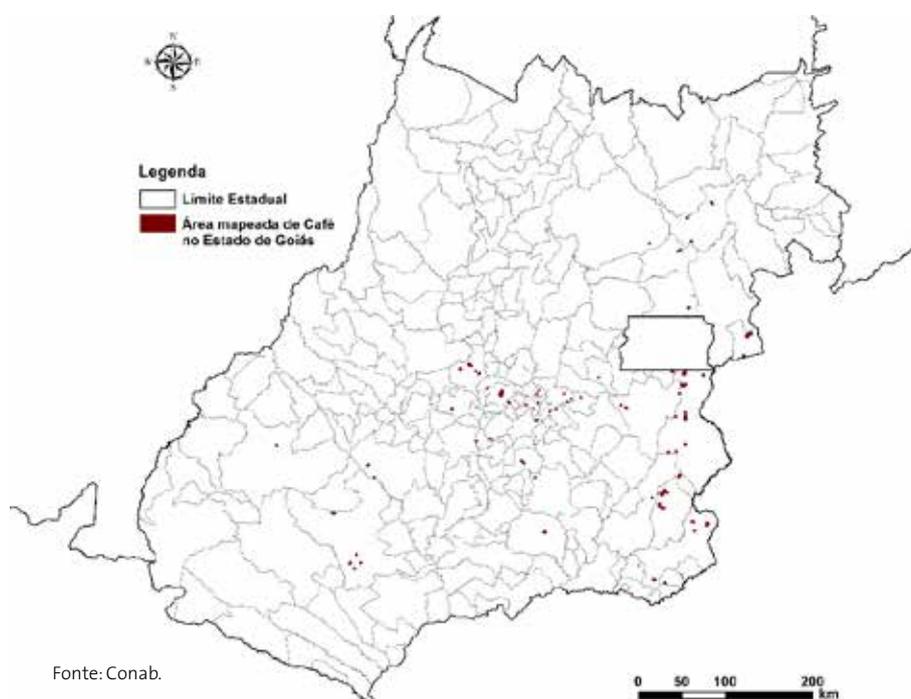
Até o momento as lavouras têm respondido positivamente, o que deve influenciar no aumento de produtividade.

9.8. GOIÁS

9.8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

Em Goiás, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 35 – Mapeamento do café em Goiás



As informações de pluviosidade, armazenamento de água no solo e temperaturas médias diárias da estação meteorológica do Inmet em Cristalina (GO) e em Catalão (GO), demonstram uma temperatura média acima do ideal entre o início de setembro até meados de dezembro deste ano, período de florada, chumbi-

nho e expansão dos frutos e granação. Porém, estas temperaturas se apresentam mais amenas em relação ao período de florada da safra 2016, que ocorreu entre setembro e novembro de 2015. Embora as temperaturas estejam mais amenas neste período de florada em relação à safra passada, podemos obser-



var uma séria restrição hídrica com início no fim de março até outubro de 2016, com temperaturas acima da média neste período de maturação das gemas florais. Embora a maioria dos produtores não relataram falta de água nas barragens e leitos de cursos d'água, chegaram informações de dificuldades para alcançar lâminas d'água adequadas para a irrigação das lavouras em decorrência do solo extremamente seco e da baixa umidade relativa do ar entre março e outubro de 2016. Tais fatos climatológicos, aliado a um período de bialidade negativa na maior parte das lavouras cafeeiras em Goiás, contribuíram para uma florada menos vigorosa em uma grande parcela dos cafezais visitados.

Outra constatação vista em campo foi que, haja vista as altas temperaturas e a baixa umidade do solo e do ar no período de inverno vivenciado neste ano, vários produtores deixaram de realizar a sincronização da florada por meio de estresse hídrico, ou utilizando-o com uma maior cautela, alegando um elevado sofrimento das plantas nos períodos sem o fornecimento de água, ocasionando escaldaduras, perda de folhas e diminuição da densidade do dossel e, por consequência, diminuição da produtividade.

No quadro 8, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Goiás na safra anterior e atual.

Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a setembro de 2016 com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás ** - SAFRA 2016													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M***	M	M/C	C	C	C

Goiás ** - SAFRA 2017													
Ano	2016				2017								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F***	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** área irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável

Baixa restrição falta de chuva

Fonte: Conab.

9.8.2. INTRODUÇÃO

Goiás se caracteriza por duas estações climáticas bem definidas. A primeira é chuvosa e se inicia entre setembro e outubro e vai até abril, e a segunda é seca, marcada por grande deficiência hídrica. A estação seca se inicia em abril ou maio e se estende até setembro, ou outubro, apresentando, dessa forma, um período de cinco a seis meses de deficiência hídrica (Silva et al. 1998). A disponibilidade hídrica é um dos principais fatores da produtividade do cafeeiro. Segundo Camargo e Camargo, nas fases fenológicas de vegetação e formação das gemas foliares, florada e granação dos frutos, a deficiência hídrica pode reduzir muito a produtividade. Por outro lado, uma deficiência hídrica entre julho e agosto (meses secos em Goiás), período anterior à antese, pode se tornar benéfica, favorecendo uma florada mais uniforme nas primeiras chuvas de setembro.

Os solos de Goiás, onde a classe de solo predominante é o Latossolo, possuem características granulométricas que permitem boa retenção de água, porém sem encharcamento, e nutrientes para as plantas de café,

mas antes da implantação da cultura necessita de correção de acidez e toxidade por alumínio e ferro e boa adubação.

As topografias relativamente planas em Goiás favorecem a mecanização da cultura. Outras características positivas para a cultura são a ausência de solos encharcados, de chuvas durante a colheita e de geadas. Tais condições permitem a produção em alto rendimento da cultura do café em Goiás sob equipamentos de irrigação alcançando uma produtividade média próxima ao 40 scs/ha, quase o dobro da produtividade nacional.

Os cafeeiros comerciais em Goiás são produzidos em cerca de 46 estabelecimentos rurais e aproximadamente 20 municípios, concentrados nas regiões leste, entorno do Distrito Federal e em algumas regiões pontuais do estado. As áreas cultivadas variam de 6 a 1.200 hectares, com utilização de baixas a altas tecnologias, mão de obra familiar e propriedades geradoras de uma grande quantidade de empregos.



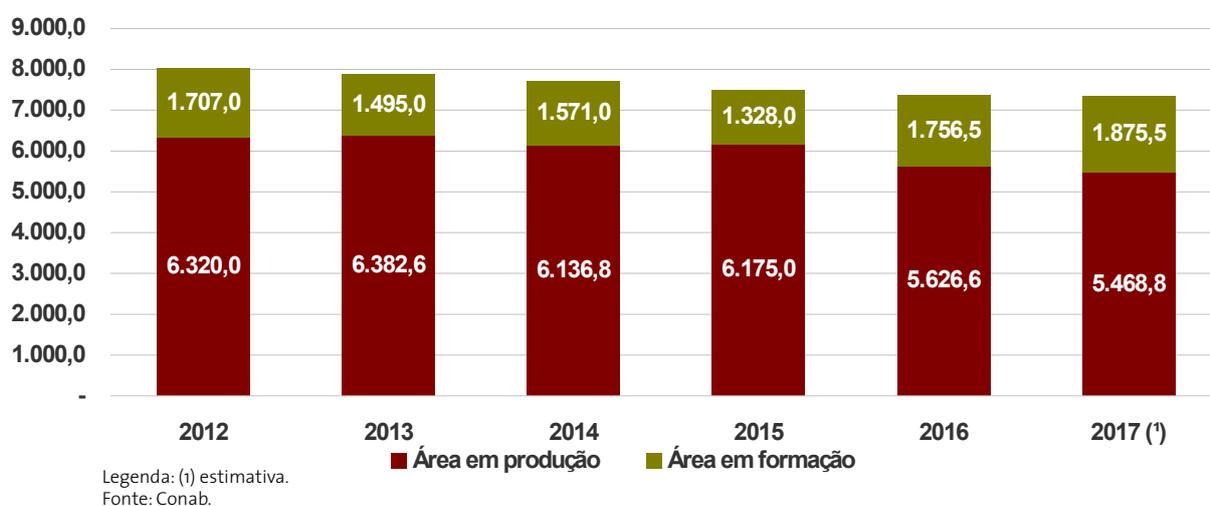
A previsão da safra 2017 é de diminuição da área em produção pelo segundo ano consecutivo. Tal redução refere-se a diminuição de área plantada propriamente dita (arranquios, abandono de lavouras e desistência da atividade), e em maior importância, as podas drásticas intensificadas nos últimos dois anos devido a uma maior conscientização dos produtores de café em realizar tal procedimento com vistas a revigorar as lavouras, promovendo a sustentabilidade da atividade.

O gráfico evidencia um incremento de área em formação nos dois últimos anos, em contraste com a área em produção. Haja vista o pequeno incremento

de áreas com plantios novos, podemos afirmar que o crescimento das áreas em formação nestes dois últimos anos se deve à realização de podas drásticas em plantas com baixo vigor, geralmente provocado pela idade e/ou pelo acúmulo de pragas e desgastes naturais.

Sob a ótica da área total fica nítida a firme redução gradativa da área de produção de café em Goiás desde o ano de 2012. Tal redução se deve, em maior parte, ao abandono da atividade nestes últimos anos, quer seja pelo abandono das plantas ou pela substituição da atividade cafeeira pelo plantio de grãos, fibras e outras atividades agropecuárias.

Gráfico 30 – Área em formação, em produção e total em Goiás

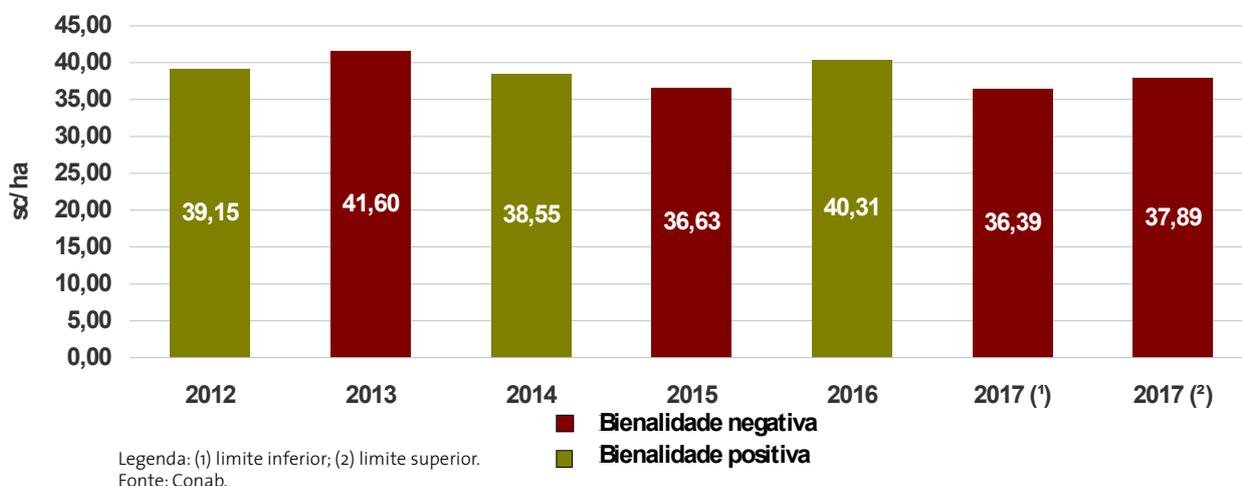


9.8.3. PRODUTIVIDADE MÉDIA

No campo da produtividade, foram relatadas diversas ocorrências de ataques do “Bicho Mineiro” *Leucoptera coffeella*, principal praga da cultura do café, de temperaturas elevadas durante a fase fenológica reproduti-

va, especificamente entre setembro e novembro deste ano, e a baixa umidade do ar e do solo vislumbrada a partir de março de 2016. Tudo isto reflete numa produtividade inferior à safra 2016

Gráfico 31 – Produtividade média de café em Goiás

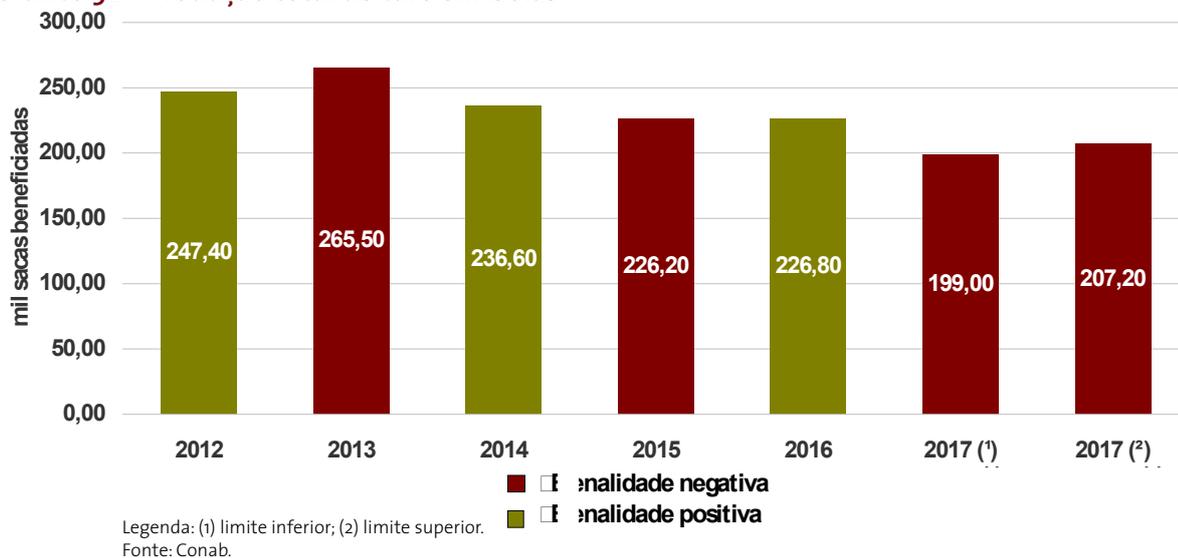


9.8.4. PRODUÇÃO TOTAL

A previsão futura da safra de café 2017 em Goiás é de 199 a 207,2 mil sacas, uma redução entre 27,8 e 19,6 mil sacas, (12,3% e 8,6%) inferior à produção da safra 2016. A redução de produção da safra vindoura se

deve à redução de 2,8% da área em produção e principalmente da redução de 9,7% a 6% na produtividade média, ocasionado particularmente pela bialidade negativa na maior parte dos cafezais no estado.

Gráfico 32 – Produção total de café em Goiás



9.9. MATO GROSSO

9.9.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E DA CULTURA

Comportando-se dentro do padrão de normalidade para Mato Grosso, com bons índices pluviométricos e regularidades das chuvas, o que vem propiciando

boas floração e frutificação da cultura. Toda a área em produção se encontra em fase de frutificação.

9.9.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

A área em produção da safra 2017 está projetada em 13,32 mil hectares, redução de 6,2% em relação à safra anterior, quando foram cultivados 14,19 hectares. A produtividade esperada para esta safra é de 12,43 a 13,07 scs/ha, 40,8 a 48% maior em relação à safra de 2016, que foi de 8,83 scs/ha. O significativo aumento decorre principalmente das boas condições climáticas. Assim, a produção total da safra 2017 está estimada entre 165,6 e 174,1 mil sacas beneficiadas, portanto, maior entre 32,1% e 38,9% que a safra 2016, quando foram alcançadas 125,4 sacas. Observa-se, pois, que o aumento da produtividade compensou a redução de

área, propiciando a produção nessa magnitude.

A área em formação para a safra 2017 se encontra plantada parcialmente, com término previsto este mês. Dentre as áreas projetadas para cultivo estão as destinadas ao plantio de mudas do café clonal, que possui entre suas características produtividade mais alta que o café convencionalmente plantado.

A área em formação total para esta safra a princípio é projetada em 1.401 hectares, 11,2% menor em relação à safra passada, que alcançou 1.577 hectares.



Figura 36 – Área de café conilon em formação



Fonte: Conab.

Figura 37 – Área de café conilon em produção



Fonte: Conab.



9.9.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expectativa de incremento dessa área decorre de políticas públicas implementadas no âmbito do governo estadual como, por exemplo, o Programa de Revitalização da Cafeicultura no Estado de Mato Grosso (Pro Café MT), que tem como objetivo fomentar e fortalecer a cadeia produtiva do café nas regiões norte e noroeste do estado, como alternativa sustentável de geração de renda para conter o desmatamento nos selecionados municípios produtores dessas regiões, também parceiros do Programa (Alta Floresta, Carlinda, Nova Bandeirantes, Nova Monte Verde, Aripuanã, Colniza, Cotriguaçu, Juína, e Rondolândia).

Reforça o entendimento sobre possível alteração da área em formação, o estágio de algumas ações téc-

nicas operacionais, no bojo desse Programa, como as capacitações e a estruturação dos viveiros, já realizadas.

Os viveiros de mudas localizados nos municípios de Aripuanã e Nova Bandeirantes produziram cada um 250.000 mudas de café conilon, cuja distribuição para os municípios participantes (50.000/município), está prevista para este ano. Ainda com a finalidade de formação de jardim clonal, foram distribuídas para cada município participante 1.200 mudas do cultivar Conilon BRS Ouro Preto, que dentre as diversas características agrônômicas, apresenta boa resistência à restrição hídrica, já 100% plantadas.

9.10. AMAZONAS

9.10.1. INTRODUÇÃO

Este levantamento está relacionado com a primeira experiência com o monitoramento realizado por esta Superintendência, com objetivo de figurar o estado nos dados da produção nacional desta cultura. Os números foram levantados em atividade de campo no município do Apuí, região de grande expressão na

produção de café e que possui unidade de processamento (torragem e moagem) para obtenção do produto finalístico. Além de município de Apuí foram incluídos no levantamento estadual os municípios de Silves, Envira, Lábrea (Vila Extrema) e Nova Olinda do Norte.

9.10.2. HISTÓRICO

O plantio de café no município de Apuí remonta a mais de uma década passada, quando os colonizadores do antigo assentamento, que deu origem ao município, trouxeram sua tradição de plantio de café de seus estados de origem, principalmente, o Paraná.

O sistema de plantio é prioritariamente familiar, caracterizado pelas pequenas áreas de plantio, pouca adoção de tecnologia e conseqüentemente com obtenção de baixa produtividade.

Ao longo dos anos a baixa rentabilidade financeira obtida pelo café desmotivou muitos agricultores a continuar com a atividade, sendo grande parte das áreas substituídas pela pastagem para a criação de gado extensivo. Uma nova perspectiva para a retomada do cultivo de café na região se deu em meados de 2008 com o início da adoção de práticas agroecológicas, principalmente do uso de consórcio com espécies arbóreas para sobreamento e fixação biológica (leguminosas).

Em 2012 iniciou o projeto que preconiza a adoção de práticas agroecológicas no sistema de manejo. O projeto está caminhando para a certificação orgânica de um grupo de agricultores, como caminho para incremento da rentabilidade da atividade e da redução dos custos de produção. Práticas de manejo como adubação orgânica foliar, adubação orgânica do solo (compostagem), monitoramento de pragas e doenças e controle das plantas daninhas nas entrelinhas, com a possibilidade de uso de espécies de leguminosas como cobertura do solo, abrem a perspectiva de incremento da produtividade destas áreas em até 30% para 2017.

Todo o café cultivado no Amazonas é conilon, por conta da sua maior rusticidade e maior adaptação às condições de floresta tropical. A média estadual para esta variedade está muita abaixo da média nacional, enquanto que no restante do país a produtividade chega a 25 sacas por hectare a média do estado está estimada em 15 sc/ha.



9.10.3. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E DA CULTURA

As condições climáticas estão favoráveis para a cultura como um fator preponderante para um possível incremento de produtividade em 2017 em relação à safra 2016. Há um abandono de grande parte das áreas plantadas com café, excetuando os agricultores que fazem parte do grupo do manejo agroecológico, que

retomaram a condução do plantio, seguindo os princípios agroecológicos. Essas práticas de manejo já permitem observações na melhoria sanitária do pomar devido à nutrição destas. As fotos abaixo apresentam a plantio com destaque para o plantio de espécies arbóreas nas entrelinhas de plantio.

Figura 38 – Plantio de café conilon consorciado com espécies arbóreas



Fonte: Conab.

Figura 39 – Plantio de café conilon consorciado com espécies arbóreas



Fonte: Conab.



As maiorias dos pomares são de mais de dez anos, tendo seu início de implantação através da produção das próprias mudas por parte dos agricultores, sem utili-

zação de variedades produtivas ou de melhor adaptação à nossa realidade. Não existe perceptiva em curto prazo de ampliação das áreas plantadas com café.

Quadro 9 - Calendário agrícola

Ciclo Produtivo	MESES											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Floração												
Frutificação												
Maturação												
Colheita												

Fonte: Conab.

Figura 40 – Café conilon em fase de frutificação



Fonte: Conab.

9.10.4. COMERCIALIZAÇÃO

O município de Apuí possui todos os elos da cadeia produtiva para obtenção do produto final do cultivo do café. A produção colhida pelos agricultores é comercializada após a retirada da quantidade destinada ao autoconsumo. Nesta etapa a saca é comercializada em média por R\$ 240,00 saca de 60 quilos. Nesta fase é realizada a classificação do produto, com o incremento de pagamento devido à quantidade de defei-

tos, conforme as especificações abaixo:

- Café entre 0 e 300 defeitos = incremento de R\$ 30,00 no valor da saca (240 + 30 = R\$ 270,00);
- Café entre 301 e 450 defeitos = incremento de R\$ 20,00 no valor da saca (240 + 20 = R\$ 260,00);
- Café acima de 451 defeitos = incremento de R\$ 10,00 no valor da saca (240 + 10 = R\$ 250,00).

9.10.5. PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE

No que diz respeito à perspectiva de safra de café para o ano de 2017, os possíveis incremento de produção estão relacionados principalmente com os aspectos da bienalidade, ou seja, o retorno da planta do período fisiológico de acúmulo de reserva (baixa produção) para o início do período de expressão destas reservas em produção de frutos, além das condições climáticas favoráveis.

No caso específico das áreas manejadas no sistema agroflorestal, além dos fatores acima mencionados, também atuará de forma significativa no incremento

de produção da safra de 2017 o manejo nutricional realizado com os compostos orgânicos ou mesmo pela fixação biológica do solo através do uso de leguminosas nas entrelinhas de plantio. Neste cenário específico se espera um incremento de até 30% da safra de 2017 devido à safra 2016.

Mesmo considerando o fator da bienalidade como de grande relevância para a definição da produção no cultivo do café, o abandono de boa parte destes cafezais só nos permite estimar um incremento de 11,7% na produção total do estado em 2017.





10. RECEITA BRUTA

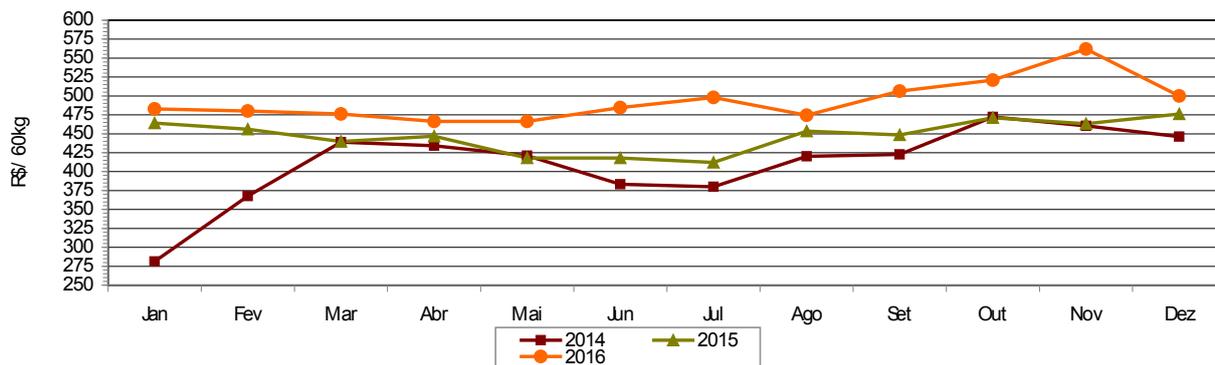
Em consequência das reduções de 2,3% na área em produção e entre 10,7% e 17,4% na produtividade do café arábica apuradas no 1º Levantamento de Safra 2017 de Café realizado pela CONAB, a produção estimada para a safra atual se situará entre 35,0 e 37,9 milhões de sacas de café, volumes inferiores às 43,4 milhões de sacas beneficiadas observados na safra 2016.

Para o café conilon (ou robusta), os dados da pesquisa apontam que a produção passará de 8,0 milhões de sacas para o intervalo entre 8,6 e 9,6 milhões de sacas, apresentando variações entre 8,1 e 20,5%. Embora apresente uma redução de 4,7% na área, maior até do que a estimada no arábica, a produtividade do conilon deverá experimentar aumentos entre 13,4 e 26,5% na produtividade, mais que compensando a perda de área e, conseqüentemente, levando aos aumentos de produção.

Agregando os dados das duas espécies, a produção total de café estimada para a safra 2017 deverá se situar entre 43,7 e 47,5 milhões de sacas beneficiadas, apresentando reduções entre 15,0 e 7,5% quando comparadas à safra 2016, que foi de 51,4 milhões de sacas.

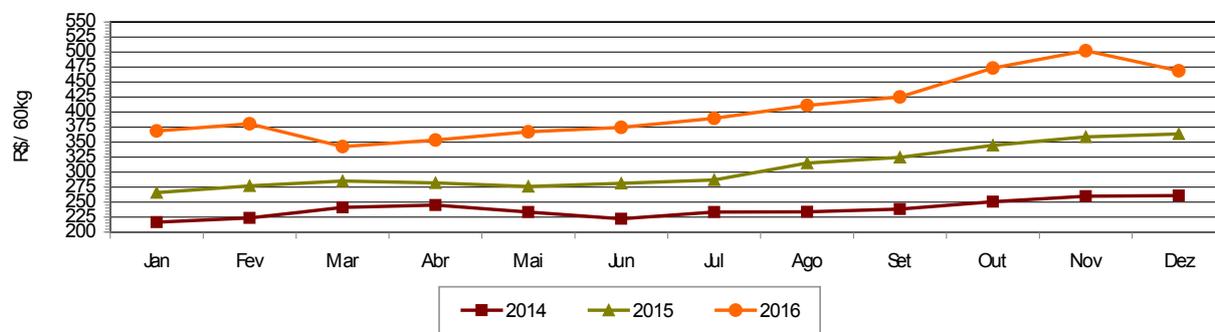
Os maiores produtores nacionais de arábica e robusta são Minas Gerais e Espírito Santo, respectivamente. Na safra 2016, Minas produziu 71,4% do total de arábica e o Espírito Santo, 68,5% do total de conilon. Nestes dois estados, o cenário de preços não se alterou, continuando a tendência de alta observada há pelo menos três anos, como demonstrado nos Gráficos 35 e 36.

Gráfico 33 - Evolução dos Preços Nominais do Café Arábica Tipo 6 - Bebida Dura Para Melhor - A Retirar na Região Produtora de Minas Gerais: 2014 a 2016



Fonte: Conab.

Gráfico 34 - Evolução dos Preços Nominais do Café Conillon Tipo 7 Básico - A retirar na Região Produtora do Espírito Santo: 2014 a 2016



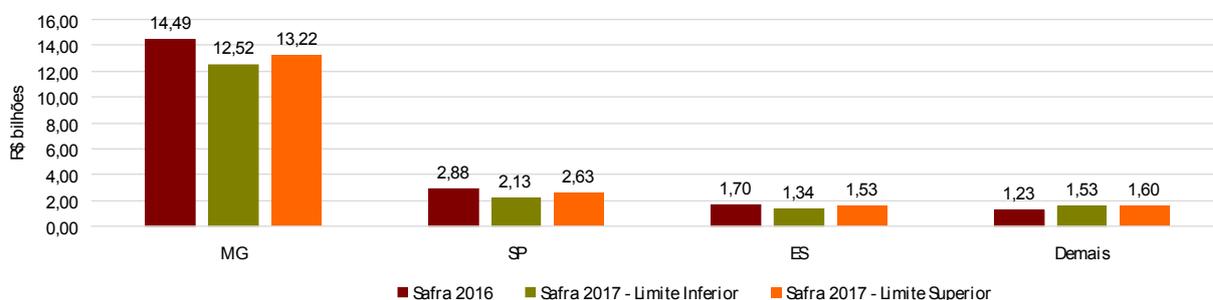
Fonte: Conab.

Considerando as estimativas de produção divulgados para as safras 2016 e 2017 e os preços médios pagos aos produtores nos meses de dezembro de 2015 e de 2016, respectivamente, a receita bruta de café arábica foi calculada entre R\$ 17,52 bilhões, no limite inferior de produção e R\$ 18,97 bilhões, no limite superior, na

safra 2017, valores 13,7 e 6,5% inferiores aos R\$ 20,30 bilhões observados na safra 2016.

Minas Gerais responde por 70%, aproximadamente, do total da receita bruta esperada para a safra 2017.

Gráfico 35 - Receita Bruta de Café Arábica - Safra 2016 e Safra 2017 - A preços nominais - 12/2015 e 12/2016



Fonte: Conab.

Os aumentos de preços nos três principais estados produtores (MG, SP e ES, que juntos devem gerar, na média, cerca de 91% da receita de café arábica) não foram suficientes para compensar a redução das suas produtividades e, no caso de Minas, também da me-

nor área em produção. São Paulo e Espírito Santo tiveram discretos aumentos de área. (0,5 e 0,3%).

Os dados apurados neste 1º Levantamento indicam que apenas na Bahia e no Paraná poderá haver au-



mento de produção na safra 2017 em relação à safra 2016. Quanto aos preços, todos os estados apresentaram, em 2016 cotações superiores às praticadas no

mesmo mês de 2015 conforme pode ser observado na tabela 7.

Tabela 7 - Café arábica beneficiado -safra 2016 e 2017

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)					PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 kg			RECEITA BRUTA - R\$ MIL				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %		12/2015	12/2016	Var. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %	
		Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.					Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.
NORDESTE	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9	-	-	-	532.224,0	657.207,5	657.207,5	23,5	23,5
BA	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9	420,00	494,55	17,8	532.224,0	657.207,5	657.207,5	23,5	23,5
CENTRO-OESTE	228,1	200,1	208,4	-12,3	-8,6	-	-	-	101.393,2	100.188,6	104.347,0	-1,2	2,9
MT	1,3	1,1	1,2	-14,1	-6,3	365,00	550,00	50,7	467,2	605,0	660,0	29,5	41,3
GO	226,8	199,0	207,2	-12,3	-8,6	445,00	500,42	12,5	100.926,0	99.583,6	103.687,0	-1,3	2,7
SUDESTE	40.738,4	32.230,9	34.991,2	-20,9	-14,1	-	-	-	19.218.199,9	16.158.490,6	17.557.340,1	-15,9	-8,6
MG	30.427,9	25.105,6	26.505,6	-17,5	-12,9	476,25	498,73	4,7	14.491.287,4	12.520.915,9	13.219.137,9	-13,6	-8,8
ES	3.932,1	2.739,0	3.131,0	-30,3	-20,4	432,50	489,38	13,2	1.700.633,3	1.340.411,8	1.532.248,8	-21,2	-9,9
RJ	347,4	340,3	357,7	-2,0	3,0	425,63	496,88	16,7	147.863,9	169.088,3	177.734,0	14,4	20,2
SP	6.031,0	4.046,0	4.996,9	-32,9	-17,1	477,27	525,97	10,2	2.878.415,4	2.128.074,6	2.628.219,5	-26,1	-8,7
SUL	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2	-	-	-	410.298,4	578.844,0	627.081,0	41,1	52,8
PR	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2	391,88	482,37	23,1	410.298,4	578.844,0	627.081,0	41,1	52,8
OUTROS(*)	101,5	53,2	53,2	-47,6	-47,6	393,92	543,13	37,9	39.982,9	28.894,5	28.894,5	-27,7	-27,7
NORTE/NORDESTE	1.267,2	1.328,9	1.328,9	4,9	4,9	-	-	-	532.224,0	657.207,5	657.207,5	23,5	23,5
CENTRO-SUL	42.013,5	33.631,0	36.499,6	-20,0	-13,1	-	-	-	19.729.891,4	16.837.523,2	18.288.768,2	-14,7	-7,3
BRASIL	43.382,2	35.013,1	37.881,7	-19,3	-12,7	-	-	-	20.302.098,3	17.523.625,2	18.974.870,2	-13,7	-6,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF

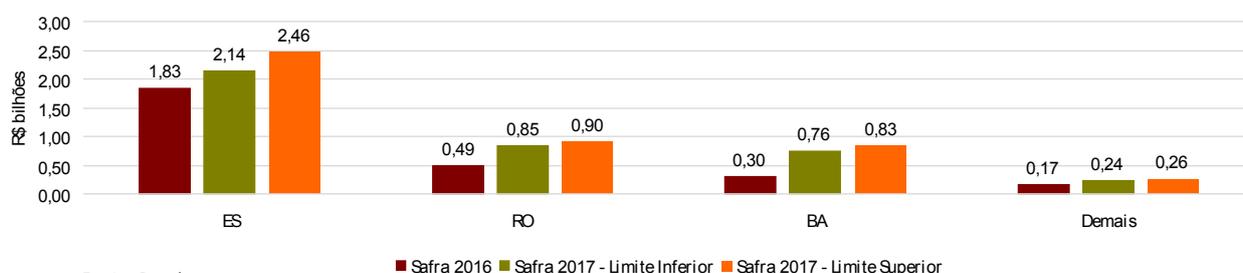
Segundo a pesquisa da Conab, o aumento médio da produtividade do café conilon no país, entre 13,4 e 26,5%, superou a redução de 4,7% na área. Em consequência disso, a produção deverá ter incrementos entre 8,1 e 20,5%.

Neste contexto de aumentos de produção e de preços, que variaram entre 28 e 78%, a receita bruta calculada para a safra atual, estimada entre R\$ 3,99 bilhões, no limite inferior de produção e R\$ 4,45 bilhões no

superior, supera em 43,1 e 59,5%, respectivamente, o montante de R\$ 2,79 bilhões da temporada 2016 (vide gráfico IV e tabela 2).

Cabe destacar a recuperação da produtividade normal da Bahia - terceiro maior produtor nacional de conilon - (de 18 para 31 a 34 sc/ha) e o aumento da área em produção, que, combinados, resultam numa safra entre 1,65 e 1,81 milhões de sacas, superando as 826,1 milhões de sacas colhidas em 2016.

Gráfico 36 - Receita Bruta de Café Conilon - Safra 2016 e Safra 2017 - A preços nominais - 12/2015 e 12/2016



Fonte: Conab.



Tabela 8 - Café conilon beneficiado -safra 2016 e 2017

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)					PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 kg			RECEITA BRUTA - R\$ MIL				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %		12/2015	12/2016	Var. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %	
		Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.					Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.
NORTE	1.642,0	1.888,0	2.003,7	15,0	22,0	-	-	-	497.325,5	851.661,3	903.998,2	71,2	81,8
RO	1.626,9	1.870,0	1.985,7	14,9	22,1	303,56	452,35	49,0	493.861,8	845.894,5	898.231,4	71,3	81,9
AM	6,0	6,7	6,7	11,7	11,7	197,40	260,00	31,7	1.184,4	1.742,0	1.742,0	47,1	47,1
PA	9,1	11,3	11,3	24,2	24,2	250,48	356,18	42,2	2.279,4	4.024,8	4.024,8	76,6	76,6
NORDESTE	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1	-	-	-	295.330,8	755.012,3	828.120,8	155,6	180,4
BA	826,1	1.650,3	1.810,1	99,8	119,1	357,50	457,50	28,0	295.330,8	755.012,3	828.120,8	155,6	180,4
CENTRO-OESTE	124,1	164,5	172,9	32,6	39,3	-	-	-	35.368,5	74.411,6	78.211,3	110,4	121,1
MT	124,1	164,5	172,9	32,6	39,3	285,00	452,35	58,7	35.368,5	74.411,6	78.211,3	110,4	121,1
SUDESTE	5.331,5	4.896,4	5.603,6	-8,2	5,1	-	-	-	1.944.792,1	2.290.976,7	2.620.806,3	17,8	34,8
MG	296,2	291,4	308,6	-1,6	4,2	385,41	508,03	31,8	114.158,4	148.039,9	156.778,1	29,7	37,3
ES	5.035,3	4.605,0	5.295,0	-8,5	5,2	363,56	465,35	28,0	1.830.633,7	2.142.936,8	2.464.028,3	17,1	34,6
OUTROS(*)	63,3	37,8	37,8	-40,3	-40,3	225,00	400,00	77,8	14.242,5	15.120,0	15.120,0	6,2	6,2
NORTE/NORDESTE	2.468,1	3.538,3	3.813,8	43,4	54,5	-	-	-	792.656,3	1.606.673,5	1.732.118,9	102,7	118,5
CENTRO-SUL	5.455,6	5.060,9	5.776,5	-7,2	5,9	-	-	-	1.980.160,6	2.365.388,3	2.699.017,6	19,5	36,3
BRASIL	7.987,0	8.637,0	9.628,1	8,1	20,5	-	-	-	2.787.059,4	3.987.181,8	4.446.256,5	43,1	59,5

Legenda: (*) Acre e Ceará

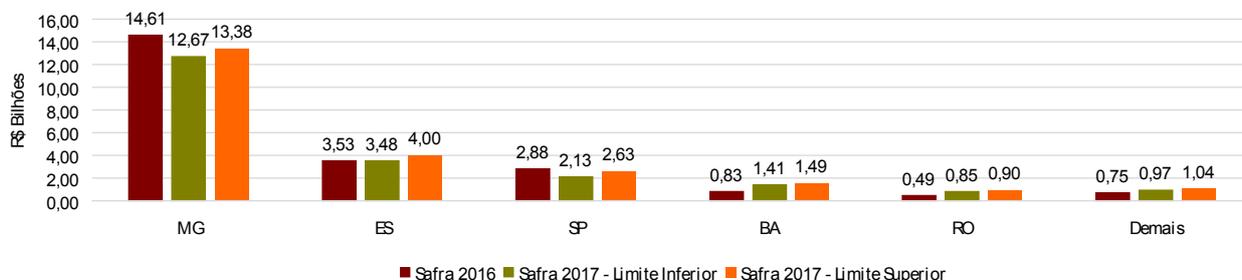
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Somando os valores de arábica e conilon, a receita bruta total do café, na safra 2017, se situará entre R\$ 21,51 bilhões, no limite inferior de produção e R\$ 23,42

bilhões ante o valor de 23,09 bilhões estimados para a safra 2016, conforme demonstrado no gráfico 5 e na tabela 3, a seguir.

Gráfico 37 - Receita Bruta Total de Café (Arábica e Conilon) - Safra 2016 e Safra 2017 - A preços nominais - 12/2015 e 12/2016



Fonte: Conab.



Tabela 9 - Total do café beneficiado -safra 2016 e 2017

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)					PREÇO RECEBIDO - R\$ sc/60 kg			RECEITA BRUTA - R\$ MIL				
	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %		12/2015	12/2016	Var. %	SAFRA 2016	SAFRA 2017		Variação %	
		Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.					Lim. Inferior	Lim. Superior	Lim. Inf.	Lim. Sup.
NORTE	1.642,0	1.888,0	2.003,7	15,0	22,0	302,88	451,13	49,0	497.325,5	851.661,3	903.998,2	71,2	81,8
RO	1.626,9	1.870,0	1.985,7	14,9	22,1	303,56	452,35	49,0	493.861,8	845.894,5	898.231,4	71,3	81,9
AM	6,0	6,7	6,7	11,7	11,7	197,40	260,00	31,7	1.184,4	1.742,0	1.742,0	47,1	47,1
PA	9,1	11,3	11,3	24,2	24,2	250,48	356,18	42,2	2.279,4	4.024,8	4.024,8	76,6	76,6
NORDESTE	2.093,3	2.979,2	3.139,0	42,3	50,0	395,33	473,61	19,8	827.554,8	1.412.219,7	1.485.328,2	70,6	79,5
BA	2.093,3	2.979,2	3.139,0	42,3	50,0	395,33	473,61	19,8	827.554,8	1.412.219,7	1.485.328,2	70,6	79,5
CENTRO-OESTE	352,2	364,6	381,3	3,5	8,3	388,33	478,83	23,3	136.761,7	174.600,2	182.558,3	27,7	33,5
MT	125,4	165,6	174,1	32,1	38,9	285,82	453,01	58,5	35.835,7	75.016,6	78.871,3	109,3	120,1
GO	226,8	199,0	207,2	-12,3	-8,6	445,00	500,42	12,5	100.926,0	99.583,6	103.687,0	-1,3	2,7
SUDESTE	46.069,9	37.127,3	40.594,8	-19,4	-11,9	459,37	496,99	8,2	21.162.992,0	18.449.467,3	20.178.146,4	-12,8	-4,7
MG	30.724,1	25.397,0	26.814,2	-17,3	-12,7	475,37	498,84	4,9	14.605.445,8	12.668.955,8	13.375.915,9	-13,3	-8,4
ES	8.967,4	7.344,0	8.426,0	-18,1	-6,0	393,79	474,30	20,4	3.531.266,9	3.483.348,6	3.996.277,0	-1,4	13,2
RJ	347,4	340,3	357,7	-2,0	3,0	425,63	496,88	16,7	147.863,9	169.088,3	177.734,0	14,4	20,2
SP	6.031,0	4.046,0	4.996,9	-32,9	-17,1	477,27	525,97	10,2	2.878.415,4	2.128.074,6	2.628.219,5	-26,1	-8,7
SUL	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2	391,88	482,37	23,1	410.298,4	578.844,0	627.081,0	41,1	52,8
PR	1.047,0	1.200,0	1.300,0	14,6	24,2	391,88	482,37	23,1	410.298,4	578.844,0	627.081,0	41,1	52,8
OUTROS(*)	164,8	91,0	91,0	-44,8	-44,8	329,04	483,68	47,0	54.225,4	44.014,5	44.014,5	-18,8	-18,8
NORTE/NORDESTE	3.735,3	4.867,2	5.142,7	30,3	37,7	354,69	464,87	31,1	1.324.880,3	2.263.881,0	2.389.326,4	70,9	80,3
CENTRO-SUL	47.469,1	38.691,9	42.276,1	-18,5	-10,9	457,35	496,37	8,5	21.710.052,0	19.202.911,4	20.987.785,8	-11,5	-3,3
BRASIL	51.369,2	43.650,1	47.509,8	-15,0	-7,5	449,47	492,89	9,7	23.089.157,7	21.510.807,0	23.421.126,7	-6,8	1,4

Legenda: (*) AC, CE, PE, MS e DF

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

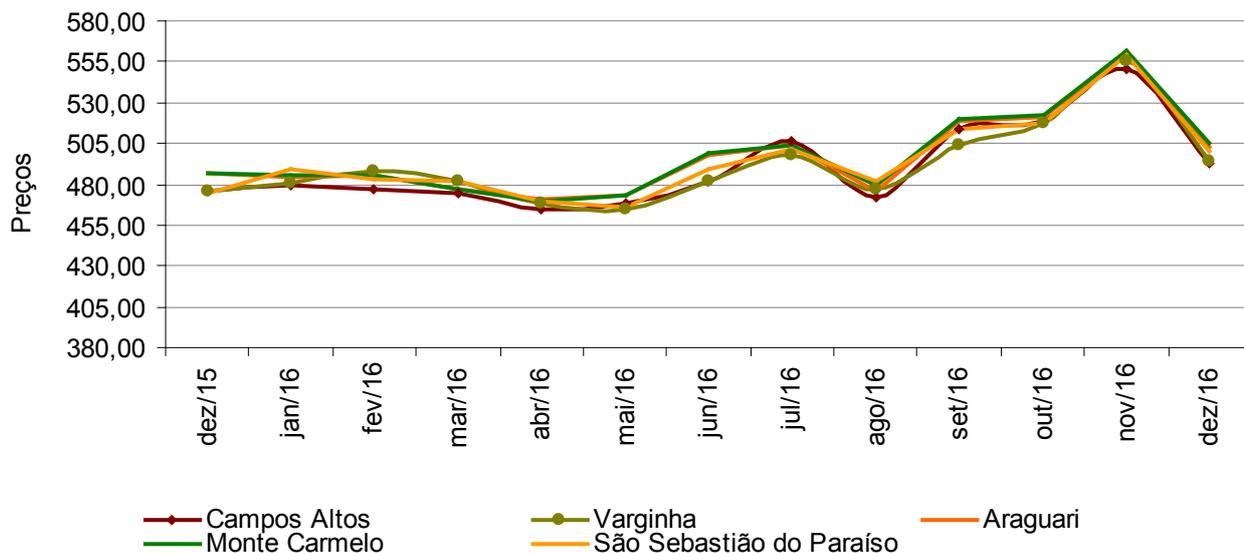




11. PREÇOS DO CAFÉ BENEFICIADO

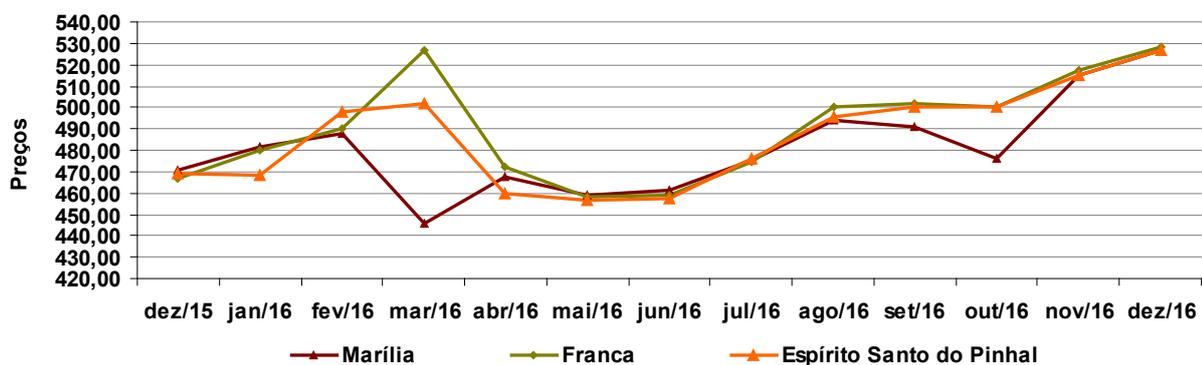
11.1. PREÇOS DO CAFÉ ARÁBICA

Gráfico 38 -Preços café arábica - MG



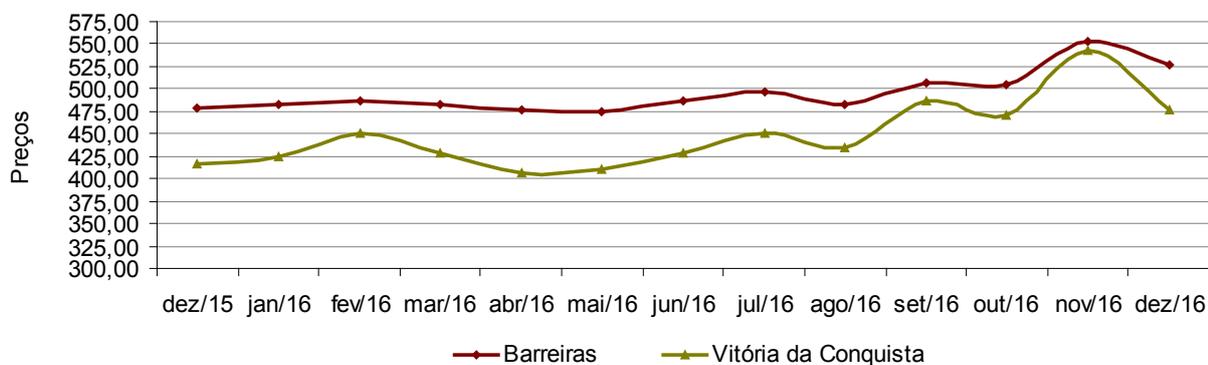
Fonte:Conab

Gráfico 39 -Preços café arábica - SP



Fonte:Conab

Gráfico 40 -Preços café arábica - BA



Fonte:Conab



Gráfico 41 -Preços café arábica - PR

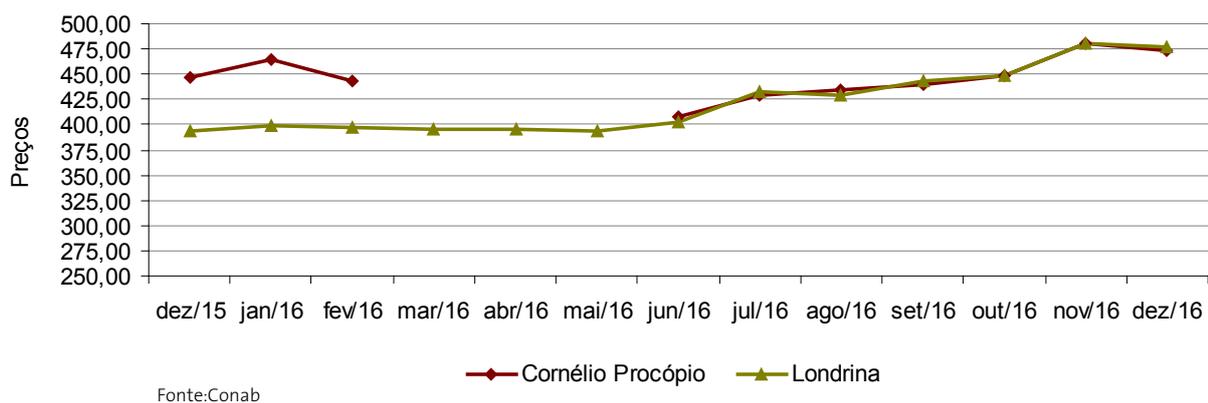
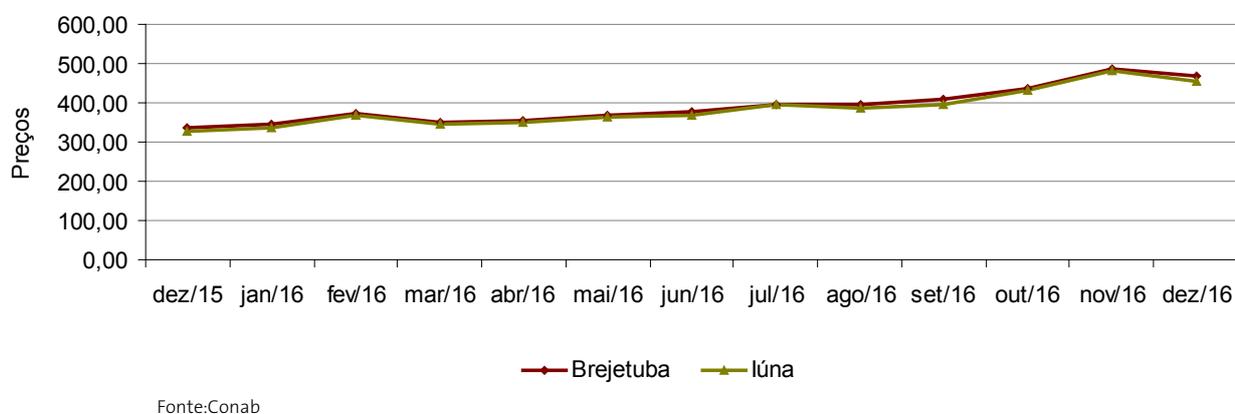


Gráfico 42 -Preços café arábica - ES



11.2. PREÇOS DO CAFÉ CONILON

Gráfico 43 -Preços café conilon - ES

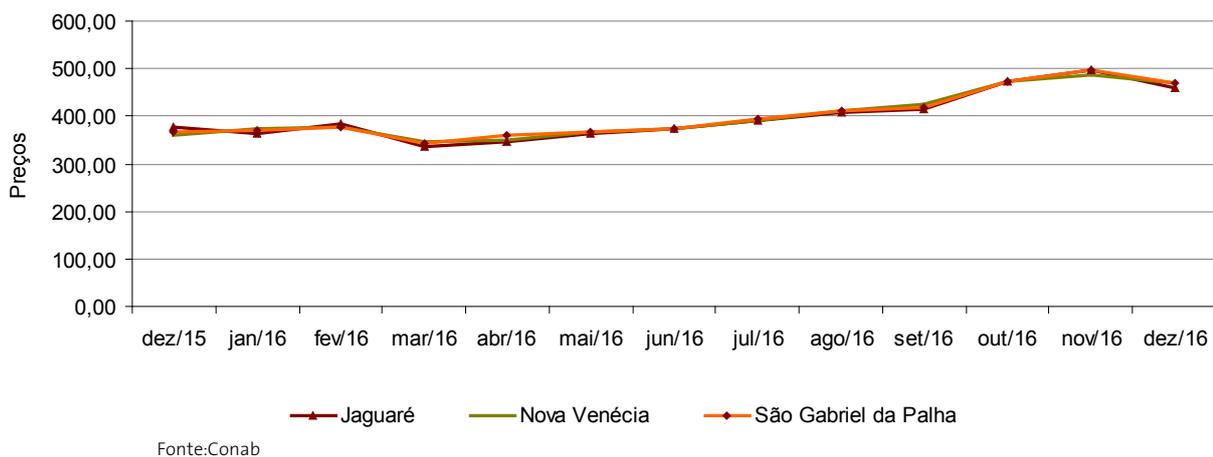
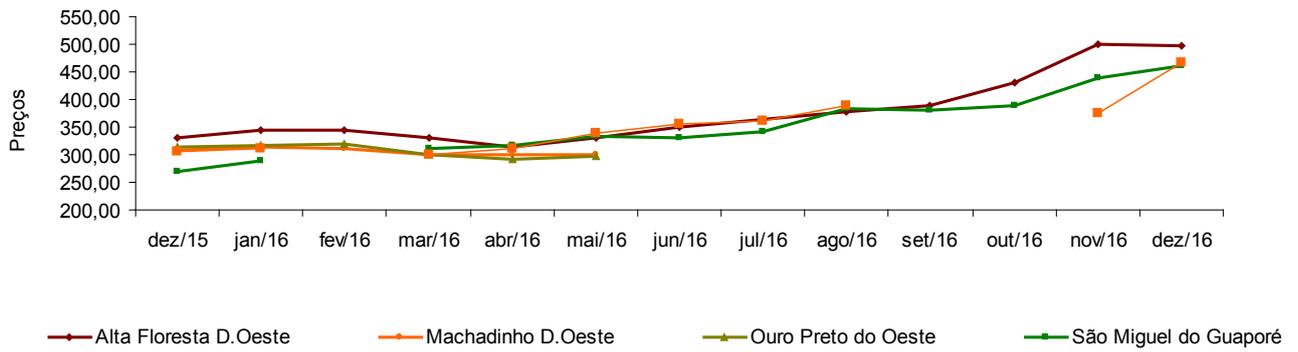


Gráfico 44 -Preços café conilon - RO



Fonte: Conab



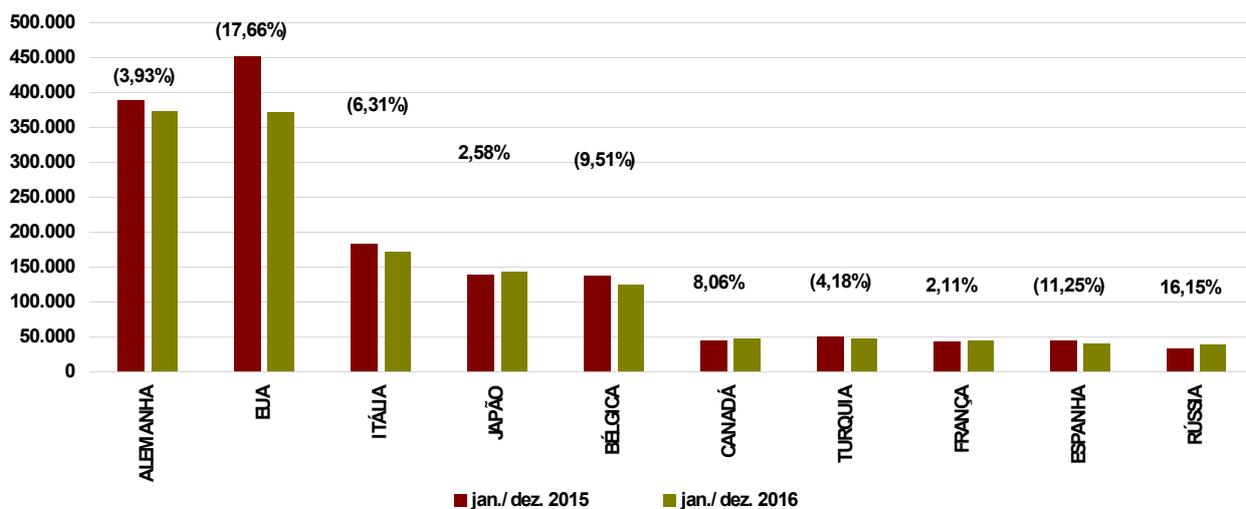


12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

AO Brasil mantém sua posição de maior exportador mundial de café. De janeiro a dezembro de 2016, o café representou 6,44% das exportações do agronegócio brasileiro, ocupando a 5ª posição no ranking, com receita de US\$ 5,47 bilhões. Os principais destinos foram Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão e Bélgica.

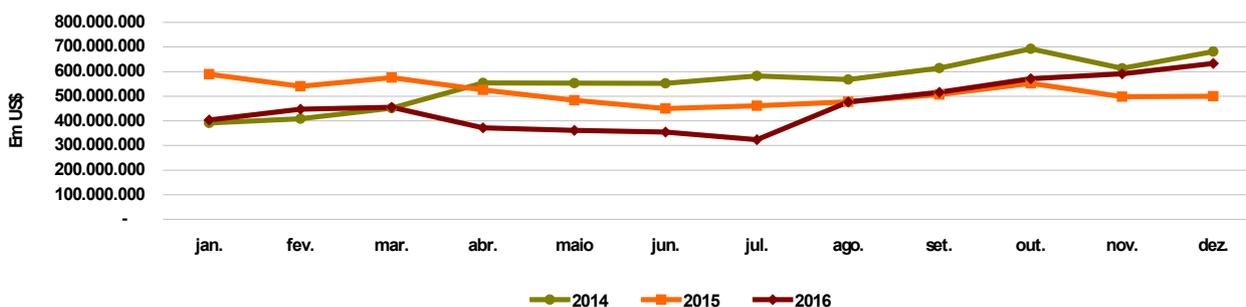
As exportações brasileiras de café alcançaram 31,97 milhões de sacas de 60kg em 2016, volume 8,28% inferior ao negociado na temporada anterior (34,86 milhões), aponta os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). As exportações brasileiras em 2016 foram para 130 países, sendo que os 10 maiores exportadores respondem por 73% dos embarques.

Gráfico 45 – Principais países importadores de café em 2015 e 2016



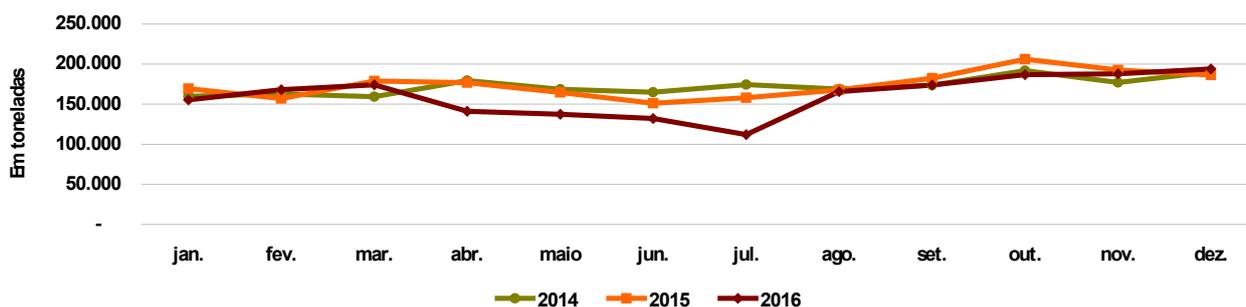
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2015 a dezembro de 2016.

Gráfico 46 – Exportações brasileiras de café em dólares.



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a dezembro de 2016.

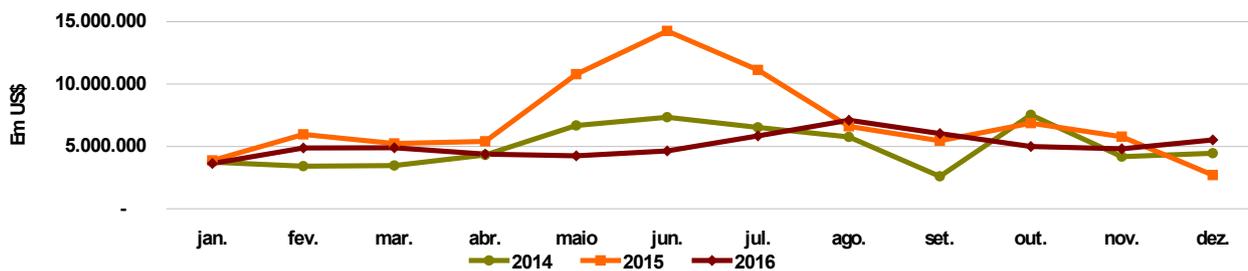
Gráfico 47 – Exportações brasileiras de café em toneladas.



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a dezembro de 2016.

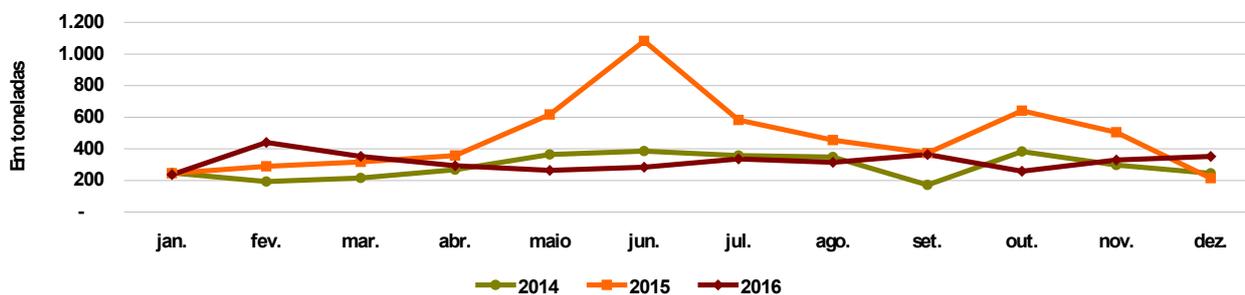


Gráfico 48 – Importações brasileiras de café em dólares.



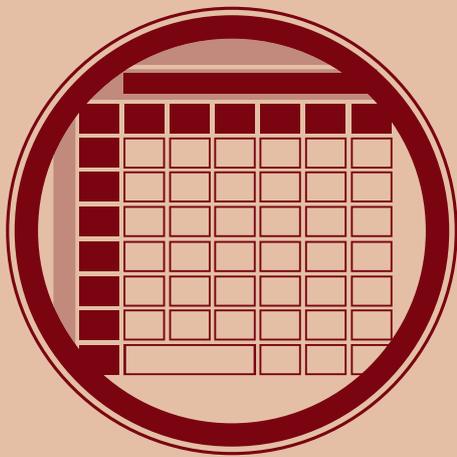
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a dezembro de 2016.

Gráfico 49 – Importações brasileiras de café em toneladas.



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC.
Nota: Dados de janeiro 2014 a dezembro de 2016.





13. PARQUE CAFEIRO

Tabela 10 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	12.677,3	12.821,5	1,1	136.234,9	135.561,6	(0,5)	148.912,2	148.383,1	(0,4)
RO	12.510,2	12.510,2	-	133.822,2	133.822,2	-	146.332,4	146.332,4	-
AM	110,0	110,0	-	715,4	715,4	-	825,4	825,4	-
PA	57,1	201,3	252,5	1.697,3	1.024,0	(39,7)	1.754,4	1.225,3	(30,2)
NORDESTE	45.659,2	59.745,6	30,9	474.299,5	497.996,1	5,0	519.958,7	557.741,7	7,3
BA	45.659,2	59.745,6	30,9	474.299,5	497.996,1	5,0	519.958,7	557.741,7	7,3
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	22.982,3	(3,4)	259.175,2	274.152,2	5,8	282.964,1	297.134,5	5,0
Atlântico	6.310,8	18.338,3	190,6	152.820,3	170.658,9	11,7	159.131,1	188.997,2	18,8
CENTRO-OESTE	9.517,7	9.617,5	1,0	48.578,1	46.219,6	(4,9)	58.095,8	55.837,1	(3,9)
MT	3.199,7	2.871,5	(10,3)	22.340,5	20.718,6	(7,3)	25.540,2	23.590,1	(7,6)
GO	6.318,0	6.746,0	6,8	26.237,6	25.501,0	(2,8)	32.555,6	32.247,0	(0,9)
SUDESTE	852.763,7	1.063.423,0	24,7	4.918.699,4	4.761.992,4	48,2	5.771.463,1	5.825.415,4	0,9
MG	670.260,4	866.091,7	29,2	3.119.980,4	3.016.941,5	(3,3)	3.790.240,8	3.883.033,2	2,4
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	516.218,9	38,4	1.572.659,8	1.481.944,3	(5,8)	1.945.781,3	1.998.163,2	2,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	178.317,4	74,9	640.766,0	592.252,1	(7,6)	742.709,1	770.569,5	3,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	184.418,3	160.239,7	(13,1)	808.779,1	845.744,8	4,6	993.197,4	1.005.984,5	1,3
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.777,5	11.315,7	5,0	97.775,5	97.000,3	(0,8)	108.553,0	108.316,0	(0,2)
ES	139.262,0	153.888,0	10,5	1.094.239,0	1.039.327,0	(5,0)	1.233.501,0	1.193.215,0	(3,3)
RJ	2.142,8	2.142,8	-	41.982,9	41.982,9	-	44.125,7	44.125,7	-
SP	41.098,5	41.300,5	0,5	662.497,1	663.741,0	0,2	703.595,6	705.041,5	0,2
SUL	15.100,0	13.800,0	(8,6)	151.700,0	152.500,0	0,5	166.800,0	166.300,0	(0,3)
PR	15.100,0	13.800,0	(8,6)	151.700,0	152.500,0	0,5	166.800,0	166.300,0	(0,3)
OUTROS	1.814,6	1.139,7	(37,2)	32.257,4	23.165,5	(28,2)	34.072,0	24.305,2	(28,7)
NORTE/NORDESTE	58.336,5	72.567,1	24,4	610.534,4	633.557,7	3,8	668.870,9	706.124,8	5,6
CENTRO-SUL	877.381,4	1.086.840,5	23,9	5.118.977,5	4.960.712,0	(3,1)	5.996.358,9	6.047.552,5	0,9
BRASIL	937.532,5	1.160.547,3	23,8	5.761.769,3	5.617.435,2	(2,5)	6.699.301,8	6.777.982,5	1,2

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.



Tabela 11 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016(a)	Safra 2017 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2016 (c)	Safra 2017 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2016(e)	Safra 2017 (f)	VAR. % (e/f)
NORDESTE	39.348,4	41.407,3	5,2	321.479,2	327.337,2	1,8	360.827,6	368.744,5	2,2
BA	39.348,4	41.407,3	5,2	321.479,2	327.337,2	1,8	360.827,6	368.744,5	2,2
Cerrado	15.559,5	18.425,0	18,4	62.304,0	53.185,0	(14,6)	77.863,5	71.610,0	(8,0)
Planalto	23.788,9	22.982,3	(3,4)	259.175,2	274.152,2	5,8	282.964,1	297.134,5	5,0
CENTRO-OESTE	6.318,0	6.753,5	6,9	26.362,6	25.626,0	(2,8)	32.680,6	32.379,5	(0,9)
MT	-	7,50	-	125,0	125,0	-	125,0	132,5	6,0
GO	6.318,0	6.746,0	6,8	26.237,6	25.501,0	(2,8)	32.555,6	32.247,0	(0,9)
SUDESTE	773.545,2	971.066,0	25,5	4.299.197,4	4.197.260,9	(2,4)	5.072.742,6	5.168.326,9	1,9
MG	666.245,9	862.787,7	29,5	3.081.784,4	2.978.484,0	(3,4)	3.748.030,3	3.841.271,7	2,5
Sul e Centro-Oeste	373.121,5	516.218,9	38,4	1.572.659,8	1.481.944,3	(5,8)	1.945.781,3	1.998.163,2	2,7
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	101.943,1	178.317,4	74,9	640.766,0	592.252,1	(7,6)	742.709,1	770.569,5	3,8
Zona da Mata, Rio Doce e Central	181.808,9	158.092,1	(13,0)	783.951,7	820.747,3	4,7	965.760,6	978.839,4	1,4
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.372,4	10.159,3	8,4	84.406,9	83.540,3	(1,0)	93.779,3	93.699,6	(0,1)
ES	64.058,0	64.835,0	1,2	512.933,0	513.053,0	-	576.991,0	577.888,0	0,2
RJ	2.142,8	2.142,8	-	41.982,9	41.982,9	-	44.125,7	44.125,7	-
SP	41.098,5	41.300,5	0,5	662.497,1	663.741,0	0,2	703.595,6	705.041,5	0,2
SUL	15.100,0	13.800,0	(8,6)	151.700,0	152.500,0	0,5	166.800,0	166.300,0	(0,3)
PR	15.100,0	13.800,0	(8,6)	151.700,0	152.500,0	0,5	166.800,0	166.300,0	(0,3)
OUTROS	1.104,4	1.139,7	3,2	23.567,4	18.900,5	(19,8)	24.671,8	20.040,2	(18,8)
NORTE/NORDESTE	39.348,4	41.407,3	5,2	321.479,2	327.337,2	1,8	360.827,6	368.744,5	2,2
CENTRO-SUL	794.963,2	991.619,5	24,7	4.477.260,0	4.375.386,9	(2,3)	5.272.223,2	5.367.006,4	1,8
BRASIL	835.416,0	1.034.166,5	23,8	4.822.306,6	4.721.624,6	(2,1)	5.657.722,6	5.755.791,1	1,7

Legenda: (*) Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Tabela 12 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total

REGIÃO/UF	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2016(a)	Safra 2017 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2016 (c)	Safra 2017 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2016(e)	Safra 2017 (f)	VAR. % (e/f)
NORTE	12.677,3	12.821,5	1,1	136.234,9	135.561,6	(0,5)	148.912,2	148.383,1	(0,4)
RO	12.510,2	12.510,2	-	133.822,2	133.822,2	-	146.332,4	146.332,4	-
AM	110,0	110,0	-	715,4	715,4	-	825,4	825,4	-
PA	57,1	201,3	252,5	1.697,3	1.024,0	(39,7)	1.754,4	1.225,3	(30,2)
NORDESTE	6.310,8	18.338,3	190,6	152.820,3	170.658,9	11,7	159.131,1	188.997,2	18,8
BA	6.310,8	18.338,3	190,6	152.820,3	170.658,9	11,7	159.131,1	188.997,2	18,8
Atlântico	6.310,8	18.338,3	190,6	152.820,3	170.658,9	11,7	159.131,1	188.997,2	18,8
CENTRO-OESTE	3.199,7	2.864,0	(10,5)	22.215,5	20.593,6	(7,3)	25.415,2	23.457,6	(7,7)
MT	3.199,7	2.864,0	(10,5)	22.215,5	20.593,6	(7,3)	25.415,2	23.457,6	(7,7)
SUDESTE	79.218,5	92.357,0	16,6	619.502,0	564.731,5	(8,8)	698.720,5	657.088,5	(6,0)
MG	4.014,5	3.304,0	(17,7)	38.196,0	38.457,5	0,7	42.210,5	41.761,5	(1,1)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.609,4	2.147,6	(17,7)	24.827,4	24.997,5	0,7	27.436,8	27.145,1	(1,1)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.405,1	1.156,4	(17,7)	13.368,6	13.460,0	0,7	14.773,7	14.616,4	(1,1)
ES	75.204,0	89.053,0	18,4	581.306,0	526.274,0	(9,5)	656.510,0	615.327,0	(6,3)
OUTROS	710,2	-	(100,0)	8.690,0	4.265,0	(50,9)	9.400,2	4.265,0	(54,6)
NORTE/NORDESTE	18.988,1	31.159,8	64,1	289.055,2	306.220,5	5,9	308.043,3	337.380,3	9,5
CENTRO-SUL	82.418,2	95.221,0	15,5	641.717,5	585.325,1	(8,8)	724.135,7	680.546,1	(6,0)
BRASIL	102.116,5	126.380,8	23,8	939.462,7	895.810,6	(4,6)	1.041.579,2	1.022.191,4	(1,9)

Legenda: (*) Acre e Ceará.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2017.





14. CALENDÁRIO DE COLHEITA

A colheita de café segue um calendário bem definido que geralmente se inicia no em março e termina em outubro, fato que ocorreu nas últimas safras, sendo que na safra 2017 a estimativa é que ocorra o mesmo padrão. A concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita tardia de forma a não prejudicar a florada da próxima safra..

Tabela 13 - Café beneficiado - Safra 2017 - Estimativa mensal de colheita

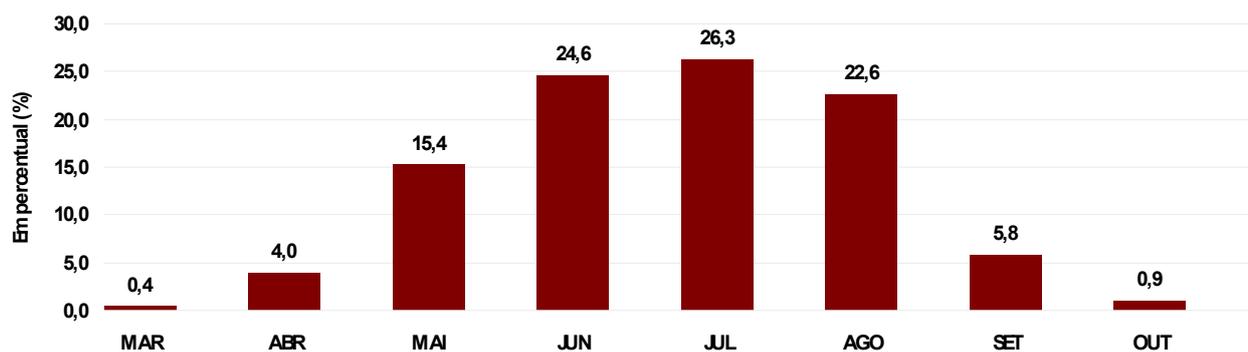
U.F	PRODUÇÃO	MARÇO		ABRIL		MAIO		JUNHO		JULHO		AGOSTO		SETEMBRO		OUTUBRO	
		%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd
NORTE	1.945,9	5,0	96,4	15,1	293,5	40,0	777,6	30,0	584,0	10,0	194,5	-	-	-	-	-	-
RO	1.927,9	5,0	96,4	15,0	289,2	40,0	771,1	30,0	578,4	10,0	192,8	-	-	-	-	-	-
AM	6,7	-	-	25,0	1,7	25,0	1,7	25,0	1,7	25,0	1,7	-	-	-	-	-	-
PA	11,3	-	-	23,0	2,6	42,0	4,7	35,0	4,0	-	-	-	-	-	-	-	-
NORDESTE	3.059,1	2,8	86,5	13,1	399,7	31,4	959,4	20,6	628,7	17,6	537,8	11,4	347,9	2,6	79,2	0,6	19,8
BA	3.059,1	2,8	86,5	13,1	399,7	31,4	959,4	20,6	628,7	17,6	537,8	11,4	347,9	2,6	79,2	0,6	19,8
Cerrado	338,5	-	-	10,0	33,9	30,0	101,6	25,0	84,6	20,0	67,7	15,0	50,8	-	-	-	-
Planalto	990,4	-	-	2,0	19,8	8,0	79,2	20,0	198,1	30,0	297,1	30,0	297,1	8,0	79,2	2,0	19,8
Atlântico	1.730,2	5,0	86,5	20,0	346,0	45,0	778,6	20,0	346,0	10,0	173,0	-	-	-	-	-	-
CENTRO-OESTE	373,0	3,2	11,9	15,3	56,9	23,5	87,6	23,9	89,3	23,2	86,7	10,9	40,6	-	-	-	-
MT	169,9	7,0	11,9	33,5	56,9	39,6	67,3	16,7	28,4	3,2	5,4	-	-	-	-	-	-
GO	203,1	-	-	-	-	10,0	20,3	30,0	60,9	40,0	81,2	20,0	40,6	-	-	-	-
SUDESTE	38.861,1	-	-	2,6	993,8	13,0	5.066,8	25,0	9.705,8	27,1	10.545,6	24,9	9.686,1	6,3	2.452,2	1,1	410,9
MG	26.105,6	-	-	1,0	261,1	8,0	2.088,4	22,0	5.743,2	30,0	7.831,7	30,0	7.831,7	8,0	2.088,4	1,0	261,1
ES	7.885,0	-	-	7,4	583,5	29,4	2.318,2	34,4	2.712,4	15,6	1.230,1	8,7	686,0	2,6	205,0	1,9	149,8
RJ	349,0	-	-	-	-	-	-	8,4	29,3	41,7	145,5	39,4	137,5	10,5	36,6	-	-
SP	4.521,5	-	-	3,3	149,2	14,6	660,1	27,0	1.220,8	29,6	1.338,3	22,8	1.030,9	2,7	122,1	-	-
SUL	1.250,0	-	-	5,0	62,5	7,0	87,5	15,0	187,5	49,0	612,5	17,0	212,5	7,0	87,5	-	-
PR	1.250,0	-	-	5,0	62,5	7,0	87,5	15,0	187,5	49,0	612,5	17,0	212,5	7,0	87,5	-	-
OUTROS	91,0	-	-	10,0	9,1	20,0	18,2	30,0	27,3	30,0	27,3	5,0	4,6	5,0	4,6	-	-
NORTE/NORDESTE	5.005,0	3,7	182,9	13,8	693,1	34,7	1.736,9	24,2	1.212,7	14,6	732,3	7,0	347,9	1,6	79,2	0,4	19,8
CENTRO-SUL	40.484,0	0,0	11,9	2,7	1.113,2	12,9	5.241,8	24,7	9.982,6	27,8	11.244,8	24,6	9.939,2	6,3	2.539,7	1,0	410,9
BRASIL	45.580,0	0,4	194,8	4,0	1.815,4	15,4	6.997,0	24,6	11.222,6	26,3	12.004,4	22,6	10.291,6	5,8	2.623,5	0,9	430,7

Legenda: * Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em janeiro/2017.

Gráfico 50 - Estimativa mensal de colheita



Fonte: Conab

Nota: Estimativa em janeiro/2017.







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

